

Diário de Lisboa

Edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
SEXTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 129 ANO 50.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO
A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

CHUVA EM AGOSTO

Lisboa acordou hoje em pleno Inverno. Inverno aparente, claro, porque a chuva de Agosto é pouca e breve. Aliás, não vale a pena fazer grande espanto, por chover em Agosto não é tão raro como isso... Praticamente (pelo menos nos últimos 30 anos) só o Algarve se pode gabar de não ter chuva no Verão. (Ler notícia na página 9)



Meio milhão de contos

— saldo positivo da balança
comercial de Angola em 6 meses

A balança comercial de Angola registou, no primeiro semestre deste ano, um saldo positivo de mais de meio milhão de contos, segundo infor-

mação da Agência Lusitânia que cita estatísticas divulgadas pelo Centro de Informação e Turismo da província. Por sua vez, notícias vindas de Lourenço Marques revelam que, nos cinco primeiros meses do ano, a balança de pagamentos de Moçambique registou um saldo negativo de mais de 790 mil contos (Cont. na última página)

LER NA
2.ª PAG.

«O DELFIM»
CONSIDERADO
EM FRANÇA
COMO UM
DOS MELHORES LIVROS DO ANO



José Cardoso Pires — prestígio em França

Israel diz «não» a uma força russo-americana

TEL-AVIV, 28 — (F. P.)
— O vice-presidente do Conselho, Yigal Allon, fa-

HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

lando ontem, à noite, em Tel-Aviv, rejeitou a «ideia» lançada pelos conselheiros da Casa Branca para a criação de uma força comum a americano-soviética

(Continua na última página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — LER NA 2.ª PAG.



SÓ MAIS TRÊS DIAS PARA ENTREGA DOS CUPÕES

Como já dissemos, termina impreterivelmente no próximo dia 31 o prazo estabelecido para a recepção das colecções de cupões do concurso «Férias no Mundo», após o que se procederá à numeração das colecções entregues e, posteriormente, ao envio, a cada um dos concorrentes, dos talões numerados que habilitam ao sorteio dos valiosos prémios instituídos para esta iniciativa.

Mais uma vez — e pela última vez — se avisam os concorrentes que preencheram erradamente os seus boletins de que devem enviar, igualmente até ao dia 31, um postal indicando o seu nome e morada e a cidade que desejam visitar, tendo em atenção que a escolha terá de cair numa das seguintes cidades: Londres, Paris, Amsterdão, Copenhague, Bruxelas, Madrid, Génève, Frankfurt, Buenos Aires, Nova York, Rio de Janeiro, Joanesburgo e Salisbúria.

DISTINÇÃO PARA JOSÉ CARDOSO PIRES

«O DELFIM» CLASSIFICADO COMO UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO EM FRANÇA

A versão francesa de «O Delfim», de José Cardoso Pires, foi classificada pelo suplemento literário de «Le Monde» como um dos treze melhores romances estrangeiros traduzidos este ano em França. Na lista, elaborada com um critério de selecção extremamente rigoroso, figuram obras de Jorge Luís Borges («Evaristo Carriego»), Italo Calvino («Tempo Zero»), Ernesto Hemingway («By-Line»), Norman Mailer («The Armies of the Night») e Graham Greene («Travels with my Aunt»).

Último livro em data do nosso distinto colaborador, «O Delfim», tem sido sucessivamente reeditado entre nós, constituindo, sem a mínima reticência, uma das obras da moderna ficção portuguesa realmente mais lidas, discutidas e analisadas em letra de forma. Ao promover a sua tradução para francês a casa Gallimard (que ali revelou José Cardoso Pires com a versão de «O Hóspede de Job» assegurou-lhe de imediato uma projecção excepcional, que os repetidos elogios da crítica mais avolumam.

Um dos melhores também para «La Quinzaine»

Além José Cardoso Pires não logrou apenas esta tradução: contratado como autor Gallimard — o que é uma distinção inédita para a nossa literatura —, outros volumes seus a parecerão em francês.

Também para «La Quinzaine»

«Jockey Bar»

Inaugurou-se ontem, na Rua Nova de S. Mamede, 52, o «Jockey Bar» de que é gerente o sr. Leonel Silva Graça. Para assinalar o facto, foi servido um «cocktail» a numerosos convidados. O novo estabelecimento reúne todas as condições para agradar aos seus futuros frequentadores.

ne Littéraire» o último romance de José Cardoso Pires está entre as melhores obras estrangeiras que os franceses conheceram em 1969-1970.

Note-se a propósito que na lista de «La Quinzaine», não aparecem Hemingway, Calvino, Mailer e Greene. Em contrapartida surgem Julio Cortázar, Guillermo Cabrera Infante e Mario Vargas Llosa, três sul-americanos que já não são descoberta para o público leitor francês e outros nomes de primeira água: John Barth, Yasunari Kawabata, Philip Roth.

Numa das suas últimas edições igualmente o semanário «L'Express», pela pena de Claude Mettra, se debruça sobre «O Delfim».

São dois terços de página (com uma fotografia de Jerry Bauer, correspondente da revista em Londres) de minuciosa análise, a que não falta uma tentativa de definição da singular arquitectura novelística de «O Delfim». Para Mettra há como que «escritas sucessivas, inquiridas, monótonas, diálogos, diário, graças aos quais o romancista espera apossar a paisagem obscura para despojar-la dos seus sortilégios».

«Como Robert Pinget ou Claude Simon — acrescenta o crítico de «L'Express» —, errando no tempo para desviar os rostos humildes, José Cardoso Pires esforça-se por delimitar as fronteiras duma existência que poderíamos nomear e descrever porque ela obedece à sua própria exigência. (...)»

«A realidade porém está ausente, os homens e as mulheres desaparecem sob máscaras indecifráveis, a terra é como o céu, uma superfície plana que deforma os sonhos de cada um; os acontecimentos, todas as coisas da vida onde se escondem os jogos do desejo, do orgulho e da morte, são apenas sinais, marcas, insignificantes na sua opacidade e que desenham na indiferença o ritmo dos dias e das estações».

«Finalmente, para o poeta Marc Alyn (in «Le Figaro

Littéraire») o autor português «usa com mestria e naturalidade (...), entre Stendhal e o nouveau roman, as oposições de estilo mais vinçadas para tornar sensível a divisão das suas personagens» acrescentando que «O Delfim» confirma a promessa de «O Hóspede de Job», «romance a todos os títulos notável».

Por efeitos de uma trovoadade tem de ser adiada a abertura do 2.º canal da TV para o Norte

PORTO, 28 — A abertura do segundo canal da R. T. P., que abrangerá grande parte do Norte do País, estava prevista para o dia 1 de Setembro. Um caso imponderável impõe, porém, que aquela data seja alterada, não se sabe se para a segunda quinzena do mesmo mês, se para o dia 1 de Outubro.

Um dos transmissores intermediários (instalados na serra de Aire e em Arístal) foi seriamente afectado pela forte trovoadade do passado dia 2. Houve, portanto, necessidade de se adquirir peças sobressalentes, que hão-de vir de avião, da Noruega (de onde ainda não saíram), e só depois da sua instalação se poderá abrir o canal.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

SE HÁ CÓLERA EM CONAKRY A SITUAÇÃO É MUITO GRAVE

— afirma a OMS

NAÇÕES UNIDAS (Genebra), 28 — (F. P.) — Um porta-voz da Organização Mundial da Saúde confirmou oficialmente esta manhã as informações até agora de fonte oficial segundo as quais a epidemia de cólera assinalada no princípio do mês na União Soviética está a espalhar-se muito mais rapidamente do que o indicam as notificações dos governos.

«De várias fontes científicas, disse o informador, sabemos que foram registados casos de cólera em países que não nos enviaram notificação desse aparecimento. Mas o regulamento sanitário internacional, que se aplica unicamente à cólera, à varíola, à febre amarela, ao tifo e à febre recorrente, impede-nos de apontar os casos que não nos tenham sido assinalados oficialmente».

O porta-voz da O. M. S. recusou-se a confirmar ou a desmentir as informações da imprensa que indicam que a epidemia misteriosa que atingiu 230 pessoas e causou 27 mortes na República da Guiné, seria a cólera. «Seria a primeira vez, afirmou ele, que a cólera seria encontrada ao sul do Saara».

O porta-voz qualificou a situação como «séria». «Não temos inquirições, explicou ele, quanto à U.R.S.S. e a Israel, onde o nível dos serviços médicos é absolutamente suficiente para fazer face à epidemia e limitar a sua expansão. Mas a situação seria muito mais preocupante se realmente se confirmasse que a doença misteriosa assinalada na República da Guiné é a cólera. A República da Guiné (Conakry) não tem experiência da cólera, e os seus serviços sanitários não estão certamente aptos, por falta de meios e de experiência, a enfrentar uma epidemia de cólera».

HÉLDER CÂMARA PROPOSTO PARA O «NOBEL» DA PAZ

PARIS, 28 — (F. P.) — Em Maio passado, o secretariado internacional de «Pax Romana», agrupamento internacional dos intelectuais e estudantes católicos, reunido em Friburgo (Suíça), tinha tomado a iniciativa de propor mons.

Hélder Câmara, arcebispo de Recife, como candidato para o Prémio Nobel da Paz.

Esta proposta acaba de ser aceite oficialmente pelo Comité Director de «Pax Romana», reunido em Hong-Kong. Esta decisão é acompanhada pelo seguinte comentário:

«Actualmente, quando os direitos do Homem mais elementares são violados continuamente no continente sul-americano, as ideias de mons. Hélder Câmara devem ser reconhecidas por todos os homens.»

ZELO A MAIS NO METRO DE MADRID

MADRID, 28 — (R.) — O pessoal do Metropolitano de Madrid, que foi ameaçado de mobilização militar quando entrou em greve no mês passado, começou agora a fazer greve de zelo, recusando-se também a fazer horas extraordinárias.

A greve de 24 horas registada no mês passado foi a primeira desde que o «Metro» entrou em funcionamento e, como represália, o Governo suspendeu durante um mês as negociações sobre a revisão de salários.

Em PONTE DE SOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ RESTAURANTE JARDIM — Avenida General Camarões.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — Concelho de Lisboa: Bairro do Caramão e imediações (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Números pares da Rua Aurea entre as Ruas da Conceição e de S. Julião (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: ALFRAGIDE — Av.ª D. Luís I, Rua Pinheiro Borges, Rua Daniel Augusto Silva, Rua Alves Botelho e imediações (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — Concelho de Sintra: VINAGRE (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — Concelho de Mafra: Rua Professor Leite Pinto, Rua Heróis de Dadrá, Lagoa e imediações (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona — Concelho de Vila Franca: CASTANHEIRA, VALA DO CARREGADO e Linha de A. T. entre Vila Franca e Vala do Carregado. (Das 7 às 8 horas).

5.ª Zona — Concelho de Alenquer: Santa Catarina, Pedrógão e Paredes (Das 7 às 14 horas).

6.ª Zona — Concelho do Cartaxo: CARTAXO, RIBEIRA DO CARTAXO, CRUZ DO CAMPO e linha de A. T. entre Cruz do Campo e Cartaxo (Das 8 às 12 horas).

7.ª Zona — VALADA, REGUENGO, PORTO DE MUGE e linha de A. T. entre Cruz do campo e Valada (Das 8 às 12 horas).

8.ª Zona — Concelho de Azambuja: VILA NOVA DA RAINHA e linha de A. T. entre Cruz do Campo e Vala do Carregado (Das 8 às 12 horas).

NA PRÓXIMA SEMANA EM LISBOA

Congresso da Federação Internacional dos Arquitectos Paisagistas

Cerca de 300 especialistas, representando pelo menos 28 países, participarão no XII Congresso da Federação Internacional dos Arquitectos Paisagistas (I. F. L. A.) que se realiza em Lisboa de 4 a 11 de Setembro.

Entre os países representados, contam-se a África do Sul, Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Checoslováquia, China (Formosa), Dinamarca, Espanha, E. U. A., Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Itália, Israel, Japão, Noruega, Polónia, Portugal, Suécia, Suíça e Venezuela.

O Congresso é organizado pelo Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista que funciona no Instituto Superior de Agronomia e decorrerá num dos auditórios da Fundação Calouste Gulbenkian sendo a comissão organizadora constituída pelos srs. prof. Caldeira Cabral e arquitectos paisagistas eng. António Faco Viana Barreto, Edgard Fontes e Gonçalo Ribeiro Teles.

Este congresso será uma confrontação entre as principais profissões que intervêm no desenvolvimento dos pro-

blemas de paisagem e procurará pôr em relevo as consequências mais importantes das múltiplas e, por vezes, contraditórias, intervenções na paisagem. Como o tema geral incide sobre os problemas da paisagem nos países em via de desenvolvimento, especialmente dos trópicos, os arquitectos paisagistas procurarão estabelecer uma síntese harmoniosa dos diferentes pontos de vista, que se traduz pela criação de novas paisagens, biologicamente equilibradas e que possam trazer ao homem nos trópicos, não só a satisfação das suas necessidades actuais, mas a certeza do seu futuro.

Administração

de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



FABRICANTES

NA

CASA NOVELO

CADA NOVELO
PARA TRICOTAR
ESCONDE ENORME DESEJO
DE SERVIR MELHOR

ESPERAMOS POR SI

A PARTIR DE 1 DE SETEMBRO

novelo

FIOS EXCLUSIVOS PARA TRICOTAR, LDA.
AV. DUQUE D'ÁVILA, 131, R/C, ESQ. — TEL. 58373 — LISBOA

MEYER LANSKY

REFORMADOR DA «MAFIA»

As novas disposições do acordo concluído entre os E. U. A. e a Suíça, referentes à descoberta do segredo bancário sob certas condições, causaram decerto grande inquietação a um homem. Chama-se ele Meyer Lansky: tem 68 anos e vive muito discretamente num confortável apartamento de Miami, situado no n.º 5001 da Collins Avenue.

Meyer Lansky leva uma vida bastante organizada e recatada, como convém a um homem de negócios de envergadura média que tenha decidido reformar-se. Paga pontualmente os impostos e as suas declarações de rendimentos são um modelo do género: não falha um centímo. Meyer Lansky sai pouco — tirando uma ou outra viagem de «turismo» à Europa, contenta-se com um passeio diário na companhia do cão.

Apesar de uma vida tão calma, o F. B. I. só pensa em perseguir-lo! Espia-lhe os mínimos gestos, segue atentamente as suas deslocações

wiansky, nascido em Grodno, Rússia, e chegado aos 9 anos à América do Norte — é hoje o grande financiador da Mafia. Assassino profissional

logo no decalbar dos anos 30, Lansky ficará a ser o grande reformador do crime organizado na América. Foi realmente sob a sua orientação que a Mafia — ou, pelo me-

nos um grupo de mafiosi mais inteligentes — se reconverteu, abandonando o crime sórdido para penetrar sistematicamente em certos meios de negócios.

Viagens Pullman

O método que Lansky utilizou para conseguir «respeitabilizar» as actividades da Mafia é extremamente simples: passa pela Suíça. E é por isso que os novos acordos firmados entre Washing-

altura em que controlava a maioria dos casinos de Las Vegas. Quando o local se tornou demasiado «quentes», interessou-se de muito perto por Cuba, de onde teve que sair em 1959, no mesmo



Lucky Luciano, outro burguês da Mafia

ton e a Berna devem causar tanta inquietação ao tranquilo reformado de Miami.

A manobra é extremamente simples. Através de diversos «correlos», Lansky fez chegar aos bancos suíços o dinheiro mal ganho da Mafia. Essas somas são de seguida reinvestidas nos E. U. A. em negócios perfeitamente honestos. Nesta fase Lansky tem a prudência de se ocultar: as operações são dirigidas por um intermediário que vive na Suíça. Só ele e Lansky conhecem a proveniência dos fundos, as empresas americanas que deles beneficiam ignoram tudo. O intermediário favorito de Lansky é perfeitamente conhecido. Trata-se de um canadiano de origem russa, John Pullman.

Por ter sido o primeiro a imaginar um tal circuito e por o ter vindo a utilizar com proficiência há umas dezenas de anos, este antigo assassino profissional granjeou uma reputação invejada em todos os meios marginais dos E. U. A.

— Com as qualidades que se lhe reconhecem, se tivesse optado por uma vida honesta, Lansky podia ser hoje presidente da General Motors — diz um dos inspectores do F. B. I. encarregados de detectar qualquer passo em falso. Mas até agora Lansky não cometeu erros.

É o único dos grandes «na-brões» dos anos 30 que continua em liberdade. Até lá, Meyer Lansky nunca foi condenado. É demasiado organizado o método para se deixar cair.

E no entanto houve uma

NOTA diária

AS CÓLERAS DO MUNDO-CÃO

QUE MUNDO É ESTE? Em que hora do mundo estamos nós? Que fizemos nós do que deixámos esquecido pelo caminho, que fizemos nós do que aprendemos? Que civilização é esta, onde tantas vezes nos semgahamos dos prodígios da técnica, dos prodígios da ciência, com o semilamento de que só é pena que o progresso moral não acompanhe o progresso técnico e tenha deixado o homem-homem nos primórdios de um primarismo de que todos os dias vemos com desgosto as consequências. Ai, com desgosto e fundamento cada dia todos mais ou menos o decretamos, aí permanecemos na barbárie.

O clamor que vai pelo mundo sobre o inquietante processo da poluição das águas e dos ares leva muita vez a perguntar por quantos anos poderá o homem actual sobreviver à face da terra, ameaçado de não ter meios de que respirar. Das águas pluviais e marítimas é outro alarido de inquietação. As pessoas, nalgumas regiões, já se perguntam se podem ainda frequentar as praias. Do Mar Cáspio fazem-se contas para saber daqui a quantos anos é que também ele terá direito ao título de Mar Morto. Dos grandes oceanos já se sabe como, ao longo dos séculos, foram convertidos em amplo vazadouro de todas as imunidades.

Agora temos a cólera. A saúde era-o, diga-se antes era um dos nossos orgulhos. O drama terrível das devastações de gente que faziam as pestes várias nos tempos mais recuados da antiguidade, mais perto de nós na Idade Média, encheram de dor páginas da História. Vem nas enciclopédias (não vale presumir a nossa presunção de tudo saber de cor e salteado) em Gaspar Correia, que, não sendo médico, descreveu a epidemia da Índia em 1543. (Também agora a Índia aparece como núcleo irradiante). Garcia de Orta identificou-a. Mas tudo isso pareciam águas passadas, pois não temos nós agora preciosas regras de higiene?

O quadro social oferece-nos as mais inquietantes perspectivas. Uma conferência de especialistas, há dias reunida sob a égide de um dos organismos internacionais especializados, subscreveu com a autoridade de muitos sábios presentes o que mais ou menos toda a gente está a ver todos os dias, isto é, que a criminalidade aumenta, aumenta principalmente, parece, nos países de um nível tecnológico mais avançado. Isto não é para falar da guerra, nem da bomba atómica, nem da «napalm», nem dos gases, nem do genocídio de que já ficou o exemplo de levar os criminosos (isto quer dizer os vencidos) ao tribunal e à força. É para falar do indivíduo, do crime individual, homem para homem, roubar e matar.

O matar e o roubar, o matar e o esfoliar, parece terem-se convertido em moeda corrente nalguns grandes e prósperos países, «leaders» do mundo moderno. A expressão literária da «Selva de cimento» parece ter-se convertido em medonha realidade. Nas ruas de Washington é perigoso andar à noite, nem que seja sair do hotel para dar uma volta ao quarteirão. Nos supermercados, furta-se a torto e a direito. A Polícia não chega e parece que não faz medo. Os particulares andam armados para o que der e vier. Os mais poderosos mantêm os seus corpos de guarda privada. É o quadro.

Que mundo é este? O repetir a pergunta não adianta, pois que ela permanece sem resposta. Ninguém sabe, ninguém vê, apesar dos prodígios da televisão, que em circuito fechado, depois de nos invadir a casa para nos mostrar o que não queremos ver (alguém julgará que estamos a fazer alusão às touradas), acabará por mostrar aos outros, sem nós sabermos, o que se nos passa de portas a dentro. É que tudo está posto em causa, não sabemos se já repararam que até a nossa própria intimidade. O orgulho da nossa saúde, o orgulho da nossa técnica, tudo parece que vai inexoravelmente por água abaixo. Tudo ficará então para recomençar.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

por JACQUES AMALRIC

(EXCLUSIVO «LE MONDE» - «DIÁRIO DE LISBOA»)

mais insignificantes. Esta solicitude provavelmente irrita-o, mas ele não o dá a perceber. São os «ossos» da gigantesca partida que Meyer Lansky joga — com êxito total — desde os princípios dos anos 20. Na verdade, o pacífico reformado de Miami é hoje talvez o homem mais poderoso da Mafia americana.

A sua força principal reside na discrição. Extremamente inteligente, Lansky — ou melhor, Meyer Suchec-

dos mais cotados, quando tinha apenas 20 anos, não tardou a compreender que a violência sangüinária era um erro quase sempre muito dispendioso.

Não demorou também a perceber que, para continuar de pé, a Mafia deveria dotar-se de uma fachada irrepreensível e deixar de se dedicar unicamente a operações tão arriscadas como o tráfico da droga, a prostituição, o racket. Por ter compreendido estas coisas tão elementares,



música nas férias

A melhor oportunidade, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, para comprar um Renault 10, 1300 c. c., já equipado com um rádio Voxson.

RENAULT 10
ELEGÂNCIA E CONFORTO EXCEPCIONAL



EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRIAL
MARIO GONZAGA RIBEIRO
RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 15-C T. 767167

Liceu-Institutos

CICLO PREPARATÓRIO

Cursos práticos de dactilografia e/ diploma

ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904

EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:

Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 820221

EXTERNATO ALVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — T. 706974

CURSOS DE FÉRIAS

ABERTAS AS MATRÍCULAS PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

MÓVEIS

Nórdicos e todos os estilos.
Estofos — Colchões — Maples-cama

FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

MOFEL

MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACCESO LIVRE
MAIORES DE 18 ANOS



THE KOREAN KITTENS

BOB ARNO

MARIENA com Antonio Luis Gomes e Raul Silva

Les Ballets de PIERRE FRANCK

em

Folies Royales

Produção de
PIERRE FRANCK
e **PERRY McCANN**

JIRINÁS COMBO

"FORMA 5" com Vitor e Paul
FERRER TRINDADE
e sua orquestra

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE
AS 23.30H MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR À 1.00H
MAIORES DE 21 ANOS

LADY FLAM

SÓ NO
WONDER BAR

No Cinema,
às 17 e 21.30

**DOIS HOMENS
E UM DESTINO**

(M. 17 anos)

PRÉDIO

JUNTO AO JARDIM ZOLÓGICO

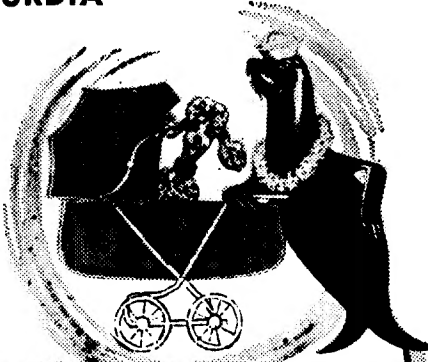
Construção moderna de cimento armado, revestido a evitel, composto de 9 pisos, hab. 3 e 5 div. soalhas, cozinha, 1 e duas casas de banho, despensa e hall. Alugado com rendas de 1100\$00. Isento. PREÇO — 5 150 000\$00

Mostra e Trata

"A CONFIDENTE"

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384-5-6 / 328232-3 / 361756

**COM UMA FOCA BRINCALHONA
E UM CÃOZINHO DE LUXO, NA-
DA MAIS É PRECISO PARA QUE
A BALBÚRDIA
SEJA
TOTAL!**



WALT DISNEY
as diabruras de
Sammy

M/6 anos



com
Jack CARSON · Robert CULP
Patricia BARRY · Elisabeth FRASER
Michael McGREEVEY · Billy MUMY
Ann JILLIANN · TECHNICOLOR®

EXCLUS. 

UM FILME PARA TODAS AS IDADES
HOJE, ESTREIA, ÀS 21.45

ALVALADE

correiio diese

Sabê já mais um número do CORREIO DIESE, que inclui assuntos de capital importância para a saúde da população portuguesa, entre os quais destacamos:

- O animal vertical * Mel, um alimento natural vivificador * Não há fronteiras para as amibas * mini ou maxi? * saúde de seu filho * e ferro * alimento, um instituto de beleza * nem só de pão vive o homem...
- * O mineral mais importante * Tudo doce... * A cultura biológica ao serviço do agricultor * O rendimento do trabalho * os ciclos da vida * e no suplemento especial — O Brasil na investigação científica — A biologia na melhoria das condições de alimentação nas áreas subdesenvolvidas.

Se está interessado em receber gratuitamente este número do CORREIO DIESE basta recortar o cupão anexo e enviá-lo à DIESE — Apartado 1382 — Lisboa-1

DL-39

Agradeço remeter, sem mais encargos para mim, o número do CORREIO DIESE, acima mencionado.

Nome

Morada

TAUROMAQUIA

SEIS TOUROS PARA SEIS CAVALEIROS

Esgotou-se a lotação do Campo Pequeno, que a meteorologia atrasou um dia, para a 8.ª Corrida TV, que bem anunciada foi na Imprensa, e pelos próprios meios, com entrevistas e vistas dos touros no campo. Seis touros bem apresentados, em torno dos quatrocentos quilos, e, á vista, com suas quatro Primaveras, e mais ou menos bravos também, consoante os lidadores a que foram distribuídos por sorteio, seis dos nossos melhores cavaleiros.

David Ribeiro Teles, com sua maestria, valorizou ainda mais o primeiro touro, que havia de ser também o primeiro em bravura, pelo que, com o cavaleiro, que ouviu música, deu volta á arena o filho do sr. José Pedrosa e o bravo Mascarenhas Bravo, do Grupo de Santarém, que fez uma das suas já famosas pegas.

El José Mestre Batista, com sua alegre arte, houve de animar um castanho do sr. Marquês de Rio Maior, e ao cavaleiro deve agradecimento o titular. Volta á arena com João Caixinha, do Grupo de Montemor, que a repetiram e foram no centro aclamados.

Para Luís Miguel da Veiga saiu um touro bonito, do sr. eng.º Joaquim Grave, que o mais bonito cavaleiro lidou com sua graça imoar, ao som da música e volta á arena com Rui de Souto Barreiros, que despiu a jaqueta numa bela pega e foi passeado em ombros dos seus confrades do Ribatejo e do Alentejo.

Houve Fernando Andrade Sanguieiro de lidar um touro da sua casa, pelo que, preocupado por tal, tratou de honrar o nome da senhora sua mãe, e o próprio. Volta á arena com Saul Letras, de Montemor.

El trabalho teve Frederico Cunha para convencer um touro do colega David Teles a respeitar a sua arte clássica, mas ouviu justos aplausos e deu volta á arena com Filipe de Jesus que pegou de caras depois de tentar uma cernelha que logo se viu impossível, porque o touro não se deixava enroupar.

O último touro foi para um cavaleiro que se prepara para ser dos primeiros, Sommer de Andrade, ovacionado e com volta á arena.

Foram brindados o sr. secretário de Estado, ao dr. Ramiro Valadão, a João Moreira de Almeida, da R. T. P.

O júri, a que presidiu o nosso estimado colega Leopoldo Nunes e que estava constituído por bons aficionados, atribuiu o prémio do touro mais bravo ao do sr. José Pedrosa, e o dos pegadores, «ex-aequo», a ambos os grupos.

Sebastião Saraiva dirigiu bem, e apenas culpado pela demora da tentativa da tal cernelha impossível.

★

Sabido é que o toureiro a pé nasceu em Espanha, quando Filipe V, ido de França, fez com que a nobreza espanhola abandonasse o toureiro equestre, dando lugar ao dos peões.

Em Portugal mantivemos o que fora comum nos torneios equestres e que aperfeiçoamos desde a supressão do touro corrido.

Festejámos a aparição dos nossos primeiros matadores de touros a pé, para provar que também os portugueses são capazes de o praticar.

Comentámos as muitas corridas que apenas com cava-

leiros se estão dando em Portugal e em Espanha com prejuízo do toureiro a pé.

Julgamos que a tourada aconselhável em Portugal — enquanto persistir o equívoco de que o touro sofre menos de que a espera do matadouro que com a morte imediata em plena luta — é a da representação nacional de cavaleiros e pegadores, com «espadas» portugueses e espanhóis em competição. Armando Soares, presidente do Sindicato dos Toureiros Portugueses, inclina-se pela sorte de picar, para bem provar a bravura, ao que opomos apenas o reparo de que picar sem matar é maior a crueldade até ao matadouro.

Manifestámo-nos já pela redução do numero de touros, que, como ontem, seriam seis, e sem intervalo tardador. Assim, e tendo em conta a justiça de cinquenta por cento de elementos nacionais, poderiam os cartazes ser constituídos por dois cavaleiros, um português e outro espanhol, e um «espada» português, ou por um cavaleiro português e dois «espadas», sendo um nacional, necessariamente.

Enfim, o Sindicato e as empresas, resolvido o problema das remunerações, têm todo o Inverno para estudar este da composição dos cartazes.

«El T. Pérez»

Em Mogadouro

Mogadouro não estava no mapa tauromáquico, mas vai ter praça desmontável para dois espectáculos tauromáquicos durante as festas locais, no próximo sábado, 29, com os cavaleiros José Mestre e Frederico da Cunha e os «espadas» Amadeu dos Anjos e Chibanga, e no domingo, 30, festival com os referidos cavaleiros e os «espadas» Manuel dos Santos, Amadeu dos Anjos e Manuel Valente.

Em ambos os espectáculos pegam os Amadores de Santarém.



**JOSELITO
EM ANGOLA**

Joselito, o actor espanhol que tem actuado em diversos locais do Continente, partirá para Luanda na próxima 3.ª feira, dia 1 de Setembro, pelas 14 e 15. Objectivo: apresentação nos principais cinemas angolanos do seu novo filme «Prisioneiro na Cidade», cantando, depois, em fim de festa. A primeira exibição em Luanda está marcada para o dia 5 no Cine Restauração.

VIDA MUSICAL

Malcolm Frager: um pianista excepcional

Prestes já a terminar, o 14.º Festival de Sintra proporcionou-nos uma das suas manifestações mais cativantes. Referimo-nos ao recital do pianista americano Malcolm Frager, realizado ao ar livre, na Quinta da Piedade, da sr.ª marquesa de Cadaval, em cenário verdadeiramente aprazível e com uma tarde calma, que dir-se-ia de encomenda. Um pormenor convém, antes de mais, salientar: as condições de audição resultaram altamente positivas, pois foram estudadas a preceito e «preparadas», havendo-se recorrido a uma concha acústica erguida no bonito terraço transformado em palco de concerto ou de teatro e a uma apropriada cobertura que abrangia a maior parte do recinto reservado à assistência. Excelente lição para os nossos promotores de espectáculos ao ar livre, que nem sempre olham a estes problemas fundamentais...

Mas vamos ao concerto. O programa era substancial, e incidia sobre algumas linhas de força da música mais ou menos germânica dos séculos XVIII e XIX. Logo na «Ária e Variações», de Haendel, pudemos apreciar a nitidez e a delicadeza do *Toucher* do ainda jovem Malcolm Frager. E também aqui se verificou que este concertista nunca sacrificou a mais leve sentimentalidade, até quando adopta andamentos bastante vagarosos. Confirmação do que fica dito tivemos-a na, infelizmente

pouco tocada, «Sonata op. 27, n.º 1», de Beethoven. No trecho inicial e no «Adagio», que precede o «Allegro Final», reinou um clima algo introspectivo, sem exclusão de uma *nonchalance* do melhor gosto. Isto não impediu noutras passagens um dinamismo exaltante, com base num «ataque» extremamente incisivo e num mecanismo percussivo perfeitíssimo, sem prejuízo para o jogo muito contrastante, e, por vezes, espectacular, de volumes, ainda que numa perspectiva não especialmente inclinada às colorações graduais intermédias, antes visando as zonas extremas, em preto e branco, digamos assim.

Teríamos preferido um Haydn («Sonata em dó sustenido menor»), menos compartimentado e ao mesmo tempo mais diferenciado na gama de «ataques». Por outro lado, o «Scherzo op. 4» de Brahms foi tocado de maneira soberba mas transformado quase em mera peça de bravura (e assim reduzido na sua mensagem). Quanto às «Variações e fuga sobre um tema de Haendel» mereceram uma versão notabilíssima, sem favor, na qual se manifestou com particular evidência o pendor do pianista para uma tal ou qual exterioridade.

A observação parece justificar-se sobretudo a respeito de algumas variações de ambiência bastante schumannianas em que um pouco mais de lirismo envolvente viria a propósito. Mas, de qualquer maneira, que estupefação interpretação desse monumento pianístico de Brahms. Inesquecível igualmente, e mesmo assombrosa, a execução da «Rapsódia» de Liszt dada em extra.

NUNO BARREIROS

VASCO MORGADO APRESENTA

TEATRO VILLARET (ADULTOS)

HOJE, AS 21 E AS 23 HORAS

9.º MÊS

DE GARGALHADAS



YOLA
é a escultural secretária
do sr. Buguinha na comédia

O VISON VOADOR

COM

RAUL SOLNADO
MARIA PAULA, FERNANDA
BORSATTI, YOLA, MARIA
LAURENT, GEORGINA COR-
DEIRO, MARIA e ainda AR-
TUR SEMEDO, VASCO DE
LEMA COUTO, DAVID SILVA
e ROLANDO ALVES

«O VISON VOADOR»

É O FIM
DA GARGALHADA
(e está prestes
a aterrorizar...)

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO

PEREIRA & C.º

RUA DO CARMO

Teatro Maria Matos

TODAS AS NOITES
AS 21.45 HORAS
Sábados e domingos
também às 16 horas

SÁBADO, AS 16 H.
TARDE POPULAR

com a mesma tabela
dos noites de quinta-feira
BALCAO: 10\$, 15\$ e 30\$00
PLATEIA: 30\$00 e 50\$00

Os jovens dos 17 aos 24 anos
têm, nas tardes de sábado
e nos 2 espectáculos de do-
mingo, 50% de desconto nas
normas habituais

ÚLTIMOS DIAS

DA

DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA

DE QUEIROZ

AR REFRIGERADO

M/ 17 anos

DOM PEPE

encerra

às 2.ª-feiras

Construímos máquinas de fazer dinheiro

Nós construímos «máquinas de fazer dinheiro». Na Ford construímos veículos comerciais — em número tão grande que somos um dos primeiros da indústria.

Parece que temos aprendido bastante sobre este assunto. Como fazê-los 100% económicos e eficientes. E como fazê-los 100% rentáveis.

Porque se eles não fossem «máquinas de fazer dinheiro» para os seus proprietários, já há muito que não nos encontraríamos entre os primeiros.

A Ford constrói camiões de 3.500 a 15.000 Kg e veículos comerciais desde 1.200 até 2.750 Kgs de P. B.

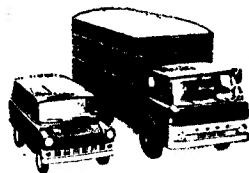
Considerem, por exemplo, a vasta

gama de camiões da série K e D. Permitem ao comprador encontrar exactamente o modelo de que precisa.

Várias distâncias entre eixos e capacidades de carga. Adaptáveis a qualquer serviço. Cabinas avançada ou normal, basculante e fixa, mas sempre excepcionalmente confortáveis e luxuosas.

Ou considerem as famosas Transit. As únicas comerciais 100%.

Para carga ou passageiros, a gasolina ou Diesel, de roda simples ou dupla, as Transit são os veículos mais versáteis do mercado. Não precisa de querer uma grande máquina de fazer dinheiro. Com Ford, basta querer fazer dinheiro.



Ford à frente



A sua disposição nos Concessionários Ford

HOJE — HOJE — HOJE
NA

FEIRA POPULAR
DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O SÉCULO»

A SEMPRE DESEJADA E TRADICIONAL

NOITE DO MILIONÁRIO

5.000 — BRINDES — 5.000

AS PRIMEIRAS 5000 PESSOAS QUE ADQUIRAM
BILHETE DE ENTRADA NA FEIRA

— Uma nota de 1000\$00, que fará o milionário da noite

— Milhares de entradas e viagens nos divertimentos

— Centenas de furos nas caixas de chocolates e bolachas das melhores marcas representadas na Feira

— Provas de bons e categorizados vinhos, etc., etc.

AS 23.30 HORAS, SORTEIO DE 5 ÓPTIMOS PRÉMIOS

— DUAS PANEIS DE PRESSÃO «PRESTO»

— UMA MÁQUINA DE BARBEAR «PHILISHAVE»

— DUAS MÁQUINAS DE PICAR CARNE

☆ DIVIRTA-SE NA FEIRA E GANHE PRÉMIOS ☆

ENTRADA 2 ESCUDOS — ABERTURA AS 19 HORAS

CAMPEONATO MUNDIAL
DOS CABELEIREIROS
NA ALEMANHA

VIAGEM ESPECIAL
A STUTTGART

DE 10 A 16 DE SETEMBRO

Passagem aérea, estadia em hotel em meia
pensão, transportes e excursões de auto-
carro incluídos desde 7.000\$00

(Possibilidades de visitar Luxemburgo e Paris*)

UMA REALIZAÇÃO DE

CAPRISTANOS
TURISMO, LDA.

Av. Duque de Loulé, 47 A TELEF. 560171

CONSULTE-NOS

• Única viagem organi-
zada. Prazo das ins-
crições até 28 de
Agosto.

FACILIDADES DE PAGAMENTO ATÉ 12 MESES

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carva-Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aero-Idolo, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

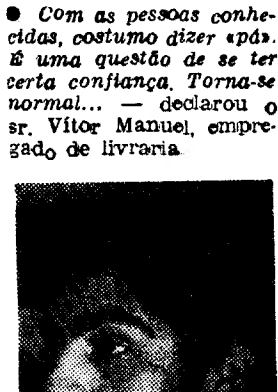
ora diga-nos...

Tem o hábito de dizer «pá»?

O leitor, pá, se calhar, pá, costuma, pá, dizer poucas vezes, «pá». E contudo o «pá» está mesmo enraizado no falar, pá...



• Tenho — disse o sr. José Alves Trindade, empregado de Livraria. — um hábito que está já na forma de falar...



• Com as pessoas conhecidas, costumo dizer «pá». É uma questão de se ter certa confiança. Torna-se normal... — declarou o sr. Vitor Manuel, empregado de livraria.



• Trinta mil vezes por minuto digo «pá». Sabe, pá é um velho hábito, pá, da escola, pá... — disse, pá (perdão, mas pega-se, pá) disse o sr. Hilário Clemente, comerciante.



JÁ PENSOU QUE PODE TER EM SUA CASA — NOS DIAS DE MAIOR CALOR — UMA TEMPERATURA PRIMAVERIL?

Os CONDICIONADORES DE AR ASSEGURAM UM AMBIENTE IDEAL

TARIFA ESPECIAL

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

CONSULTE AS CASAS DA ESPECIALIDADE OU AS

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE-LISBOA

Adelino & Lopes, Lda.

(ARMAZENISTAS DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS)

8, LARGO DA TRINDADE, 9
Telefs. 32 12 60 e 32 28 28 — LISBOA

Comunicam a todos os seus estimados Clientes, Amigos e Fornecedores, que por motivo de Férias, as suas instalações estarão encerradas totalmente de 7 a 26 de Setembro p. f.

2.ª MARCHA DE CAMARADAGEM

Para comemorar o 20.º aniversário da realização da 2.ª Marcha de Camaradagem da Mocidade Portuguesa a Espanha e a Marrocos, está marcada para a próxima terça-feira, às 18 horas, uma reunião preparatória dos seus 182 componentes, na Liga dos Antigos Graduados da M. P., no Palácio da Independência. Presidirá a reunião o sr. general Raúl Pereira de Castro, que foi o organizador e director da marcha.

Necrologia

FALECIMENTOS

Coronel Henrique José Xavier Martins de Figueiredo

Na sua casa de Santa Marta de Portuzelo onde, como habitualmente, se encontrava a passar a época de Verão, faleceu no passado dia 20 o coronel de Artilharia, na situação de reforma, Henrique José Xavier Martins de Figueiredo que tinha 74 anos de idade. Por sua expressa vontade, só agora foi dada notícia do falecimento.

Tendo feito quase toda a sua carreira de oficial subalterno no Regimento de Artilharia n.º 5, ao tempo aquartelado em Viana do Castelo, o coronel Martins de Figueiredo exerceu, depois, diversos postos de comando, nomeadamente no Grupo de Defesa

Anti-aérea de Lisboa e em Ponta Delgada.

Casado com a sr.ª D. Ilda Santiago Maciel da Costa Figueiredo o extinto era pai da sr.ª D. Ilda Maria Maciel de Figueiredo Contreiras Lopes, casada com o sr. dr. Francisco Contreiras Lopes, e avô da menina Teresa Maria Figueiredo Contreiras Lopes, irmão do sr. Alberto Xavier Martins de Figueiredo, já falecido, da sr.ª D. Maria Alice Martins de Figueiredo Brochado Brandão, também já falecida, casada com o juiz-conselheiro sr. dr. Aquiles Brochado Brandão, e da sr.ª D. Fernanda Martins de Figueiredo Alcáide, viúva do sr. dr. António Alcáide.

Era também cunhado do jornalista Artur Maciel, casado com a sr.ª D. Célia de Aguiar Maciel, e da sr.ª D. Maria Amélia Santiago Ma-

ciel da Costa da Cunha Viana, casada com o coronel de Cavalaria António da Cunha Viana.

O funeral realizou-se no dia 22, ficando o corpo inumado em jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

FUNERAIS

Eurico de Aguiar Cruz

Faleceu o sr. Eurico de Aguiar Cruz, de 73 anos, natural de Leiria, viúvo, primeiro-oficial dos C. T. T. aposentado, pai da sr.ª D. Elmana Lara Reis de Aguiar Cruz e Sousa, casada com o sr. dr. António de Sousa.

O seu funeral, a cargo da CASA A. G. MAGNO, LDA., da Avenida Almirante Reis, realizou-se ao fim da manhã, da Avenida de Roma, 9, 1.ª frente, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compre	Vendo	Ultramarinas	Efec.	Compre	Vendo
Consolidado 4 3/4% ...	—	—	506\$	Buz ...	—	88\$	86\$
Consolidado 3% ...	—	—	516\$	Cabinda ...	—	213\$	—
Consolidado 3 1/2% ...	—	—	612\$	Damantes Angola ...	2.440\$	2.400\$	2.440\$
Centenários 4% ...	—	—	440\$	H. E. Revue ...	—	—	—
Obriga. Tesouro 5% ...	1.000\$	—	1.000\$	Ilha do Príncipe ...	195\$	194\$	196\$
Ext. 1.ª Série ...	—	575\$	—	Mozambique ...	—	—	—
Ext. 2.ª Série ...	—	700\$	—	Sonete p. ...	440\$	483\$	445\$
Ext. 3.ª Série ...	—	750\$	760\$	Sonete p. ...	81\$	805\$	81\$
Ext. 3.ª Série ...	—	780\$	815\$	Zambéze ...	—	—	—
Cautelas 3.ª Série ...	—	30\$	140\$				
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua. Lisboa 5% ...	—	480\$	—	Cida ...	—	6.500\$	6.700\$
A. P. T. 5% 56 ...	860\$	860\$	870\$	Cim Leão ...	—	4.000\$	4.400\$
A. P. T. 5% 58 ...	—	850\$	—	Cim Tejo ...	—	6.500\$	—
C. P. 4 1/2% 65 ...	—	—	950\$	Col. Navegação ...	—	1.430\$	1.480\$
C. P. 5 1/2% 67 ...	905\$	900\$	—	C. U. F. ...	—	1.480\$	1.530\$
C. U. F. 6% ...	880\$	—	890\$	Ind. Aliança ...	3.700\$	3.650\$	3.700\$
C. U. F. 6% 68 ...	—	800\$	—	Nac. Navegação ...	1.780\$	1.770\$	1.790\$
Gás Elect. 4% 48 ...	—	840\$	—	Petroquímica ...	—	1.350\$	1.450\$
Gás Elect. 4 1/2% 51 ...	—	—	875\$	Port. e Colónias ...	—	4.020\$	4.100\$
Gás Elect. 5% 52 ...	—	—	790\$	Port. Celulose ...	1.040\$	1.030\$	1.050\$
Gás Elect. 5% 58 ...	—	—	790\$	Port. Pesca ...	722\$	720\$	724\$
Gás Elect. 5% 59 ...	—	—	940\$	Port. Tabacos ...	4.620\$	4.600\$	4.640\$
Gás Elect. 5% 62 ...	—	935\$	—	Sacar ...	—	2.400\$	2.200\$
Gás Elect. 5% 63 ...	—	—	—	Siderurgia Nac. ...	3.165\$	3.150\$	3.165\$
Gás Elect. 5% 65 ...	—	940\$	—	Sore ...	—	1.700\$	1.790\$
Gás Elect. 5% 67 ...	751\$	750\$	—	Tabacos de Portugal ...	—	6.840\$	6.900\$
H. E. A. Alentejo 5% ...	—	750\$	—	Tabacaria ...	775\$	772\$	780\$
H. E. A. Alentejo 6% ...	—	905\$	—	U. F. Azoto ...	—	—	—
H. E. A. Alentejo 6% ...	—	750\$	760\$				
H. E. Douro 5% ...	905\$	900\$	910\$	Agua Elect. e Gás			
H. E. Douro 6% ...	—	860\$	—	Agua. Lisboa p. ...	401\$	400\$	401\$
H. E. Norte Port. 5% ...	—	935\$	—	Agua. Lisboa 34 ...	391\$	390\$	392\$
H. E. S. Estrela 6% ...	—	805\$	—	Agua. Lisboa 36 ...	1.201\$	1.201\$	1.202\$
Lisnave 6% ...	—	—	—	C. P. Electricidade ...	—	1.170\$	1.175\$
H. E. Zêzere 5% 55 ...	905\$	900\$	920\$	C. P. Electricidade 969 ...	423\$5	423\$	424\$
H. E. Zêzere 5% 57 ...	800\$	800\$	—	Elect. Beiras ...	1.935\$	1.93\$	1.94\$
Metropolitano 4% ...	—	925\$	—	Gás Elect. ...	—	—	—
Metropolitano 5 3/4% ...	—	710\$	—	H. E. Alto Alentejo ...	—	—	—
Nac. Elect. 5% ...	—	790\$	790\$	H. E. Non e Portugal ...	—	272\$	280\$
Nitratos 5% 60 ...	—	770\$	—	H. E. S. Estrela ...	—	—	—
Petroquímica 5% ...	—	850\$	850\$	Nac. Electricidade ...	—	—	—
Port. Celul. 5% ...	—	935\$	900\$	U. E. P. ...	185\$5	185\$	186\$
Sacar 5% 54 ...	—	870\$	—				
Siderurgia 5% 2.ª ...	—	730\$	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Siderurgia 5% 3.ª ...	—	730\$	—	F. I. Atlântico ...	—	196\$1	202\$
Siderurgia 5% 4.ª ...	—	830\$	835\$	F. I. D. E. S. ...	—	121\$8	125\$5
Sonete 5% ...	—	900\$	900\$				
T. A. P. 4% ...	750\$	740\$	460\$				
Termoelect. Port. 5% ...	—	85\$	—				
U. E. P. 3 3/4% ...	—	86\$	90\$				
U. E. P. 4% ...	—	91\$	—				
U. E. P. 1/2% ...	—	78\$	80\$				
U. E. P. 5% ...	—	750\$	750\$				
U. E. P. 5% 60 ...	—	820\$	830\$				
U. E. P. 5% 63 ...	—	—	—				

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rue do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg: ALMEIRO — Telex 1471, ALBAP1 P

ACCÕES

Bancos

Agricultura ...	2.330\$	2.320\$	2.340\$
Alentejo ...	1.220\$	1.215\$	1.225\$
Angola ...	3.600\$	3.590\$	—
Bumay ...	20.000\$	—	20.100\$
Créd. Predial ...	—	8.900\$	9.100\$
E. Santo ...	20.800\$	20.800\$	21.000\$
Fonseca S. p. ...	20.000\$	—	20.100\$
Fomento ...	—	2.440\$	—
L. G. Açores p. ...	6.830\$	6.790\$	6.840\$
L. G. Açores n. ...	—	—	—
P. Atlântico p. ...	5.400\$	5.400\$	5.420\$
Portugal n. ...	—	3.200\$	3.260\$
Portugal p. ...	3.800\$	3.800\$	3.810\$
Totta Aliança ...	5.870\$	5.850\$	5.900\$
Ultramarino n. ...	3.470\$	3.460\$	3.480\$
Ultramarino p. ...	3.850\$	3.850\$	3.860\$

Seguros

Alentejo ...	—	145\$	148\$
Douro ...	—	1.700\$	—
Mundial ...	960\$	955\$	965\$
Sagres ...	—	—	—
Tranquilidade ...	—	55.000\$	65.000\$
Ultramarino ...	—	25.000\$	—

Ultramarinas

Agúcar de Angola ...	—	770\$	—
Ag. Cassequei ...	—	650\$	655\$
Ag. Incomati ...	—	—	2.000\$
Ag. Neves ...	—	—	460\$
Ag. S. Tomé e Príncipe ...	—	275\$	285\$
Boror ...	—	120\$	125\$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (100.000 UNIDADES)

	21/8/70	27/8/70	28/8/70
GERAL ...	149,3	149,3	148,9
METROPOL. ...	142,3	142,0	141,6
ULTRAM. ...	200,5	203,2	202,5

PAISES

	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rand ...	34400	36550
Alemanha — Marco ...	7575	8405
América:		
— Dólares, de 1 e 2 ...	28520	28570
— Dólares de 5 a 1000 ...	28550	28590
Argentina — Peso Novo ...	5800	6000
Austria — Schilling ...	1510	1516
Bélgica — Franco ...	155	158
Brasil — Cruzeiro ...	4550	6300
Canadá — Dólar ...	27550	28510
Dinamarca — Coroa ...	3170	4000
Espanha — Peseta ...	140,5	142
Frância — Franco ...	5800	5950
Holanda — Florim ...	7580	8510
Inglaterra — Libra ...	68500	70500
Itália — Lira ...	104,3	104,05
Marrocos — Dirham ...	4180	5140
Noruega — Coroa ...	3185	4815
Suécia — Coroa ...	5335	5365
Suíça — Franco ...	6560	6582

Ouro:

Inglaterra — Libra leabe ...	295500	315500
Inglaterra — 1/2 Libra ...	265500	285500
Ouro fino — Barro ...	34500	36500

J. BURNAY L. DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

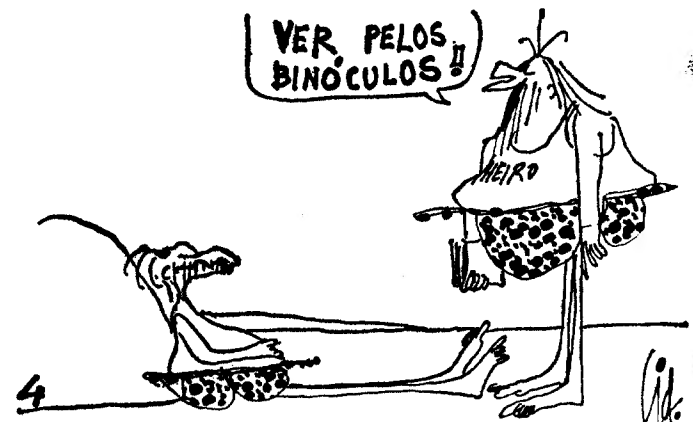
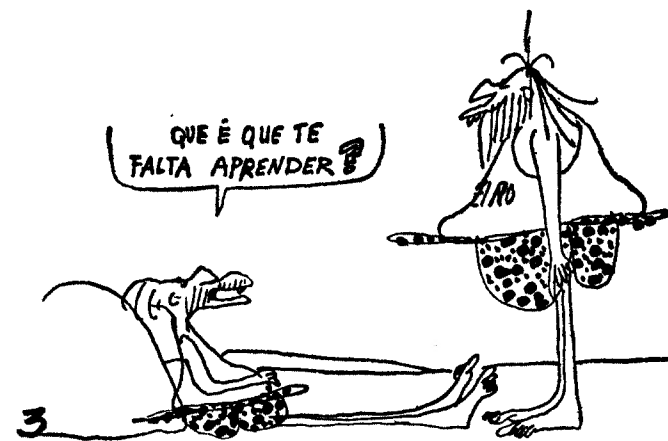
Detido o peixeiro que fez fogo sobre um casal em Setúbal

Na sala de observações do Hospital de S. José continua internada em perigo de vida a sr.^a D. Leónia Ludgera Sacramento Pires, de 42 anos, operária, que anteontem quando se encontrava á porta da residência, no Bairro da Trindade, em Setúbal, em companhia do calceteiro Eduardo Ramos dos Santos, de 40 anos, foi alvejada com um tiro de arma caçadeira pelo cunhado deste, António Fernandes Carapeta, peixeiro, morador na mesma cidade.

Entre os três tinha havido uma desavença familiar e os dois homens chegaram mesmo a agredir-se mutuamente. Quando tudo parecia ter voltado à normalidade, porém, o peixeiro, munido de arma caçadeira, procurou o casal e fez fogo por duas vezes sobre ambos. A sr.^a D. Leónia foi atingida no torax e Eduardo Santos num braço. Foram ambos conduzidos ao Hospital de S. José, onde o calceteiro, depois de operado, recolheu à enfermaria livre de perigo.

A P. S. P. de Setúbal, que tomou conta da ocorrência, deteve já o agressor.

koko



Apenas o essencial !

Não se preocupe mais com o dinheiro.
Todas as suas contas se reduzem a uma
única conta.

A sua imaginação não vai encontrar
limites se utilizar:

o novo dinheiro

**o seu cartão SOTTOMAYOR compra
quase tudo!...**



**Agora com o seu cartão
SOTTOMAYOR você também tem
crédito no Porto e no Algarve**



LISBOA DEBAIXO DE CHUVA

CHOVER EM AGOSTO NÃO É TÃO RARO COMO SE JULGA

Chuva em Agosto é fenómeno que surpreende as pessoas.

— Isto não é Verão, não é nada!

Está estabelecido — seria melhor dizer está convencionado — que o mês de Agosto é Verão por excelência, é calor, é tempo de praias, é temporada de mangas arregaçadas, colarinhos desapertados e vestidinhos finos mais ou menos transparentes.

— Mas este ano... Sim, este ano chove, o que não é vulgar suceder!

E parte-se do princípio ser este Agosto um desmancha-prazeres, uma aberração meteorológica.

— A chover em Agosto. Parece impossível!

O GENERAL BRAY DEIXOU LISBOA A CAMINHO DOS E. U. A.

Deixou esta manhã o nosso País, com destino aos Estados Unidos e Canadá, o

general Robert Bray que visitou o nosso País a fim de apresentar cumprimento de despedida às autoridades portuguesas por ir abandonar as funções de segundo comandante das Forças Aliadas na Europa.

O general Bray vai para os Estados Unidos e Canadá a fim de apresentar também cumprimentos de despedida.

Em Lisboa avistou-se com diversas autoridades militares, em particular com o sr. ministro da Defesa. E a despedir-se estiveram altas patentes do Exército, tendo-se o general Bray mosrado encantado com a recepção que lhe foi feita no nosso País.

Esta madrugada começaram a cair sobre Lisboa ténues gotas de chuva, cuja intensidade foi aumentando. No Porto a chuva foi muito intensa, acompanhada de grande trovada, tendo, inclusivamente, um ralo provocado prejuízos materiais num prédio da típica Rua dos Caldeireiros. Como consequência disso houve algumas interrupções da luz eléctrica, facto que também se verificou nalgumas zonas da capital.

Invernia em pleno Agosto é, portanto, para o comum das pessoas, anormalidade de espanto. E, contudo, as realidades não correspondem às ideias assentes, que todos tomam como verdades indelmentíveis.

Bastará dizer, para começar a espreitar a memória, que o ano passado, no período final de Agosto, também choveu.

Só em Faro se pode dizer que não chove em Agosto

Tomemos, pois, como regra, que em Agosto sem-



Imagem invernosca de um dia de Verão. Mas a chuva de Agosto é como o Sol de Inverno: de pouca duração

pre chove alguma coisa... Tomando por base dados fornecidos pelo Serviço Meteorológico Nacional, podemos informar os nossos leitores que, nos últimos trinta anos, o valor médio da precipitação pluviométrica em Agosto foi, em Lisboa, de 4 milímetros; no Porto, de 26; em Coimbra de 18 e em Faro de 0,4. O valor máximo foi, em Lisboa, 24; no Porto, 35; em Coimbra, 36; e em Faro, 5 milímetros.

Estes números dar-nos-ão uma ideia se tomarmos como valor máximo de um dia de chuva no Inverno (em Lisboa) entre 60 a 70 milímetros.

Para termos, porém, uma ideia mais concreta do problema, podemos considerar outro aspecto: o número de dias em que costuma chover nos meses de Agosto.

O número médio de dias de chuva em Agosto, tomando como base os últimos trinta anos, é de 6, no Porto; de 5, em Coimbra, e de 2, em Lisboa. Só em Faro não chega a chover um dia de Agosto, em cada ano.

Um mês normal

Por tudo isto, chover em Agosto não é nada de estranho. Aliás, ao fim da manhã, já voltamos a ter o bem conhecido e cantado Sol de Agosto. A chuva foi «sol de pouca dura», isto é, breve.

Se tomarmos o ponto de vista da temperatura, o Agosto que vai correndo para o fim também se não tem afastado dos valores

habituais: 18° a 22°, com valores máximos entre 26° a 27°. Isto em Lisboa.

Inverno em Agosto? Não. Uma chuvinha normal, que logo passou.

Nada de preconceitos. O Agosto que decorre (e corre para Setembro), tem sido um Agosto normal. Um mês que tem cumprido a sua obrigação...

CURSOS EM LISBOA PARA PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

De 1 a 25 do próximo mês, estão abertas as inscrições no Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, com vista ao ano lectivo de 1970/71.

Ali vão funcionar os seguintes cursos: Básico, Legislação do Trabalho e Previdência Social, Contribuições e Impostos, Arquivologia, Estenografia em Português, Operador de Mecanografia (cartões perfurados), Operador de Máquinas de Contabilidade (teclas), Contabilidade (teclas) Contabilidade, Correspondente, Gestão Económica e Financeiras de Empresas.

O curso básico destina-se aos alunos cujas habilitações

de base não lhes permitam ingressar, directamente, nos demais cursos.

EXPOSIÇÕES NA CIDADE

Obras de Angelo Schepis

O brasileiro Angelo Schepis recebe no dia 1 de Setembro, às 10 da manhã, numa das salas do Palácio Foz, a imprensa especializada para a sessão de pré-inauguração da exposição de suas obras, que se realiza a convite da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e sob o patrocínio da Embaixada do Brasil. Na ocasião Schepis pronunciará uma palestra sobre a técnica da pintura em mosaico acrílico.

Esmaltes de Quina

Continua patente ao público, na Junta de Turismo da Costa do Sol, a exposição de esmaltes de Quina. A exposição está aberta todos os dias das 10 às 22 horas.

BANCO DO ALENTEJO

Foi autorizado, por disposição do sr. secretário de Estado do Tesouro, o Banco do Alentejo, S. A. R. L., com sede em Évora, a alterar os seus estatutos, de harmonia com o que consta do processo arquivado na Inspeção-Geral de Crédito e Seguros.

BOM APETITE

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211

JANTARES
DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
(Maiores de 16 anos)
Premiado pelo S. N. 1

NO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44

LOCAL APROPRIADO PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

JANTE NA TARANTELA

EM AMBIENTE FAMILIAR

Largo D. Estêvão, 22

SALA NO 1.º ANDAR PARA
LANCHES DE CASAMENTOS

Solar do Minho

Rua do Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811

FADOS — FOLCLORE

Jantar COMPLETO

50\$00 por pessoa

M/ 17 anos

RESTAURANTE

TATU

Campo Grande, 88
Telef. 76 51 88

AMANHÃ

FEIJOADA À BRASILEIRA

DOMINGO

ARROZ À VALENCIANA

TONY

DOS BIFES

AMANHÃ

FEIJOADA À PORTUGUESA

SEGUNDA-FEIRA

DOBRADA À TONI

ENCERRADO AOS
DOMINGOS DURANTE
OS MESES DE AGOSTO
E SETEMBRO

O mais típico restaurante
do Algarve é

A Toca do Caracol em ALCANTARILHA

(a 2 km de Armação de Pêra)

— Cozinha regional —

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ



Reabriu a «GUITARRA DE ALFAMA»

Reabriu a «Guitarra de Alfama», restaurante típico agora completamente remodelado e que conta com um elenco onde se integram Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório, Ildefonso Frade (guitarra) e Victor Lourenço (viola).

PAULO JORGE

DIGRESSÃO A ÁFRICA

Depois de cumprir os contratos que determinam as suas actuações em espectáculos de província, Paulo Jorge projecta uma digressão por Angola e Moçambique. Entretanto, gravou mais um disco (o quarto para a etiqueta «A voz do dono»), onde incluiu quatro canções da dupla Ferrer Trindade-António José, São elas: «Maré cheia», «Se há outras mais», «Entre o silêncio da noite» e «Praia selvagem». Numa rubrica gravada já para a TV apresentará estes números, antes do disco ser posto à venda, o que se prevê para a segunda quinzena de Setembro próximo.

NUNO de AGUIAR

no
«Lar Português»



NUNO DE AGUIAR

Nuno de Aguiar pertence agora ao elenco do «Lar Português», dirigido por José Borges. Ali apresenta as suas interpretações e «roda» um novo numero: «Olarilolé», para que se vaticina êxito semelhante ao conseguido pelo «Bairro Alto» (de que foi criador). O numero foi já gravado (para a «Estúdio») e incluído num disco a pôr à venda dentro de semanas.

JOAQUIM PIMENTEL

que completou 30 anos de rádio
no Brasil, vem a Lisboa em breve

Joaquim Pimentel, o poeta das noites fadistas do Rio de Janeiro, compositor de êxitos populares (do seu fado «Só nós dois» venderam-se, no Brasil, cerca de quinhentos mil discos), completou recentemente trinta anos, de actividade radiofónica, sendo o decano dos produtores de Rádio Vera Cruz. Assinalando o acontecimento, Joaquim Pimentel alugou aquela emissora durante um dia, e ao longo de dezoito horas consecutivas de programa transmitiu apenas música portuguesa, facto (inédito no Brasil) que a imprensa local salientou com comentários enaltecedores do esforço desenvolvido.

O incansável lutador que, com o maior entusiasmo, difunde e prestigia a música portuguesa, afirmou na emissão: «Espero viver ainda bastante para nesta terra lutar pelo meu país com as armas que disponho: as minhas e as vossas canções». Dirigia-se, especialmente, aos compositores portugueses radicados no Brasil, mas o mesmo repetiu referindo-se a todos os autores portugueses que têm em Joaquim Pimentel valioso elemento de promoção.

Joaquim Pimentel foi condecorado o ano passado com a Ordem do Infante pelos notáveis serviços prestados à difusão da música portuguesa no Brasil. Partiu já do Rio de Janeiro para uma curta estadia nos Estados Unidos, após o que virá até Lisboa, onde deverá chegar nos primeiros dias de Setembro próximo.

* aceite o nosso CONVITE *

SEM GASTAR DINHEIRO: UM SABOROSO PRÉMIO

administrativos: Rua Castilho, 185, 1.º Nada mais é necessário para ficar habilitado a um dos sorteios semanais que lhes vão permitir frequentar um dos melhores restaurantes típicos

e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol. Termina amanhã a recepção da 14.ª colecção de cupões que habilitará os concorrentes ao sorteio da próxima segunda-feira.

15.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 28 de Agosto de 1970



O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julia Pires, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos. Cons. mín. 40\$00. Beco do Espírito Santo, 1. Tel. 868209.

TAVERNA DO EMBUCADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mn. 90\$00. Beco dos Cortumes, 10. Tel. 860816.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa. P. de Alegria, 58. Tel. 867098. Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Carlos Zet e Emílio dos Santos. Tocam: António Parreira e José Inácio. Rua da Esperança, 174. Tel. 661915. Cons. mín. 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses. Rua de Vigário, 60. Tel. 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lidia Ribeiro, Mariana Rosa, Américo Lima, António Chaiinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Aveitino Rodrigues, Fernando Matos e «Os 3 de Portugal» Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 120\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Tel. 35007-323406. Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Ivo Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvidina Cruz. Tocam: Amândio Ferreira e Tonquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rolz, 24. Tel. 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amâncio, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Tel. 34006. Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto.

Cons. mín. 40\$00. Travessa da Espera, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

Elenco: Tristão da Silva, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusta Miranda, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Pedro Caldeira Cabral (guitarra), Fernando Alvim (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Trav. da Quelmada, 10-16. Tel. 362889-328503.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins. Cons. mín. 50\$00. Travessa de S. Miguel, 22. Alfama. Telefone 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Junior e Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale. Cons. mín. 50\$00. Rua das Taipas, 14. Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Arminda da Conceição, Tina Santos, Filipe Duarte e Celeste Maria. Tocam: Amândio Maria e José Maria Carvalho. Cons. mín. 90\$00. Travessa dos Fiéis de Deus, 37. Tel. 35593.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Dina Cardoso, Amândio Miranda, Selma Fernandes. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Cons. mín. 50\$00. Rua da Barroca, 133. Tel. 36960 e 30532. Encerra às Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 30\$00. Rua das Trindades, 67. Tel. 669857. Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José

Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Melodia. Fondango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva. Cons. mín. 70\$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

ARABITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos. Cons. mín. 40\$00. Rua da Adifa, 9. Tel. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. mín. 40\$00. Rua da Rosa, 219. Tel. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: Ildefonso Frade e Victor Lourenço. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35\$00. Largo do Peneireiro, 7 (Alfama). Tel. 868505.

RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Tel. 48384. Mário Simões e o seu conjunto. Encerra aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 88-D. Tel. 561949.

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Maxime. Bana. «Shows» turísticos. Varie-

dades internacionais. Praça de Alegria 58. Tel. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Vilhena,

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 78. Tel. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Tel. 790177. Encerra às 3.30.

BAIUÇA

R. da Barroca, 86. Tel. 34704.

LORD

Rua Victor Corden, 14-A. Tel. 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. SINTRA. Tel. 981661. Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. R. de S. Miguel, 70 (Alfama). Tel. 872761. 6-D.

FLOR DE LIS

Bor. M/17. Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Tel. 367136. Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades internacionais. Largo

da Biblioteca, 18-22. Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178. Tel. 33723.

TAMILA

Morbo e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinéis todos os dias. Encerra aos domingos.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo re-

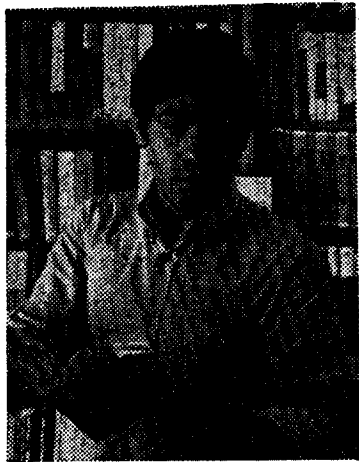
portório. Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis, 51-A. Tel. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Tel. 264521-264526-264596-264621-264946.

FORTE VELHO

Paga. S. João de Estoril. Tel. 261337.



Na Av. de Roma: «À noite o movimento continua a ser grande porque a malta que sai do emprego aqui vem desaguar»

Livros em Férias

A evolução urbana está longe de ter terminado em Lisboa. E quando é que finda a evolução de um qualquer organismo vivo, os agregados urbanos que não tenham perdido a capacidade renovadora e que se denados, portanto, á morte por inanição, jamais deixam de evoluir.

E a Lisboa de hoje, que rompeu todas as barreiras entre o nucleo citadino e os concelhos limítrofes, da Lisboa que nos habituámos a considerar nas literaturas, aconchegada entre os Restauradores e o La e só raras vezes subindo a Avenida. Não é a Lisboa de hoje essa senhora embiocada que receava ir a Cai ou dar uma volta no Campo Grande. Não é. Os bairros tomaram personali- dade e é ver os raros cafés da Baixa inteiramente vazios a certas horas do dia, á noite, ou em certas épocas do

ano. Por outro lado é ver como até os centros de cavaco se foram deslocando para Belém, para junto da Cidade Universitária, para Campo de Ourique ou Alvalade. E a vida de Lisboa não é uniforme, queremos dizer que as reacções dos bairros são ás vezes bem diferentes das do actor pombalino.

Vamos ver como as livrarias de bairro reagem aos calores estivais, de forma diversa daquela que encontramos na alma alfacinha.

CLIENTELA ESTRANGEIRA

Há poucos anos que no Campo Grande, esquina para a Rua de Malpique, o sr. Manuel

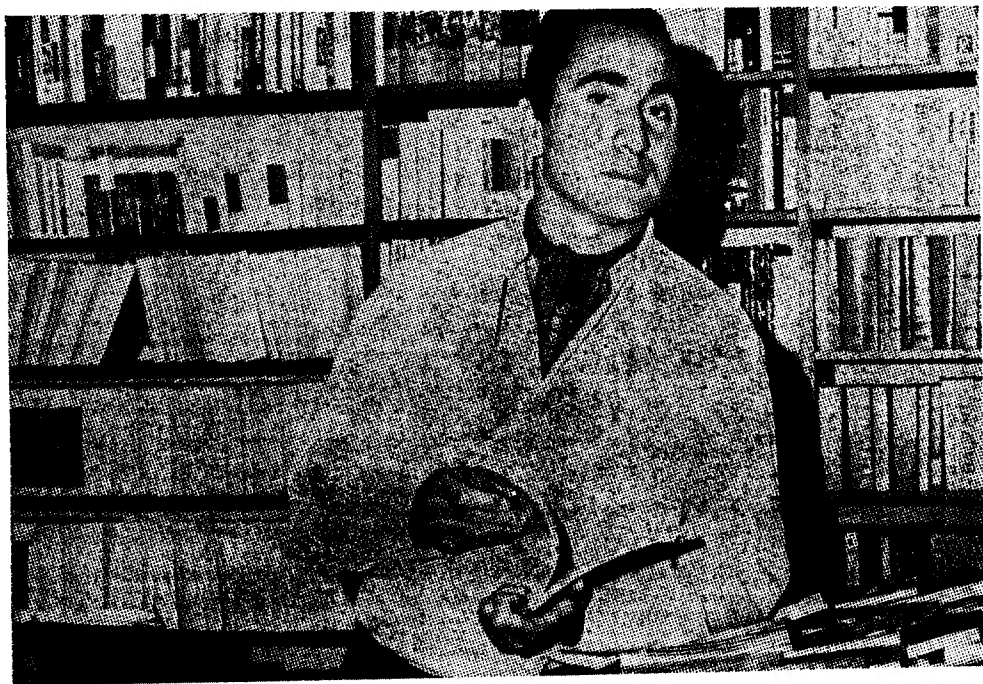
de Brito fundou a sua livraria, ele que com os livros tratou desde miúdo. Tratam-se por tu ele, o papel impresso e as obras de arte. Arrojo? Sim, arrojo o

fundar uma livraria fora da Baixa e das grandes avenidas; mas com a Cidade Universitária ali á beirinha, com a Biblioteca Nacional um pouco abaixo e vizinhando o



Em Campo de Ourique, na Livraria Ler: Aqui continuamos a vir regularmente

MAIS ANIMAÇÃO E FREQUÊNCIA NA PERIFERIA DA CIDADE



Manuel de Brito: os estudantes portugueses são substituídos pelos estrangeiros dos cursos de férias, neste meses de Verão

grande estabelecimento de ensino que é o Colégio Moderno, não haveria lugar para uma livraria? E houve para mais do que uma. Singular, porém, é a Livraria III, com sua galeria de arte que ainda agora tem a notável exposição de Vieira da Silva.

Bem, mas isso são questões á margem. O que interessa saber, neste momento, é como reagem os frequentadores de livrarias no Campo Grande aos calores estivais.

Diz-nos o sr. Manuel de Brito:

— A diferença entre esta livraria e as da Baixa é muito grande. A nós marca-nos a vizinhança da Cidade Universitária. Naturalmente que indo-se embora os estudantes, para férias, se nos vai embora a maior parte da nossa clientela habitual.

Dissémos clientela habitual. É que se vão embora os portugueses, mas vêm-nos aqueles clientes estrangeiros que se matriculam nos cursos de férias da Universidade. Por isso como que se transferem os interesses culturais dos portugueses para os estrangeiros das mais variadas nacionalidades. Sobretudo temos, ao começar o Verão, de nos reabastecer de textos portugueses citados lá fora...

— E quanto á sua galeria anexa?

— Também aí a evolução é nítida. Vão-se embora quase todos os frequentadores habituais. Note-se todavia que, entre os frequentadores, há os espectadores, meramente visitantes, e os coleccionadores, possivelmente adquirentes. Estes que vêm de toda a parte, nunca deixam de aparecer, nem de Verão nem de Inverno.

EM CAMPO DE OURIQUE

Junto áquele largo da Parada de Campo de Ourique, onde a Maria da Fonte de foice roçadoura ao ombro e a pistola firme na mão direi-

ta parece arremeter contra todas as prepotências, abriu há meses a Livraria Ler. Iniciativa larga do sr. Luis Alves Dias, nesse bairro que, depois de ter perdido o aspecto provinciano que o caracterizava, se está a transformar em autêntica urbe.

Ali as férias começam pelo proprietário da Livraria, mas lá está o jovem e esclarecido João Camacho a tomar conta da casa e a dizer-nos:

— Aqui, a não ser nas horas de calor intenso, continuamos a vender regularmente. Verdade seja que, por exemplo, o livro de estudo quase não tem procura; e compreende-se porquê. Mas, por outro lado, tudo quanto seja poesia, ciências políticas, problemas sociais, continua a ter os mesmos compradores.

— E quanto aos frequentadores?

— Muitos jovens que querem ler. E não tanto a ficção. O livro de tendência social, que não seja caro, tem venda assegurada.

Outra faceta das livrarias da periferia da cidade:

— Normalmente depois das 19 horas vende-

A «TALUDA» NÃO É A ÚNICA

Anunciam as tubas da propaganda uma grande lotaria para sexta-feira. Ora bem. Não sabemos se a Misericórdia de Lisboa terá procedido a algum inquérito que lhe dê a conhecer qual a percentagem dos compradores de lotarias que arriscam o seu dinheiro tendo em mira, unicamente, ganhar á sorte grande. Alguns haverá, com certeza, mas queremos parecer que, na sua grande maioria, os que correm atrás da fortuna fácil e altissonante não desprezam — muito pelo contrário... — aqueles simpáticos prémios de quantias mais modestas e compensadoras, que lhes permitam prelibar os acasos da sorte ao mesmo tempo, continuarem na corrida dos milhões, sem terem que — todas as semanas — alargar os cordões á bolsa. Este, é o nosso parecer e, quanto sabemos, que

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU. UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR. GRANDE OURIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

cial
CENTRO DE LINGUAS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

DINFER ALTA qualidade a baixos preços

R. D. Duarte
Trav. Nova S. Domingos
6 pisos
(com elevador)

Informamos os nossos prezados Clientes que estamos já apresentando os nossos preços de fim de estação.

ias

de uma cidade? Como
se não sintam con-

profes, está bem longe
o Largo de Camões
o Campo de Ourique

mos menos; mas ainda
então se vende. É que,
ao cair da tarde, temos
a clientela dos empregados
que saem dos empregos
quase á hora de jantar.
É a altura também dos
novos dos 18 aos 22 anos.

A livraria fecha às 22
horas.

«MOVIMENTO À NOITE»

É uma das vias tentaculares de Lisboa aquela Avenida de Roma, talhada já estreita para o seu movimento e agora a ser esventrada para lhe meterem o metropolitano.

É das artérias de mais movimento. Não é de admirar portanto que papelarias, livrarias, tabacarias, cafés e restaurantes ali se instalem. A Livraria Barata abriu timidamente, no segundo quarteirão da avenida, mas tornou-se um dos centros de encontro de estudantes e professores. Camada jovem da área, com liceus ali nas redondezas e não longe o Técnico e o Campo Grande da Universidade.

Não está o proprietário, mas ao balcão para os escapares movimenta-se o sr. Vitor Manuel:

— Livros de estudo quase não vendemos agora. Também está a vir menos gente do que em Maio e Junho. É natural porque muitos estão em férias.

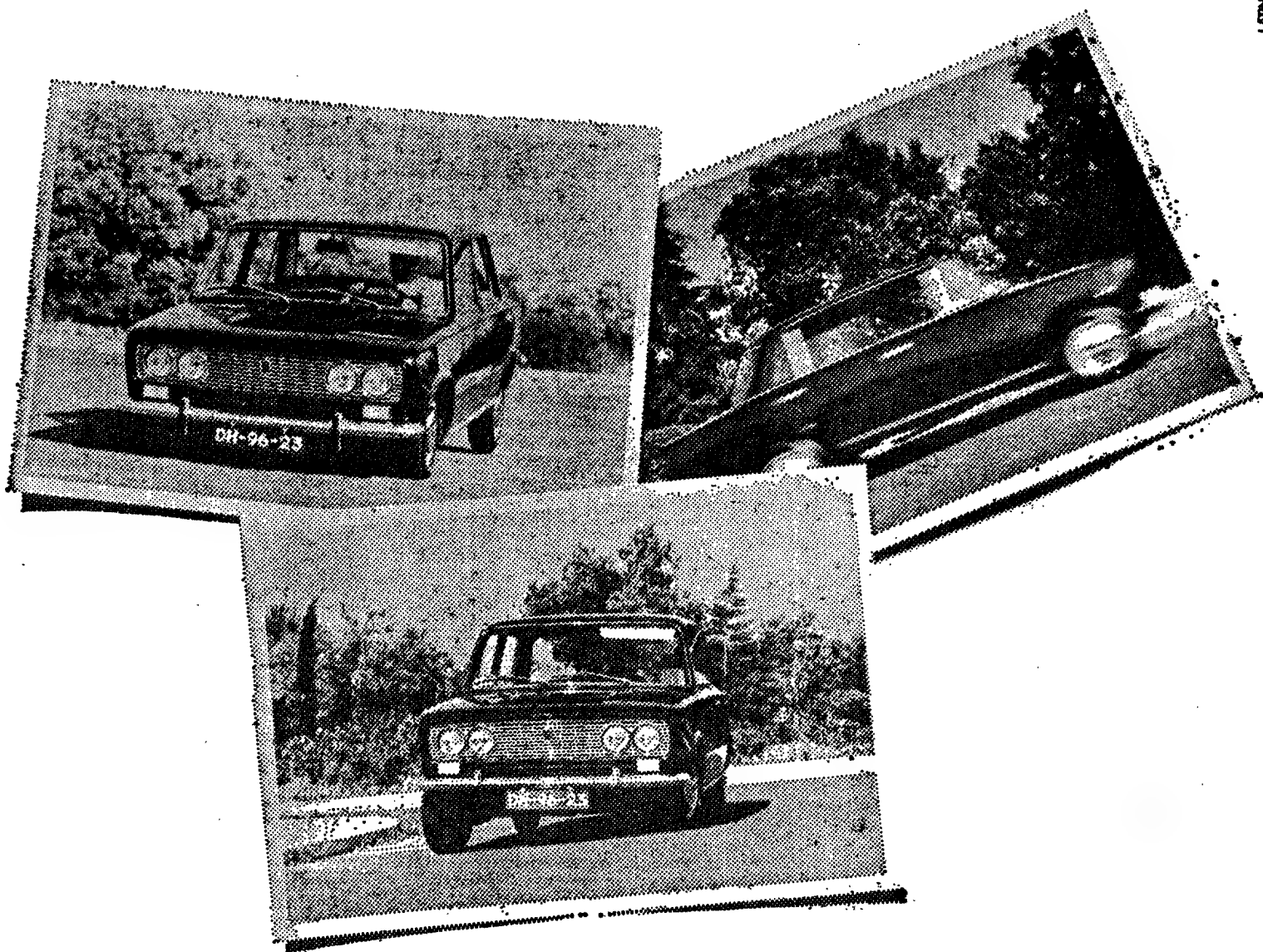
— E nas horas do fim do dia?

— À noite, vendemos sempre. O movimento continua a ser grande porque a malta que sai do emprego aqui vem desaguar, ver livros, revistas.

— Livros de mais procura nos últimos dias?

— Olhe! Estes, por exemplo: «A Escravidão Sexual», de Stephen Barlay, e «É preciso nascer de novo», de J. Felicidade Alves.

E lá teve de ir atender o cliente que no balcão tomava poiso com dois volumes retirados das prateleiras.



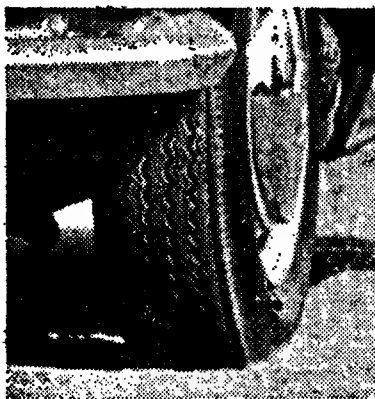
É ESTE O PNEU INDICADO PARA O SEU CARRO?

Sim, se o fabricante
recomendar pneus convencionais.

Porque Dura Jet é,
no seu tipo,
o pneu de segurança
comprovada
em milhões de quilómetros.

E com a construção mais adequada
às nossas estradas.

Para as quais
foi cuidadosamente
estudado e ensaiado.



Repare no seu largo piso
prolongado até aos ombros.
Nos seus milhares
de ranhuras e lamelas.
Garantias de aderência total
em curvas e travagens.
Tenha cuidado
com os pneus
que usa no seu carro.
Não sujeite
a sua segurança
e a de sua família a «modas».

DURA-JET

o pneu convencional de segurança comprovada

MABOR

OPINIÃO UNÂNIME ÚNICA AMBIÇÃO PARA QUEM COMPRA LOTARIA

também o vosso, caro leitor. E bem acompanhados estamos pois verificamos que os responsáveis pela administração da Lotaria Nacional chegaram às mesmas conclusões. Efectivamente, acentua-se nos últimos tempos a orientação de criar novas modalidades de prémios e contemplar maior número de compradores. Este comentário visa, precisamente, o que sabemos irá acontecer no

sorteio da chamada Lotaria das Vindimas, em que passam também a ser premiados todos os números que tenham três ou dois algarismos finais idênticos quer aos da sorte grande, quer aos do 2.º ou, ainda, do 3.º prémios. Tão louvável iniciativa permite, do pé para a mão, fazer com que sejam premiados os portadores de mais 26 280 cautelas. Apesar do que, este ano, a «taluda» se-

rá de 8000 contos.

Fomos informados de que já no próximo mês de Outubro se irá realizar um sorteio extraordinário em que, além da referida modalidade de prémios aos algarismos finais, será criado, ainda, um tipo de prémios de características revolucionárias nas lotarias portuguesas. Enfim, democraticamente, todos parecem haver acertado o passo na miragem do cami-

nho da fortuna. Não estará aqui a resposta ao facto de se ter verificado que, ultimamente, as emissões se vêm esgotando com grande antecedência?

E a todos nós e igualmente, também, os 8 milhões da «taluda» de sexta-feira continuam a acenar a sua aliciante promessa. Mas a quem não tiver tido palpite de milionário, restam, desta feita, muitas outras possibilidades.

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

mini lanche
CHOCOLATES TÁGIDES
OURO E PRATA
COMPRA E VENDE
AOS MELHORES PREÇOS
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — Tel. 324564
LISBOA

**FEIRA DO
ARTESANATO**
CASCAIS
TODOS OS DIAS
das 16 h à 1 da madrugada
Organização da Junta de
Turismo da Costa de Sol



JULIA BABO



HOJE PODE VER...

YÔ-YÔ: MORRER, SIM...

Após prolongada ausência dos «écrans», anuncia-se para as 22 horas mais um número do programa «Yô-Yô», produzido por Francisco Nicholson, Armando Cortez, Maria Aurora, Ângelo Granja e Paulo...

conjunto musical de Victor Campos a estudante universitária Ana Paula, Julia Babo (mulher de mil profissões e...

MAS DEVAGAR

imposição dos próprios businadores. A propósito: que motivo leva a RTP a suspender a transmissão de «Yô-Yô? Programas bem

piores (mil vezes) e séries importadas (com a consequente saída de divas para o estrangeiro) por lá andam até tombarem de podres...



ADA DE CASTRO

António Ramos Rosa em «OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS»

Joaquim Manuel Magalhães, autor do programa «Os homens, os livros e as coisas» (a transmitir pelas 19 horas), falará de António Ramos Rosa, um poeta «difícil», «porque nos exige uma atenção e um esforço de leitura que a grande maioria dos poetas não solicita. Versos deste poeta:



«CARTAZ-TV»

Cerca das 20 e 15, os telespectadores interessados pelo decorrer da próxima semana televisiva ficarão a par do programa vendo «Cartaz TV». Mas é conveniente não se fiar muito nas aparências: de repente, tudo está alterado sem qualquer aviso prévio...

O CASO da SEMANA

II PROGRAMA

«O Caso da Semana» (com Luis Filipe Costa e um entrevistado) é a rubrica que lhe aconselhamos, no programa de amanhã. A estupificante série de «Casamento de conveniência», usa como tema, no episódio de hoje, Greta e Peter, desta vez convidados para jantar num restaurante chique. E le é Michael Callan e ela Patricia Harty. O Michael e a Patricia, precisando de dólares e fama, sujeitam-se a todas as conveniências... dos produtores!

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 5: O Coral «Luís Todó», de Setúbal; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira. Roteiro musical português, 18 e 5: No mundo da canção; 18 e 20: «Uma gota de sangue e Renasce uma vida», programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 30: No mundo da canção; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio rural — Música, 20: Diário sonoro; 20 e 20: Resumo do programa — Melodias por orquestras; 20 e 40: 34.º Episódio do Folhetim «O canto da Terra»; 21 e 5: Consonâncias portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 5: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Natalino Duarte e Maria Augusta Emília; 22 e 50: Música, 24: Fecho.

2.º Programa (397 m — 755 kc/s) — As 16: Folclore do Mundo — Cante Jando e Música de Cachemira; 16 e 25: Curiosidades musicais — «A minha tia Aurora» (ópera cómica em dois actos); 17 e 10 — Trio em mi bemol maior, op. 100 (Schubert), pelo Trio de Trieste; 18: Música portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por

Maria Helena de Freitas; 19 e 45: O violoncelista Massimo Amphitroff; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O pianista John Ogdon; 20 e 30: Música de câmara; 21: Música sinfónica; 22: Teatro dos nossos dias: «Eduardo de Filippo», dramaturgo, pelo dr. Leopoldo de Araújo; 22 e 35: Concerto de Aranjuez (J. Rodrigo).

3.º Programa (Cultural — MF 2 — 94,3 Mg/s) — As 23: 1.º acto da ópera «Parsifal» (Wagner); 1: Fecho.

Emissão estereofónica — Música ligeira; 22: Concerto grosso, op. 6, N.º 11, em lá maior (Haendel); 22 e 20: Sonata em lá maior, K. 332 (Mozart); 22 e 42: Suite Karelia, op. 11 (Sibelius); 23: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — (451 m — 665 kc/s) — As 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Jazz; 19 e 30: Discoteca R. U.; 19 e 40: Notícias; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1084 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19: Notícias; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura; 20 e 07: 45 notações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 3: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e

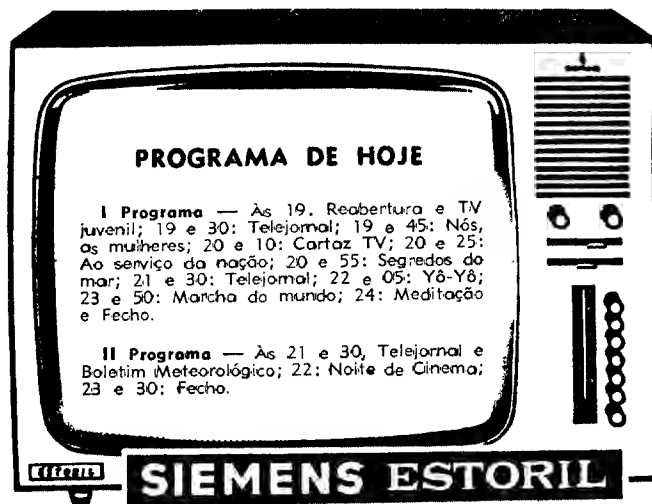
05: Grande roda; 0 e 2: «B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de Frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 4: Programa CDC; 17: Notícias; 17 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à G6-G6; 0 e 2: Em órbita dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Notícias; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20: Nota de Abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 2: Primavera plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrusel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18: Vozes famosas do disco; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da extração da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Música seleccionada; 19 e 25:

(Continuação da pag anterior)



AMANHÃ — 1 Programa — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Casamento de conveniência; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó lá si; 14 e 10: Fecho. As 16: Reabertura e Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo; 18 e 30: TV infantil; 19: Telesport; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: ...E a vida continua; 20: Skippy; 20 e 40: TV 7; 21 e 5: Fados; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Os Cavaleiros do Ocu; 22 e 30: Variedades; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Meditação e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Estúdio C; 22 e 20: Missão Impossível; 23 e 15: Concerto; 23 e 35: Fecho.



«SEGREDOS DO MAR»

Pelas 21 horas aparece o programa «Segredos do Mar», de Helder Mendes, hoje com um filme sobre a «Adoção da Senhora das Salvas». Trata da antiga armação da sardinha, método de pesca já ultrapassado mas que, ainda hoje, subsiste em alguns pontos da nossa costa.

«A MULHER RURAL»

Semana após semana, a posição social da mulher-rural (que o programa «Nós as Mulheres» utiliza para tema) chama a atenção da telespectadora. Hoje, pelas 19 e 45, é transmitida mais uma edição desta rubrica.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Agosto de 1940 publicava:

«ZURICH, 28 — Por notícias aqui recebidas, sabe-se que as autoridades alemãs estão cada vez mais aborrecidas com os «raids» que a aviação inglesa tem efectuado sobre a cidade de Leipzig, onde se encontram tantos representantes do comércio e da indústria dos países neutros, devido à grande feira que ali se está a realizar.

«O «raid» britânico sobre as fábricas de Leuna provocou novo alarme, que já é o segundo em duas noites sucessivas.»

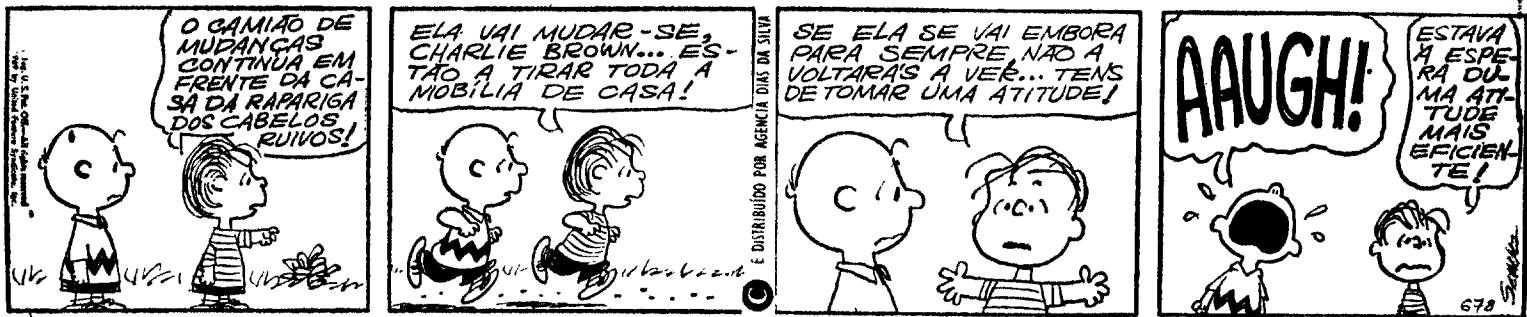
RÁDIO

(Continuação da pág. anterior)

Leitura do programa e boletim do S. C. R.: 19 e 30: Página um; 20 e 30: Notícias; 20 e 55: Meditação; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23ª hora e Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — onda média — 188 m 1594 kc/s — modulação de frequência — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8, das 10 às 12 e 19 e 30 às 22; Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2; Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30; Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17

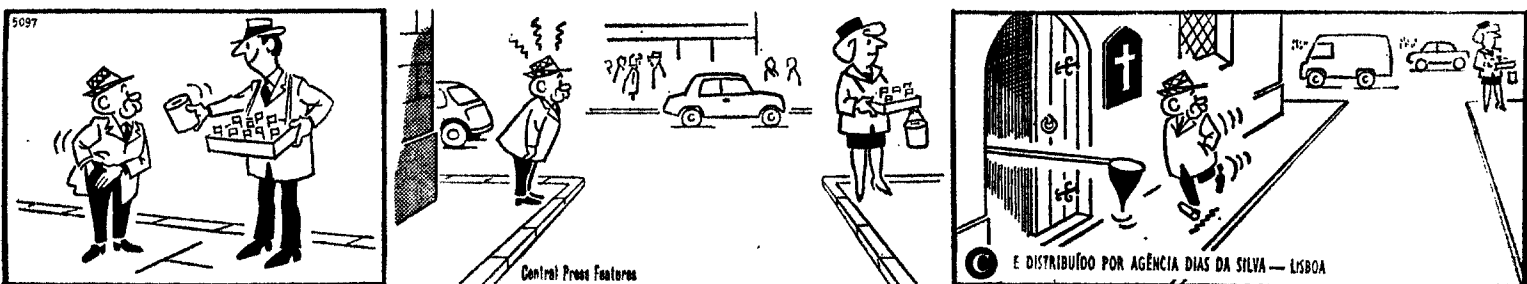
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



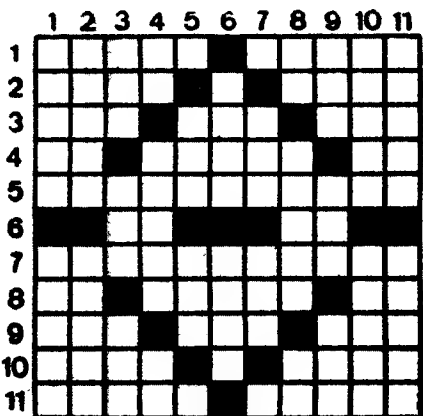
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 5639

HORIZONTAIS: 1 — Cântico de louvor a Deus. Rede de malha miuda. 2 — Moeda portuguesa de 100. 3 — Bondosa. Dá mios. Fieira. 4 — Em partes iguais. Estacionam. Cento e um em romano. 5 — Regularmos. 6 — Sufo. 7 — Viração. 8 — Freguesia da concelha de Loulé. Utensílio doméstico. 9 — Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Catedral. Igual. 10 — Existência. Caixa de madeira revestida de couro ou lona. 11 — Guarnição de asas. Gelhas.

VERTICAIS: 1 — Grande sábio. Careca. 2 — Levam à sina. Lavra. 3 — Liga. Dádiva. Passada. 4 — Ruim. Nome de frutos. Preposição latina que designa movimento. 5 — Lha inglesa no mar da Irlanda. Chefe etíope. 6 — Fita. Líquido gorduroso. 7 — Rio da Suíça. Aqui está. 8 — Artigo definido. Regular. Muilo. 9 — Esteiro. Oceano. Página (abrev.). 10 — Esmago. Tecido de algodão. 11 — Estimais. Curas.

Resolva completamente este problema!
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5638

HORIZONTAIS: 1 — Ácida. Cosam. 2 — NADA. 3 — Drama. Caldo. 4 — Ad. Arder. Em. 5 — Ramo. Oire. 6 — Ri. Mâ. 7 — Cã. Sã. Ia. Mâ. 8 — Combata. 9 — Lira. Siro. 10 — COMO. D. Ruas. 11 — Asora. TEMPO.

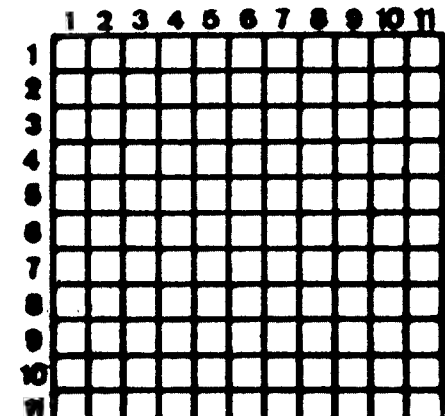
VERTICAIS: 1 — Andar. Calca. 2 — Cardara. los. 3 — Ida. M. Cama. 4 — Danão. Soror. 5 — Ar. Cama. 6 — De. 7 — Ce. Sas. 8 — Acaro. Atire. 9 — Sul. Im. Arum. 10 — Arderam. Gap. 11 — Maomé. Acaco.

(Provérbio: NADA CURA COMO O TEMPO)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9482

HORIZONTAIS: 1 — Divulgar. 2 — Torna pior. Boi bravo. 3 — Enganos. Versejar. 4 — Galio (s. q.). Isolado. Pertences. Batráquio. 5 — Base aérea portuguesa. Um dos pontos cardeais. Reles. 6 — Negra. Agudo. 7 — Interjeição de dor. Campeão. 8 — Oração que os Mouros fazem a Deus antes de se deitarem. Bondosa. Prefixo que designa ar. 9 — Niquei (s. q.). Solitário. Cinquenta e cinco em romano. Prefixo de negação. 10 — Astúcia. Suja. 11 — Toca. Queimar.

VERTICAIS: 1 — Afeição. Estreito. 2 — Corsário. Caldo de arroz, temperado com sal. (Bras.). 3 — Grande quantidade. Trata por tu. Quinhentos e um em romano. 4 — Cupido Troça. Senhor em inglês. 5 — Limonada gasosa. Palmatoada. 6 — Parco. 7 — Engata. Veste sacerdotal de linho. 8 — Tempo do verbo ser. Nota musical. Pronome pessoal (pl.). 9 — Consentimento. Põe a vista em. Reis. 10 — Tesouro pública. Terreno duro onde se malham cereais. 11 — Espiritual. Despoavar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9481

HORIZONTAIS: 1 — Insurreitos. 2 — Ova. Oil. Oca. 3 — Impor. Armar. 4 — Abar. Abra. 5 — Satãs. Trair. 6 — Rosa lara. 7 — Mas. 8 — Al. Abana. Ce. 9 — Pessa. Armai. 10 — Sara. Pott. 11 — Olala. Barão.

VERTICAIS: 1 — Jôias. Lapso. 2 — Nimbar. Leal. 3 — Sapatos. Sra. 4 — Oras. Asai. 5 — Ror. Samba. 6 — Ri. Ad. 7 — Ela. Tisha. 8 — Rara. Aipa. 9 — Tombara. Mor. 10 — Ocaro. Caia. 11 — Sarar. Leito.



NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas S.A.R.L.

Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECIONAMOS
PARA
IMPORTANTE EMPRESA NOSSA CLIENTE
AVEIRO

TÉCNICO DE MARKETING

CONDIÇÕES PEDIDAS: espírito de iniciativa e dinamismo com vista à organização de Serviço e Rede de Vendas.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: lugar de direcção. Vencimento compensador.

Resposta para NORMA indicando ref.º 188/P/DPA (Confidencial)

TAGIDE



LG BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20

TELS. Boite 3 5328
Restaurante 36 21 23
Cabine

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova de
Alameda, 99 — LISBOA

Aparelhagem Electro-domésticos

TUDO PARA V/CASA SEM FIADOR
2 - Av. Praia da Vitória

A OPOSIÇÃO DIVIDIDA EM BORDÉUS

BORDÉUS, 28 — (F. P.) — Separaram-se depois de duas horas de discussões, sem conseguirem designar um candidato único às eleições parciais de Bordéus, os representantes dos partidos Socialista, Radical e da Convenção das Instituições Republicanas.

Foram os delegados socialistas que abandonaram a reunião, que perdeu assim o seu objectivo.

Servan-Schreiber (radical) disse aos jornalistas que não fazia comentários. Soube-se que nenhum nome de alcance nacional fora proposto, tendo sido isto, segundo explicou um dos representantes, que irritou o grupo socialista e também o da Convenção.

O ENGENHO EXPLODIU NAS MÃOS DO «PIRATA DO AR»

VARSOVIA, 28 — (F. P.) — A agência noticiosa polaca PAP dá mais pormenores sobre o desvio falhado do avião da companhia LOT, na carreira Katowice-Varsóvia, que, por pouco, não terminou numa catástrofe. O Antonov-24 acabava de levantar voo de Katowice, na Silésia, para Varsóvia, com 19 passageiros a bordo. Em dado momento, um jovem, Rudolf Olma, precipitou-se para o posto de comando, brandindo um engenho explosivo, e deu ordem ao piloto de seguir para Viena. Porém, não tardou que o engenho, de fabrico caseiro, explodisse, decepando a mão do «pirata», que perdeu ainda um olho, além de ter sofrido outros ferimentos. O mecânico de bordo e dez passageiros sofreram também ferimentos.

A explosão arrancou a porta de comunicação entre a cabina de pilotagem e o resto do aparelho. Declarou-se fogo a bordo e a cabina ficou cheia de fumo. Passados uns momentos, faltou a corrente eléctrica. A tripulação lançou um «SOS», enquanto tentava, às apalpuelas, proceder à manobra de aterragem. Felizmente, o trem de aterragem e os travões funcionaram. O drama durou apenas dez minutos, que pareceram uma eternidade.

Foi o quinto desvio de avião tentado na Polónia nos últimos três meses. Três malograram-se.

Actualidade internacional

AVISO EGÍPCIO A ISRAEL

CAIRO, 28 — (R.) — O ministro da Orientação Nacional, Mohammed Hassanein Heykal, avisa hoje Israel de que não existia qualquer maneira de resolver a crise do Médio Oriente se aquele país não retirasse de territórios árabes ocupados.

Contudo, Israel não retiraria e faria o máximo para sabotar as actuais conversações de paz sob a égide do enviado da ONU, dr. Gunnar Jarring — diz Heykal no seu artigo semanal no jornal semi-oficial caiota «Al Ahram».

Uma tentativa israelita com esse objectivo era consti-

tuida pelas alegações de que o Egito estava a estabelecer novas rampas de mísseis ao longo do Canal de Suez, violando o acordo de cessar-fogo — prossegue o articulista.

Israel utilizara, também, essas acusações como uma desculpa para pedir aos Estados Unidos mais armas electrónicas.

As armas electrónicas não eram, porém, um monopólio norte-americano, apesar das declarações dos E. U. A. de que se estabelecesse uma nova guerra no Médio Oriente as armas electrónicas empregadas fariam com que o Vietnã parecesse uma brincadeira de crianças.

«Se Israel não retira, qual a forma de resolver a crise?» — pergunta Heykal.

O articulista declara a seguir que, faltando apenas 70 dias para acabar o cessar-fogo Israel não permitiria que o dr. Jarring conseguisse algo,

como aconteceu em 1967, em 1968 e em 1969.

A questão principal da missão reactivada do dr. Jarring era a retirada israelita de territórios árabes e não podia haver qualquer compromisso quanto a isso. «Tenho, porém, a certeza de que Israel dirá não» — observa Heykal.

Toda a gente em Israel queria mais terras. «Mais terras foi para os israelitas o preço da vitória militar de 5 de Junho de 1967» — acrescenta o ministro.

Racismo no Scala?

MILÃO, 28 — (A. N. I.) — Nathan Boyd, tenor norte-americano de cor, acusa o Scala de Milão de racismo: «Há já dois anos que tento cantar no Scala de Milão e não consigo uma oportunidade. Estou convencido de que posso atribuir esse facto à minha cor».

Diz-se em Tel-Aviv:

ENCONTRAM-SE NA RAU 12 000 A 13 000 SOLDADOS SOVIÉTICOS

TELAVIV, 28 — (Por Bernard Ullmann, da FP) — Segundo uma fonte bem informada, encontram-se no Egito 12 000 a 13 000 soldados soviéticos, 6000 dos quais nas cercanias do canal. A mesma fonte afirmou ainda que os egípcios continuam a reforçar os seus dispositivos na zona oficialmente submetida ao «estatuto» militar e aproximam baterias de mísseis do canal. A «ponte aérea» posta a funcionar pelos soviéticos continua a trazer para o Egito material militar, mísseis, aviões e pessoal. As vio-

lações do cessar-fogo a que aludem os israelitas dizem essencialmente respeito à instalação de baterias de mísseis SA-2, uns vinte quilómetros a oeste do canal e de SA-3, a uns trinta.

Do lado israelita, em contrapartida, sublinha-se em Telaviv, não há violações do cessar-fogo mas apenas o prosseguimento das obras de reparação das posições, as quais foram empreendidas antes de 7 de Agosto.

No que se refere à actividade ao longo do canal, considera-se em Telaviv que é de tal forma calma que foram autorizadas a seguir para ali mulheres, entre as quais artistas de «music-hall», o que lhes fora vedado durante meses, por causa dos bombardeamentos, tiros e incidentes diários.

Pensa-se, no entanto, que, apesar do reforço do dispositivo egípcio, as forças israelitas continuam capazes de enfrentar um tratamento das hostilidades.

CRIANÇA MORTA POR UM LOBO DE ALSÁCIA

LONDRES, 28 — (R.) — Uma menina de 3 anos foi ontem arrebatada do berço e selvaticamente morta pelo (lobo-d'alsácia) de seu avô, no subúrbio de Forest Hill, no Sul desta capital.

A criança dormia no jardim das traseiras da residência do avô, George Howard, quando o cão a retirou do berço.

O animal, de 8 anos, com o nome de «Bruce», estava a atirar com a boca o bebé, que gritava, ao ar, quando foi, por fim, posto em fuga com o cabo de uma vassoura.

Foram prestados os primeiros socorros à criança, que faleceu a caminho do hospital. O nome da menina não foi divulgado.

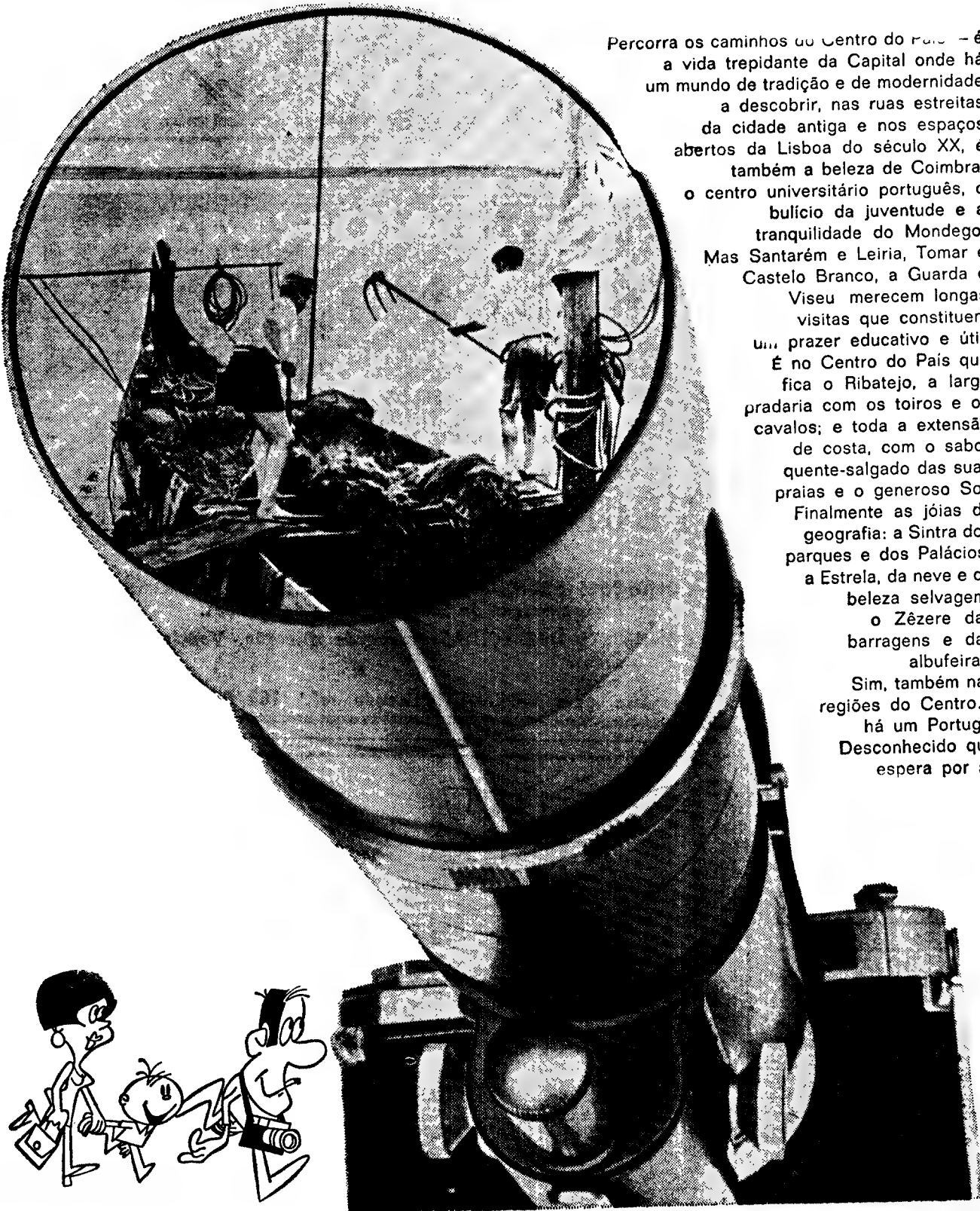
Advertência israelita

TEL-AVIV, 28 — (R.) — Israel avisou, ontem à noite, claramente os árabes de que não pode continuar a fechar os olhos às violações do cessar-fogo, e anunciou que suspenderá as negociações de paz se a luta recommençar.

HA' SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO

...QUE ESPERA POR SI

Percorra os caminhos do Centro do País — é a vida trepidante da Capital onde há um mundo de tradição e de modernidade a descobrir, nas ruas estreitas da cidade antiga e nos espaços abertos da Lisboa do século XX, é também a beleza de Coimbra, o centro universitário português, o bulício da juventude e a tranquilidade do Mondego. Mas Santarém e Leiria, Tomar e Castelo Branco, a Guarda e Viseu merecem longas visitas que constituem um prazer educativo e útil. É no Centro do País que fica o Ribatejo, a larga pradaria com os toiros e os cavalos; e toda a extensão de costa, com o sabor quente-salgado das suas praias e o generoso Sol. Finalmente as jóias da geografia: a Sintra dos parques e dos Palácios; a Estrela, da neve e da beleza selvagem; o Zêzere das barragens e das albufeiras. Sim, também nas regiões do Centro... há um Portugal Desconhecido que espera por si.



Uma chimpanzé aprendeu a ler e a escrever

WASHINGTON, 28. — (A. N. I.) — Uma chimpanzé de 7 anos, «Sarah», aprendeu a ler e escrever, ao fim de dois anos, de estudos na Universidade de Santa Clara, na Califórnia — anuncia o «Washington Evening Standard».

«Sarah» conhece 120 palavras e o psicólogo David Premach afirma que ela poderá ir até mil palavras. Vai agora ensiná-la a contar e tenciona utilizá-la, depois, como monitora para o ensino de outros macacos.

Embora não possa falar, «Sarah» aprendeu as palavras por analogia com símbolos e sabe utilizá-las concretamente. Assim, para escrever a palavra «batata», a chimpanzé desenha, como símbolo, um triângulo encarnado. E para significar banana desenha um quadrado cor-de-rosa.

Primeiramente, «Sarah» utilizava os símbolos, recordados em metal e pintados, numa placa magnética. Depois, passou a escrevê-los, com uma máquina de dactilografia construída especialmente.

Agora consegue escrever frases deste tipo: «Sarah» mete a banana no copo e a batata no prato».

E chegou a ir a frases mais abstractas, como esta: «Se a Maria escolhe o encarnado, «Sarah» escolhe o verde».

DISCURSO OPTIMISTA DE BREJNEV ACERCA DE POLÍTICA EXTERNA

MOSCOVO, 28. — (R.) — O dirigente soviético Leonid Brejnev declarou hoje que «existe agora uma oportunidade para encarmos a solução do conflito no Médio Oriente a partir de posições realistas e responsáveis».

Num importante discurso sobre política externa, que proferiu num comício em Alma Ata e que a agência Tass divulgou, Brejnev também disse que o recente tratado germano-soviético renunciando ao uso da força terá uma influência positiva importante na situa-

ção europeia, tanto presente como futura.

Brejnev também declarou no comício, que assinalava o cinquentenário da República Soviética do Caquistão, que tem fronteira com a China, que a U. R. S. S. está disposta a contribuir de todas as maneiras para normalizar as relações com a China.

«A normalização das relações entre a União Soviética e a República Popular Chinesa serve os interesses dos dois países, do socialismo mundial e do movimento revolucionário de li-

bertação dos povos oprimidos, bem como o fortalecimento da paz mundial».

Brejnev declarou, no entanto, que «os interesses nacionais e a segurança do povo soviético não poderão ser sacrificados».

CARTA DE NIXON

SAN CLEMENTE (Califórnia), 28. — (R.) — O presidente Nixon escreveu ao primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, sancionando o seu apelo para melhor entendimento, mas evitando uma resposta a um novo pedido soviético para uma conferência sobre segurança europeia.

Kossyguine solicitou as discussões de problemas entre o Leste e o Oeste num foro inteiramente europeu numa carta enviada ao presidente Nixon, com a data de 1 de Agosto.

Nixon, na sua resposta, disse que os Estados Unidos e a União Soviética partilhavam a obrigação de trabalhar sempre para fortalecer a paz mundial, mas não sugeria como deveriam agir.

A troca de correspondên-

cia, divulgada pela Casa Branca, sem comentários, a noite passada, assinalava o vigésimo quinto aniversário da conferência de Potsdam, que fixou as fronteiras europeias após a segunda guerra mundial.

Os países comunistas, dirigidos pela U. R. S. S. têm pedido há anos a realização de uma conferência das Europas Ocidental e Oriental. Contudo, os Estados Unidos têm mostrado frieza acerca da ideia, afirmando que qualquer conferência teria de ser muito cuidadosamente preparada.

SCHIRRA À PROCURA DA «CASA DE VÊNUS»

ISTAMBUL (Turquia), 28 — (A. N. I.) — O astronauta norte-americano Walter Schirra veio à Turquia participar na rodagem de um filme, em Esmirna. Segundo declarou aos jornalistas, aproveitará a sua estada na Turquia para fazer escavações arqueológicas, pois quer encontrar a casa de Vênus.

Visita inesperada de Agnew ao Camboja

PHNOM PENH, 28 — (R.) — O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, partiu, de helicóptero, desta cidade, a caminho de Bangkok, depois de ter conferenciado durante quatro horas com os dirigentes cambojanos.

Esta foi a primeira visita feita ao Camboja por um membro do Governo norte-americano desde que o príncipe Sihanouk, o antigo chefe do Estado, foi derrubado, em Março.

O encontro entre Agnew e os actuais dirigentes cambojanos teve lugar no antigo palácio de Sihanouk, que se encontrava cercado por agentes secretos norte-americanos e era sobrevoado por quatro helicópteros também norte-americanos, armados de metralhadoras.

O vice-presidente tinha chegado de Saigão ao aeroporto de Phnom Penh, às 10 e 30, e fora levado de helicóptero para o local do encontro, em Chamcar Mon.

Aparentemente, a visita, que não estava no programa, foi preparada com curta antecedência. Spiro Agnew devia inicialmente dirigir-se de Saigão directamente para Bangkok. O próprio ministro da Informação do Camboja disse aos jornalistas que só esta

manhã tivera conhecimento oficial da chegada do vice-presidente dos E. U. A.

Agnew não fez qualquer declaração à chegada, mas os observadores pensam que o auxílio militar e económico norte-americano ao Camboja terá sido o principal assunto das conversações.

REFUGIOU-SE NA SUÉCIA

UMA TESTEMUNHA NO CASO CALLEY

Segundo a Imprensa francesa, uma das principais testemunhas de acusação no processo do tenente norte-americano, William Calley, acusado no caso do massacre de My Lai, refugiou-se na Suécia, onde aguarda autorização de residência.

Trata-se do sargento Chuck Cunningham, que serviu sob as ordens do tenente Calley e que declarou numa entrevista: «Estou aqui para esquecer o que se passou. Calley é um doente, é um indivíduo totalmente louco. Espero que seja abatido como um cão. Se a justiça existe, ele deve ser condenado à morte ou a prisão perpétua.»

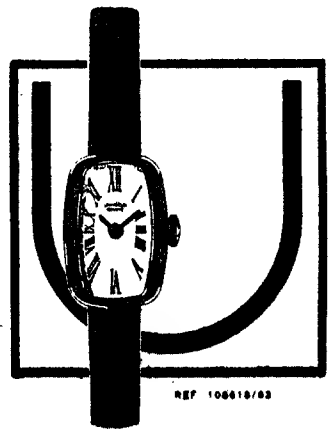
Doris Day envolvida em negócios fictícios

WASHINGTON, 28 — (R.) — O tribunal de contribuições e impostos dos Estados Unidos decidiu ontem que a actriz-cantora Doris Day estava envolvida em negócios fictícios, para evitar pagar o imposto de rendimento, e, devido a isso, sujeita a ter de liquidar várias centenas de milhares de dólares de impostos em atraso.

O serviço de receita interna alega que, entre 1953 e 1957, Doris Day, uma das estrelas de cinema que atrai maior número de espectadores das bilheteiras, e o seu falecido marido Martin Melcher não pagaram mais de 445 mil dólares de imposto de rendimento.

Melcher, um produtor cinematográfico, faleceu em 1968.

Embora o tribunal na sua decisão de 86 páginas, não atribua a Doris Day um grande papel nas transacções ilícitas, a actriz assinou com o marido as declarações de imposto de rendimento, o que a tornava legalmente uma transgressora.



UNIVERSAL — o relógio com o qual outro belo relógio gostaria de se poder parecer. Mas um costumeiro de relojeria não se improvisa, cria-se!

UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre



AS MODERNAS SUFRAGISTAS DA AMÉRICA manifestaram-se em diversas cidades dos Estados Unidos, incluindo Washington (na foto), para reclamar plena igualdade de direitos com os homens. A data escolhida para as manifestações, o dia 26, corresponde ao quinquagésimo aniversário da concessão do direito de voto às mulheres norte-americanas.

PARA QUE NÃO SOFRESSE LANÇOU AO RIO O FILHO DEFORMADO

ROMA, 28 — (R.) — Livio Davani, um jovem pai que confessou à Polícia ter atirado ao rio um filho que nascera deformado «para que ele não se sentisse infeliz quando fosse crescido», encontra-se preso sob a acusação de homicídio premeditado.

Davani, um fotografo de 29 anos, apresentou-se ontem numa esquadra de Polícia, voluntariamente, e confessou o crime. A criança, a quem tinham posto o nome de Ivano, nasceu há 24 dias sem pernas e sem o braço esquerdo, tendo no lugar do braço direito um coto com um único dedo.

O pai contou à Polícia que, depois do filho nascer, tinha ido à procura de outras crianças deformadas, para ver como elas viviam.

«Fiquei horrorizado. Encontrei criaturas monstruosas e infelizes. Por que motivo seria o meu filho assim? Comecei então a pensar em matá-lo, mas sem que a minha mulher suspeitasse».

Ontem, Davani foi ao hospital onde a criança continuava internada e disse aos médicos que pretendia levá-la para casa.

«Durante horas, andei às voltas na cidade sem ter

coragem para o matar. Parei dezenas de vezes junto das pontes e interrogava-me se devia ou não fazê-lo.

«Finalmente, na ponte Flaminio, sai do carro com Ivano nos braços. Ele começou a chorar e, nesse momento, obedecendo a um impulso, tive coragem para o lançar ao rio», contou Davani à Polícia.

Antes de ser levado para a prisão, Davani foi autorizado a encontrar-se com sua mulher e os dois abraçaram-se em silêncio. O casal tem uma filha de 4 anos, que é inteiramente normal.

AUXÍLIO DA ONU AOS «MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO»

NAÇÕES UNIDAS, (Nova York), 28 — (A. N. I.) — A comissão de descolonização da Assembleia Geral — «Comissão dos 24» — aprovou, apesar da oposição dos Estados Unidos e da Inglaterra, a moção em que se autorizam as agências especializadas da O. N. U. a auxiliar materialmente os «movimentos de libertação» que se registam em África.

A moção foi aprovada por 17 votos e com dois contra, tendo havido duas abstenções (Itália e Noruega).

INCIDENTES NA ILHA DE WIGHT

ILHA DE WIGHT, 28 — (F. P.) — Os contestadores franceses voltaram ontem à noite a dar que falar no festival «pop» da ilha de Wight, tentando deitar abaixo as paliçadas, com a altura de três metros, que limitam o recinto. Polícias particulares entrevistaram com os seus cães. Três guardas ficaram feridos nas desordens que se segui-

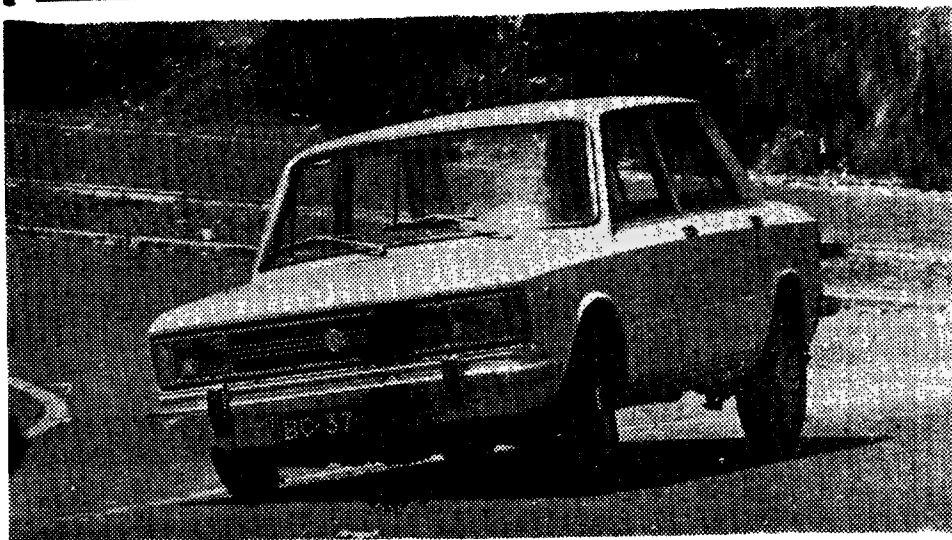
ram, o mesmo sucedendo com três dos animais.

Os contestadores, alojados num sector do campo conhecido pelo nome de «Avenida da Desolação», pretendiam facilitar a entrada no recinto a amigos seus, sem pagarem as três libras (210 escudos) exigidas pela organização do festival.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Em Itália chamam-lhe o «Fiat dos ricos» e a justificação para este «rótulo transalpino» filia-se no facto do «Autobianchi A 111» ser uma reconversão da mecânica (e, vamos lá, da carroçaria) de um outro modelo do construtor turinense, exactamente o «Fiat 124 S».

«AUTOBIANCHI A 111»



Mesmo em curvas apertadas, o «A 111» agarra-se sempre bem

Mais dentro do problema — como é natural — do que nós, a associação é perfeitamente aceitável para os italianos, já que sabem ser a «Autobianchi» uma fábrica pertencente, na sua totalidade, à «Fiat», e que se dedica, em grande parte, à produção de modelos aprovados da marca de Giovanni Agnelli, quer sob o ponto de vista de carroçaria e conforto, quer sob o mecânico. Por aqui se estará a ver que os «Autobianchi» terão de ser sempre mais caros que os seus congéneres «Fiat»... Os tais «automóveis para ricos», da lógica comum italiana.

Em Portugal esta «ligação» não surge tão evidente, pelo menos ao nível do grande público. Para muitos, «Autobianchi» é simplesmente uma marca italiana (de certo modo, até nem muito conhecida...). O facto dos seus automóveis serem agora comercializados pela «Citroen» (depois dos acordos entre esta firma e a «Fiat»), contribui, ainda mais, para a separação de ideias de origem.

Temos, pois, que a imagem que o cliente português possa fazer, «a priori», do «A 111» é que — nos seus cento e poucos contos — é um «carro caro».

Para o nosso mercado, e dentro da sua classe (1400 a 1600 c. c. — ver quadro) o «A 111» é oferecido, com todo, a um preço que o coloca entre os mais altos, não embora a sua baixa cilindrada (no quadro da

comparação) lhe dê grande vantagem, já que possui características e «performances» que o colocam acima da maioria.

Teremos, assim, uma viatura que custa uma apreciável quantia, mas que oferece também muito no plano de «performance», conforto, segurança, etc. Mais do que discutir o preço, interessa saber se ele é justificável.

Mais ou menos a mecânica do Fiat 124 S

O «A 111» é uma berlina de 5 lugares, equipada com a mecânica do «Fiat 124 S» em quase todos os seus componentes essenciais.

O motor é o mesmo 4 cilindros em linha, com 1438 c. c. de cilindrada (80x71.5 mm de diâmetro e curso, respectivamente). Este motor, de válvulas à cabeça e árvore de cames lateral, está colocado transversalmente e tem a cabeça em ligeira inclinação. Até aqui, e à parte da colocação, tudo igual.

A alimentação faz-se, porém, por um carburador «Weber» de duplo corpo, enquanto, no «124 S», o carburador é de corpo simples. No plano de taxa de compressão, a do «Autobianchi» é um pouco superior (9,3/1 contra 9/1 no «Fiat»). O sistema de refrigeração, por água, é, no «A 111» complementado pela existência de um ventilador de comando termos-

«muito bem medidos...») e o binário é inferior.

No sistema de transmissão, reside a grande diferença, não só sob o ponto de vista mecânico, como no de comportamento em estrada: o «A 111» é um «tracção à frente». A caixa de 4 velocidades (todas sincronizadas) tem, todavia, desmultiplicações diferentes. O «rapport» é, também, mais curto.

As suspensões têm algumas afinidades nos dois carros. A frente, braços triangulares em trapézios transversais, com molas de lami- nas transversais no «A 111» e molas helicoidais no «124 S». Atrás, o eixo rígido «clássico» em ambos (os 4 rodos independentes só apareceram na «Fiat», com o «128»), tendo, no «Autobianchi» molas semi-elípticas e amortecedores telescópicos e no «124 S»

carro que guiámos) tem as dimensões comuns e agarra-se bem, o que no «124 S» constitui um pequeno problema. No painel de instrumentos — á primeira vista pobre — há tudo o que se necessita: velocímetro (com contador de quilómetros), indicador de nível do combustível (luz avisadora da «reserva»), termómetro, conta- rotações (com zona en-

de que o motor parou: o silêncio do seu funcionamento é enorme e só quando se puxa uma 2.ª ou 3.ª é que se ouve e sente a sua «raça». Diga-se que, no plano de potência, o carro nos deu bastante satisfação, especialmente quando em «bom regime». Já a baixa rotação, o mesmo não sucedeu umas quantas vezes, dando ideia de falta de

PLANO DE LUBRIFICAÇÃO

Gulf

MOTOR: GULF PRIDE G MOTOR OIL SAE 20W/40
CAPACIDADE DE CARTER: 3,25 LITROS
CAIXA: GULF MULTIRUPOSE GEAR FABRICANT 90
CAPACIDADE DA CAIXA DE VELOCIDADES: 2 LITROS
PONTOS DE LUBRIFICAÇÃO A MASSA: GULFLEX A
PONTOS DE LUBRIFICAÇÃO A ÓLEO: GULF SERVICE 64
CIRCULO DE TRAVAGEM: GULF SUPER HEAVY DUTY
BRAKE FLUID SAE 70 R3
LUBRIFICAÇÃO DOS TOPOS DOS CILINDROS E VALVULAS: ADITIVO VALVETOP

O «A 111» NA SUA CLASSE

Modelo	Cilindrada (c. c.)	Potência máxima (cv-DIN)	Binário máximo (kgm-DIN)	Peso (kg)	Velocidade máxima (km/h.)	Aceleração (0 a 100 km/h.) (s)	Preço (base+taxa)
Audi 60 L	1496	55	11,5	1420	138	18	112 222\$70
Austin Maxi	1485	75	11,6	979	148	17,3	99 450\$00
Fiat 124 S	1438	70	11,2	925	152	16,7	86 900\$50
Ford 12 M S (1.5 l)	1498	65	11,7	890	145	16	—
Magda 1500	1490	74	11,4	1035	150	15,7	102 138\$00
Saab V4	1498	65	11,7	905	148	15	88 452\$40
Simca 1501 S	1475	81	12,3	1020	160	14,4	105 612\$50
Volkswagen 1500	1493	44	10,2	870	125	23	69 064\$50
Autobianchi A 111	1438	72	11,55	930	155	13	102 104 000\$00*

* Aguarda homologação.

tático, que entra em funcionamento logo que a temperatura atinge um determinado valor.

A potência é muito pouco superior à do «Fiat 124 S» (apenas mais uns 2 cv,

barras de força e reacção, Panhard e estabilizadora e amortecedores telescópicos.

No que respeita a travões, discos nas 4 rodas, com duplo circuito de travagem e servo-freio.

A direcção é por cremalheira (enquanto no «124 S» é pelo sistema de parafuso e sector).

Guiar o Autobianchi «A 111»

Quando se guia o «A 111» é que surgem as maiores diferenças em relação ao carro com que o temos vindo a comparar.

Logo a linha exterior é um ponto interessante. A frente do «Autobianchi» é deveras bonita, com distinção (que, naturalmente, se paga...). No interior a posição de condução é ótima e o banco (regulável no encosto), envolvente, dá-nos uma imediata sensação de conforto e de confiança em que se está em boas condições para «responder» a qualquer problema que surja na estrada. O volante «desportivo» (de madeira no

carnada, a partir das 6000 r. p. m.), avisador da pressão de óleo e ignição, avisador de travagem do travão de mão, comando de luzes, «chauffage», etc. A comutação de faróis faz-se por uma haste na coluna de direcção e a buzina é facilmente acionável por dois

elasticidade. De uma forma geral, porém, o motor é um bom motivo de satisfação, a que a caixa «responde», com os condicionamentos já atrás referidos.

No aspecto de suspensão, a diferença para o «124 S» é muito grande. Jamais temos a desagradável sensa-

Em «Impressões de Condução» procuraremos dar aos leitores, semanalmente, indicações (sem grandes e «complicados» pormenores técnicos) que o possam orientar sobre a compra do mais divulgado dos meios de locomoção actuais: o automóvel.

apoios na barra do volante. A alavanca de velocidades está implantada no chão e o seu aspecto é francamente pobre para um carro como este: uma simples bola, na ponta de uma haste... e é tudo. O acionamento desta alavanca não é «fácil» e quando, por vezes, se pensa que a mudança entrou... estamos enganados! O sector é um tanto «esquisito»...

Depois de pôr o carro em marcha, tem-se a sensação

ção de adormecimento, nem de descontrolado balanço. O carro parece sempre agarrar-se ao chão, mesmo com piso irregular e em vias sinuosas. A tracção á frente, ajuda muito, também, para se «meter» o carro «onde se quer», quando se guia depressa e em estradas com muitas curvas. A direcção, bastante precisa é, ainda, um bom contributo para o mesmo fim.

Finalmente, no capítulo (Continua na 18.ª página)



Na travagem, o servo-freio diminui o esforço, mas a eficiência é absoluta

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

MAIS DE 70 CONCORRENTES NO XV CIRCUITO DE VILA DO CONDE

Neste fim-de-semana, disputa-se, no Norte do País, a última prova do nosso curto calendário de velocidade: o XV Circuito de Vila do Conde.

Organizado pelo Estrela e Vigorosa Sport, o conjunto de corridas conta para o Campeonato Nacional de Velocidade e deverá fornecer pontos preciosos para o escalonamento das classificações finais da competição.

Entretanto, estão inscritos nas cinco provas nada menos que 71 concorrentes com a seguinte distribuição:

Fórmula V

1, Maria do Céu (Galúzia); 2, Robert Giannone (Olympic); 3, Carlos Azevedo (Aurora); 4, António Barros (Aurora); 5, Santos Mendonça (Palma); 6, Ernesto Neves (Palma); 7, Miguel Rau (Palma); 8, Costa Félix (Palma); 9, Willy Brailard (Feli AC 1).

Fórmula Ford

1, Santos Mendonça (Mer-

Futebol particular

SEIXAL

3-0 AO PAIO PIRES

Jogo no Campo do Bravo. Árbitros: Angel Oñoro, na primeira parte, e o ex-internacional Albano Narciso Pereira, no segundo tempo (treinadores do Seixal e do Paio Pires).

As equipas apresentaram: SEIXAL — Arlindo, ex-Covilhã (Silveira); José Carlos (Quim), Vítor (Pinheiro), Luís, ex-Costa da Caparica (Marco António) e Quim (Correia); Jorge (Dário) e Barreiros (João Luís); Cláudia (Cambalacho, depois Vítor); Nunes (Reis), Manarte, ex-Costa da Caparica (Gorgulho) e Armando, ex-Nazarenos (Duarte).

PAIO PIRES — Ramos (José Fernandes, ex-C. U. F.); Jorge (Sousa), Dias, Martins e Vítor; Chapa, ex-Comércio Indústria (Claudio) e Eduardo; Luciano, Herculano, ex-Seixal (Henriques), Plácido e Juvenal (Ataíde).

Ao intervalo, os seixalenses já venciam por 2-0. Marcaram os golos: Manarte, Cambalacho e Reis, aos 7, 30 e 85 minutos, respectivamente.

UNIVERSIADA

Derrotas

portuguesas em basquetebol e esgrima

TURISM — A selecção portuguesa universitária de basquetebol saiu vencedora do encontro que disputou com a da Coreia do Sul, por 98-62 (com 50-38 ao intervalo).

Entretanto, em esgrima, o atirador português Duro da Costa foi eliminado, com zero vitórias, na prova de florete individual.

lyn); 2, Frederico Assis (Merlyn); 3, Artur Passanha (Merlyn); 5, Luís Fernandes (Lotus); 6, António Barros (Lotus); 7, Ernesto Neves (Lotus); 8, Robert Giannone (Lotus); 10, «Lumaro» (Lotus); 18, Jorge Pinhol (Lola).

Grupo 1

40, eng. Adérito Moreira (Morris Cooper S); 41, Manuel Inácio (BMW 2002); 42, José Figueiredo (Toyota Corolla); 43, José Carlos Ferreira (Triumph 2500 P 1); 44, Frederico Abecassis (BMW 2002); 45, «Xanatos» (Austin Cooper S); 46, «Dino» (BMW 2002 TI); 47, Mário Vida Alegre (Austin Cooper S); 48, Marques Amorim (BMW 2002); 49, Agostinho Maia (Simca 1501 S); 50, Manuel Filipe (BMW 2002 TI); 51, «ELGE» (Cortina Lotus); 52, eng. Acácio Lette (Cortina Lotus); 53, Maria do Céu (Austin Cooper S); 54, Miguel Rau (Cortina Lotus); 57, Fernando Batista (Austin Cooper S); 61, António Portela Morais (R 8 Gordini); 62, Manuel de Melo (Austin Cooper S); 63, «Lumaro» (BMW 2002); 67, «Sweet Bear» (Morris Cooper); 68,

José Martins Peres (Austin Cooper S).

Grupo 2

21, João Félix (Morris Cooper S); 22, Bastos Morais (Escort Lotus); 23, Manuel Sanjurjo (Morris Cooper S); 24, Fernando Batista (Austin Cooper S); 26, Emílio Duran (SEAT Abarth 1600); 27, Domingos Nogueira (Morris Cooper S); 28, João Perry (Morris 1000); 29, Artur Passanha (Escort GT); 30, Miguel Correia (BMW 2002 TI); 31, Manuel Reis (Austin Cooper S); 32, Honorato Filipe (Austin Cooper S); 33, Manuel Souto (Austin Cooper S); 35, Ernesto Neves (Escort Lotus); 36, Bernardo Sá Nogueira (Morris Cooper S); 37, Eduardo Cid (Cortina GT); 38, Francisco Santos (Escort Lotus); 39, Rochinha Ribeiro (BLMC 1300).

Grupos 3, 4, 5 e 6

70, António Costa Félix (Porsche 912); 71, «Xanatos» (Lotus Elan); 72, Carlos Santos (Porsche Carrera 6); 73, Agostinho Maia (Simca 1200 S); 74, Ernesto Neves (Lotus Europa Racing); 75, Luís Fernandes (Ford GT 40); 76, Edgar Fortes

(Porsche 912); 7, Luís Ramalho (Lotus Elan); 79, Américo Nunes (Porsche 911 S); 80, Bastos Morais (Escort Lotus); 81, Miguel Correia (Lancia Fulvia HF); 83, António Afonso (Volkswagen 1600); 84, «Electropinto» (SAAB); 85, dr. Abílio de Albuquerque (Porsche 911 S); 88, N. N. (Ford GT 40).

VALÊNCIA, 1-ACADÉMICA, 1

A EXIBIÇÃO DOS ESTUDANTES TERIA MERECIDO ALGO MAIS

VALÊNCIA — Um golo em cada meio tempo, um meio tempo para cada equipa, um empate a servir ambas. Esta, a síntese fornecida pelo encontro ontem disputado em Valência, perante numeroso público, entre a equipa local e a da Associação Académica.

No entanto, embora o domínio das operações haja pertencido na primeira parte ao Valência e na segunda à Académica, embora, ainda, cada uma das equipas tenha mar-

HOJE, À NOITE

ANDEBOL — Posse dos novos dirigentes da Federação, na sua sede, às 19 e 30.

ASSEMBLEIA — Do Atlético Clube de Portugal, para eleição dos novos dirigentes, na sede (Rua Oliveira Milguéis), às 21 e 30.

Do Casa Pia Atlético Clube, para eleição dos novos dirigentes, às 20 e 30.

ATLETISMO — Torneio de Captação promovido pelo Sporting, no Estádio José de Alvalade, às 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa da I Divisão: Paço de Arcos-F. Benfica, Hóquei de Sintra-Cascais, C. Ourique-Salesiana e Oeiras-Paredes, nos rinkes dos primeiros, às 21 e 15 (reserva) e às 22 e 15 (hora).



Manuel António, um golo oportuno afastou a derrota

Campos; Manuel António, Serafim (Simões), Vítor Campos e Oliveira Duarte (José Manuel).

O primeiro golo pertenceu aos espanhóis, à passagem da meia hora. Paquito atirou e Melo não chegou a tempo.

Aos 70 minutos, 1-1. Bom trabalho de Gervásio e passe oportuníssimo para Manuel António, que atirou a contar.

Conhecedores da morte do futebolista Nene, da Académica, os espanhóis, numa atitude de respeito e solidariedade, apresentaram-se em campo de braçadeira preta, enquanto os estudantes, com o seu equipamento habitual, usaram braçadeira branca.

Um apontamento a registar.

HIPISMO

DECORRE COM INTERESSE O CONCURSO DE CASCAIS

Com um programa alician-te — o da 4.ª jornada — pros-seguiu ontem o Concurso Hípico Internacional de Cascais.

Numeroso público acorreu a presenciar as provas «Cap. José Beltrão» e «Marechal Carmona», disputadas, respectivamente, por 44 e 9 conjuntos, que mostraram o maior empenho na obtenção de boas classificações.

Os triunfos repartiram-se por espanhóis e portugueses, a aguçar o apetite para as derradeiras jornadas do Concurso, amanhã e no domingo.

Classificações:

Prova «Cap. José Beltrão» 1.º — José Rosillo, no «Solteirito», em 63,8 s; 2.º — Cap. Moura dos Santos, no «Valnoble», em 70,6 s, ambos com 0 pontos; 3.º — J. M. Nunes de Carvalho, no «Dominó», 3 p. em 77,6 s; 4.º — António Caldeira, na «Gitana», em 55,6 s; 5.º — J. M. Nunes de Carvalho, no «Falcão», em 56 s; 6.º — F. Lobo Guedes, na «Endiabrada», em 57 s; 7.º — Ana Cristina Rodrigues, no «Capricho», em 57,6 s; 8.º — Vicente Caldeira, no «Caralinda», em 58,4 s; 9.º — Graça Nunes de Carvalho, no «Zagal», em 60,4 s; 10.º — V. Caldeira, no «Gran Se-

nhor», em 61,4 s; 11.º — Cap. Rivero Merry, no «Simbad», em 62,2 s — todos com 4 pontos.

Prova «Marechal Carmona» (Potência). 1.º — Ten. Pimenta da Gama, na «Esposa», 2.º — Major José Cabedo, no «Nageur»; 3.º — Cap. Garcho Benavides, no «Ubo-Roi»; 4.º — Cap. Fernandes Tomaz, no «Biscuit B» e F. Lobo Guedes, na «Marusca»; 6.º — J. Cansado Pais, no «Hovara».

SÁBADO DESPORTIVO

ATLETISMO — Torneio Porto-Vigo-Lisboa, no Porto, 1.ª jornada.

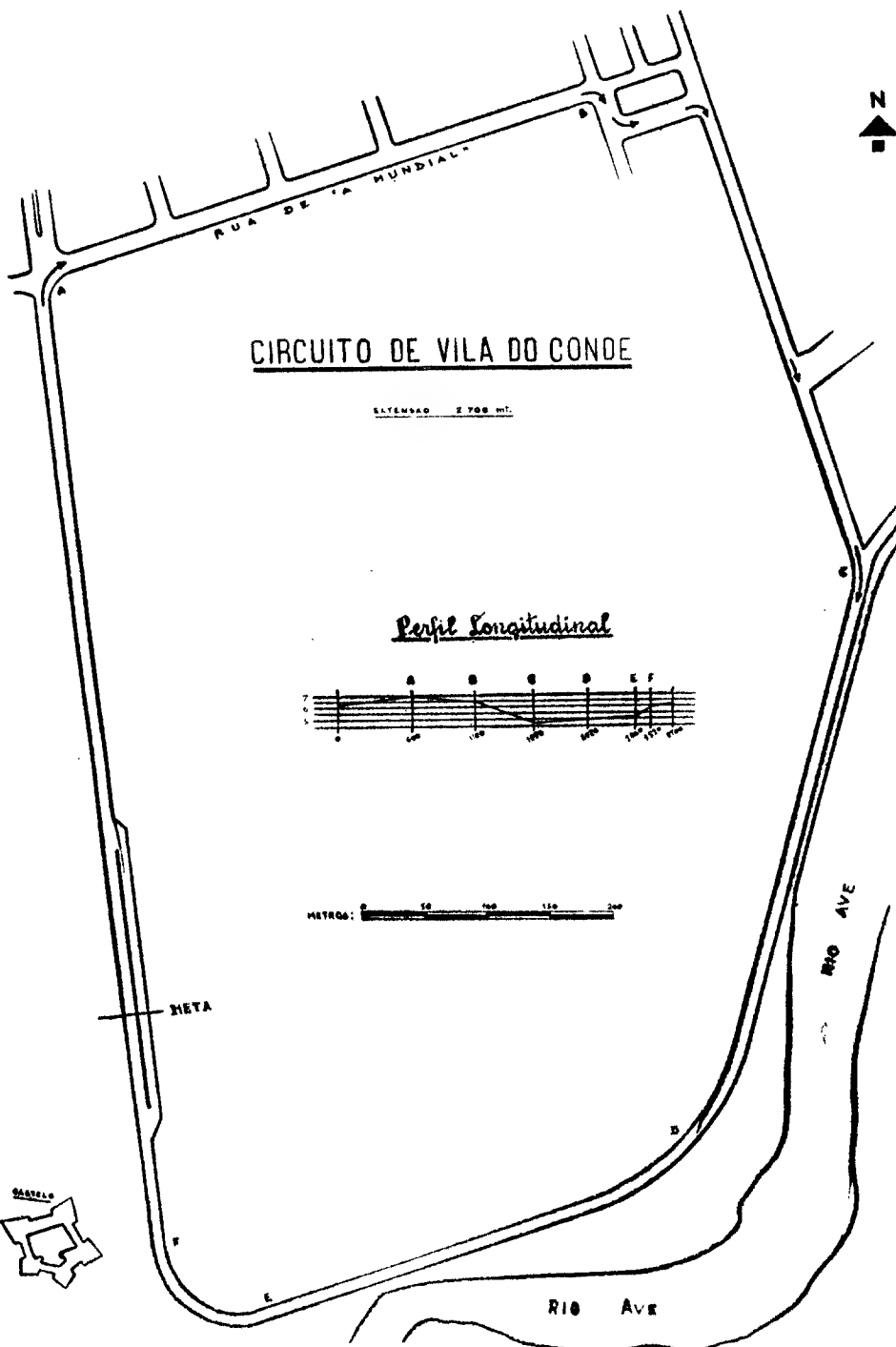
AUTOMOBILISMO — Circuito de Vila do Conde.

FUTEBOL — Taça de Honra, da A. F. Setubal, 1.ª jornada: Vitória Sesimbra, às 19 e 45; Montijo-Paio Pires, às 21 e 45, no Montijo.

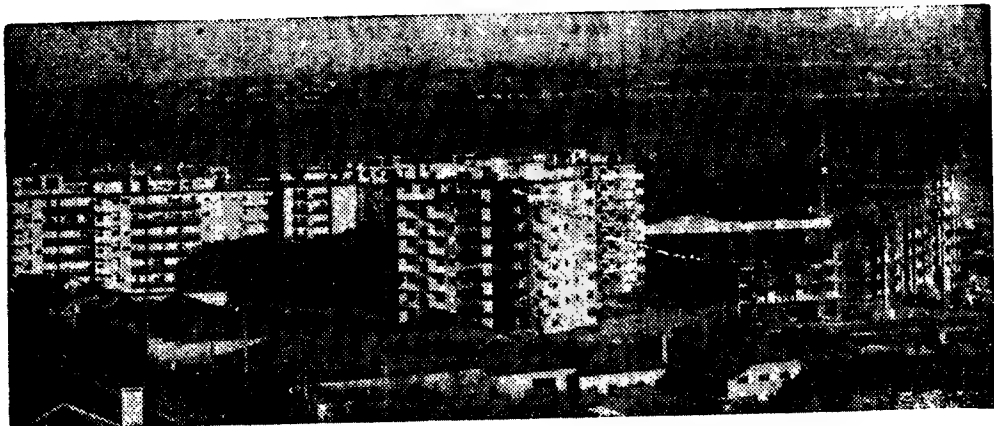
NATAÇÃO — Prova de rio, para infantis, em Paço de Arcos, às 15 e 10 horas.

— Festival das escolas, na piscina da Praia das Mações, às 17 horas.

VOLEIBOL — Torneio das Praias, (final) na Figueira da Foz, às 16 horas.



Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO



—Então um destes apartamentos pode ser seu!

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 150 CONTOS

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado o acesso à casa própria

Só construímos em zonas de rápido desenvolvimento e valorização.

Veja e considere as vantagens de ser proprietário comprando em

J. PIMENTA, S. A. R. L.

UMA CASA PARA QUALQUER CASO

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.
— Telef. 4 58 43/4 78 43

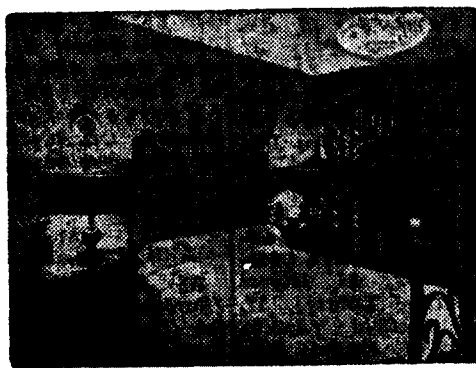
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2 43 35 11

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22 CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, N.º 30 — Telef. 28 25 75

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

Conjunto Turístico da Pampulheira — Tel. 283988

Tem economias?



«AUTOBIANCHI A 111»

(Continuação da 16.ª página)
da travagem nada a reparar. O carro pára mesmo, dentro dos limites das várias situações. Há apenas que habituar o pé ao servo-freio, já que o esforço de travagem é mínimo. Na primeira travagem que fizemos, blocámos logo as rodas e nem tivemos tempo de accionar a embraiagem para o motor não parar... Frise-se, contudo, que isto não constitui um defeito — antes pelo contrário — e requer apenas aquela adaptação que se tem de fazer a qualquer carro.

Em suma...

A maneira de conclusão, tentemos responder à questão «preço-qualidades», posta no início.

Indiscutivelmente que o «Autobianchi» é um bom carro. O ligeiro aumento de «performances» (em relação aos «124 S»), o conforto, os acabamentos, o ar de prestígio que oferece são factores que se têm de pagar.

Como disse, cremos que um escritor francês, «a compra de um automóvel é como o amor: gosta-se... pronto: nem sempre se escolhe o que mais nos convém». Neste caso teremos, pois, uma viatura que, analisada friamente, poderá parecer que não oferece o tal «extra» para o preço. Todavia, ele está! Quem puder comprar o «A 111» compra bem. Ao nível do nosso mercado poderá ter um preço alto, mas nunca se poderá considerar caro.

...É o «fiat dos ricos». E é tudo!

Propriedades

— VENDAS — Quintinha CASAS para alugar

IMPORTANTE UNIDADE FABRIL

A Sacavém junto à estrada, com a área coberta de 5000 m2, incluindo escrit., refeitório, oficinas e 4 grandes edifícios fabris. Área total de 14 000 m2.
Preço: 14 000 contos.

ORCOSI

Rua 1.ª de Dezembro, 45-3.ª Esq.

Telefs. 36.74.44-32.31.72 LISBOA

Contacto

H. NUNES



PUBLICIDADE

Telef. 847260

www.847260

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. TRATA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.ª -Dt. (junto à Praça da Figueira). Telef.: 32 54 87 e 37 06 18.

Vende-se com facilidades de pagamento a 20 km de Lisboa, tendo uma moradia de construção moderna e diversas divisões, água própria, etc. Área total, 3 hectares a proximidade, muito bem localizada.

Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104-2.ª — Telef. 536111/2/3.

Procure V. Ex.ª nos n.ºs críticos, onde temos sempre variados andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.ª — Telef.: 36259-34755.

ANDARES

VENDEM-SE

A Encosta do Restelo — os 2 únicos que restam em prédio de construção e acabamentos o que há de melhor, lindas vistas sobre o Tejo, 5 assoalh., 2 c. banho, cozinha, c/ exaustores, caixa-água em alumínio, etc. Ver Av. Ilha da Madeira, lote 5.

TRATA: A LUZÁFRICA
Calçada do Carmo, 6-2.ª
Telefs. 368080-324524

Sociedade Estoril

Venda de bilhetes para os domingos

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

PRÉDIO COVA DA PIEDADE

Construção de cimento armado, revestido a marmoreite, com cerca de 10 anos, composto r/c e 2.ª andar, 2 inq. por piso, hab. 3 div. soalhas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall e roup. Alugado com rendas baixas. Preço — 750 000\$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.ª — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 250\$00

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA AUTO-ARGUS, INTERNACIONAL



P. Olegário Mariano, 6-D — Telef. 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave, Tel. 44846.

Telef. 847260 PUBLICIDADE



www.847260

ALUGUER:



SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

● 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B

● 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.

● 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Boage, 1

● 42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. República, 26.

● 727654 — Auto Monumental do Azeiteiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.

● 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

ESCOLA SELECTA D. JOÃO I

Rua Marques da Silva, 79 (a Alm. Reis)
Telef. 50182

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros, — Rua de S. Julião, 64-66.

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

EXCURSÃO A BEIRA ALTA E VALE DO VOUGA

DOMINGO 30 DE AGOSTO

Comunica-nos a C. P. que realiza no dia 30 de Agosto, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa à Beira Alta e Vale do Vouga, incluindo viagem em comboio de 1.ª classe, com carruagem-restaurante, até Aveiro, e ainda um percurso turístico rodoviário às principais localidades da região. Almoço no luxuoso Hotel GRAO VASCO, em Viseu.

PREÇOS

EXCURSÃO COMPLETA

Modalidade 1 320\$00
Modalidade 2 380\$00
(Inclui mais o jantar)

Só transporte em caminho de ferro (ida e volta), com o pequeno almoço oferecido no comboio:

De Lisboa { Coimbra-B. 140\$
(Santa) { Curia 155\$
Apolónia) { Aveiro 175\$

Capitais

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444-323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

CARTAZ DOS CINEMAS



MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15 e 21.30

De novo o filme do riso total
JACK LEMMON, TONY
CURTIS, NATALIE WOOD
em

**A GRANDE CORRIDA
À VOLTA DO MUNDO**

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA
DE EXITO!

Virna Lisi, James Fox e Terry
Thomas

numa comédia deliciosa sobre
os «cancantos» das mulheres...

ARABELLA

(Technicolor)

Uma história para gente
crescida

AR CONDICIONADO

EUROPA

(Adultos) Telef. 661016

As 21.30 em continuação
de ESTREIA

Barry Newman e Diana
Nuevaur em

O ADVOGADO

SABADO e DOMINGO, ma-
tinées infantis, às 18.15

(M. 6 anos)

«O CAMPEÃO DE FATO
CINZENTO»

e ainda o Ursinho Puff, em

«RITMO DE AVENTURA»

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

As 15.15, 18.30 e 21.30

Uma história dos tempos
de Cristo!

Anthony Quinn e Silvana
Mangano em

BARRABAS

Devido à longa metragem do fil-
me a sessão da noite inicia-se

às 21.30

Estreias — AS DIABRURAS DE SAMMY — Alvalade de hoje O DIABO ENAMORADO — Roma e Avis

ALVALADE

(M. 6 anos) (Tel. 717480)

As 21.45 — ESTREIA

Walt Disney criou

**AS DIABRURAS
DE SAMMY**

Um filme para todas as idades

c/ Jack Carson

IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 555134/5

As 15.15 e 21.30

EASTMANCOLOR

Orgulhoso, obstinado,

indestrutível

JEAN GABIN em

**PARA O MELHOR
E PARA O PIOR**

Um filme de Gilles Grangier

ESTÚDIO

As 21.45

As 15.30, 18.30 e 21.45

(Adultos)

13.ª SEMANA

**A MINHA NOITE
EM CASA DE MAUD**

com Jean Louis Trintignant

CONDES

(Adultos) Tel. 322523

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

4.ª SEMANA

um excepcional filme

MUNDO MULHER

um filme de...

CASINO ESTORIL

As 17 e 21.30 (M. 17 anos)

**DOIS HOMENS
E UM DESTINO**

com Paul Newman

LIDO

As 21 e 30 (M. 17 anos)

A consagração de um grande

actor — Anthony Quinn

UM SONHO DE REIS

Um filme excepcional a não

perder!

AVIS

(Adultos) Tel. 47162

ESTREIA — As 21.30

Vittorio Gassman e Claudine

Anger em

O DIABO ENAMORADO

uma comédia irresistível

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305

As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30

EM 2.ª SEMANA:

**O SENSACIONAL FILME
DE BRUTAL FEROCIDADE**

«COLTS» PARA

OS 7 MAGNIFICOS

com George Kennedy

e James Whitmore

**CADA BALA INTHA UM
NOME...**

NENHUMA FALHOU O ALVO

Panavision — (Col. De Luxe)

ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095

As 15.30, 18.30 e 21.45

7.ª SEMANA

**FANTASIA MUSICAL
O SUBMARINO
AMARELO**

com os «BEATLES»

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

AS 11 H

**UMA EXPERIENCIA
AMOROSA**

NADA DE ZANGAS

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

As 21 h

**O AMERICANO
O ESCROQUE ELEGANTE**

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037

As 21 horas

**O DOCE CORPO
DE DEBORAH**

c/ Carole Baker e Jean Sorel

ROMA

(M. 17 anos) Tel. 727778

As 21.45

SENSACIONAL ESTREIA

Uma comédia irresistível

O DIABO ENAMORADO

c/ Vittorio Gassman

e Claudine Anger

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595

As 3 e 6.15 da tarde (p. r.)

e 9.30 da noite

O filme de Jacques Deray em

11.ª SEMANA

A PISCINA

com Alain Delon

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54154-54153

Hoje, às 15.15, 18.15 e 21.30

Um filme oportuno!

Análise a certa sociedade

americana

AMAR SEM AMOR

com Jean Simmons, John

Forsythe e Shirley Jones

VOX

As 18.30 e 21.45

5.ª SEMANA TRIUNFAL

Oliver Reed, Carol White

: Or Welles

numa história sofisticada, satírica

e imensamente divertida

O FALHADO

Um sugestivo filme de...

Technicolor

AR CONDICIONADO

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

EXCEPCIONAL EXITO!

A história do terrível segredo

de uma brutal vingança...

O SINAL DE DJANGO

com Anthony Steffen e Rada

Rassimov

(SCOPE-COL.)

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30 h

O extraordinário filme

c/ Brigitte Bardot

AS MULHERES

LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 795136

As 21 horas

OS ONZE DO OCEANO

DOIS NA GUILHOTINA

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

VILLARET — As 21 e às 23: «O

vison voadora» (17 anos).

MARIA MATOS — As 21 e 45:

«A Relíquia» (17 anos)

MONUMENTAL — As 21 e 45:

«Pobre milionária» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — As 15 e às 21:

«O capitão Nemo e a cidade

submarina» (17 anos).

OLIMPIA — As 14 e às 19: «Mo-

mento o momento» (17 anos).

ARCO-IRIS — As 15 e às 21:

«A noite escalante do inspec-

tor Joss» (17 anos).

JARDIM — As 21: «Justa vingan-

ça» (12 anos).

SALÃO LISBOA — As 14 e às 19:

«Os insaciáveis» (17 anos).

PARIS — As 21: «Os pára-que-
disas» (17 anos).

IDEAL — As 15 e 15 e às 21:

«Aquele endiabrado freirinho»

(12 anos).

PROMOTORA — As 21: «O for-
gido do Rio Colorado» (12 anos)

MOSCAVIDE — As 21: «Um pe-
rigo em cada curva» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21

e 30: «Os canhões de Navarone»

(12 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPOR-

TIVOS — As 21 e 15: «Catali-
na — Imperatriz da Rússia» (17

anos).

SINTRA — CARLOS MANUEL —

ALGÉS — STADIUM — As 21 e

30: «Tempo de massacre» (17

anos)

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21:

«Os maridos de Elizabeth» (17

anos)

PARADE — ROYAL-CINE — As 21:

«As diabólicas» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — As 7 e

21 e 30: «Dois homens e um

destino» (17 anos); CINE-ES-

PLANADA — As 21 e 30: «A

primeira noite» (17 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e

30: «Os gloriosos calhambeques»

(12 anos).

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-

-COPACABANA — As 21: «Cin-

co anos depois» e «As loucuras

do meu marido» (17 anos).

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E

RECREIO — As 21 e 45: «Sob

o fogo da metralha» (12 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21

e 30: «Os canhões de Navarone»

(12 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPOR-

TIVOS — As 21 e 15: «Catali-

na — Imperatriz da Rússia» (17

anos).

SINTRA — CARLOS MANUEL —

ALGÉS — STADIUM — As 21 e

30: «Tempo de massacre» (17

anos)

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21:

«Os maridos de Elizabeth» (17

anos)

PARADE — ROYAL-CINE — As 21:

«As diabólicas» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — As 7 e

21 e 30: «Dois homens e um

destino» (17 anos); CINE-ES-

PLANADA — As 21 e 30: «A

primeira noite» (17 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e

30: «Os gloriosos calhambeques»

(12 anos).

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-

-COPACABANA — As 21: «Cin-

co anos depois» e «As loucuras

do meu marido» (17 anos).

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado ou encoberto, o vento era geralmente fraco, havia neblina ou nevoeiro e chovia em vários locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 30,6°; mínima: Penhas da Saúde, 9,2°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 18°; Faro, 24°; Funchal, 22°; Lisboa, 19°; Penhas Douradas, 13°; Portalegre, 17°; Porto, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18,5°; na água do mar: 18,4°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Nas regiões do Norte: Céu muito nublado ou encoberto, aguaceiros e possibilidades de trovoadas; nas regiões do Centro e Sul: Períodos de céu muito nublado em especial nas regiões do Centro onde poderão ocorrer aguaceiros; em todo o território: Vento geralmente fraco e neblina ou nevoeiro.

Amãhã
Nascer às 7 e 2
Ocaso às 20 e 13



Dia 31 Dia 8 Dia 15 Dia 22

MARES.

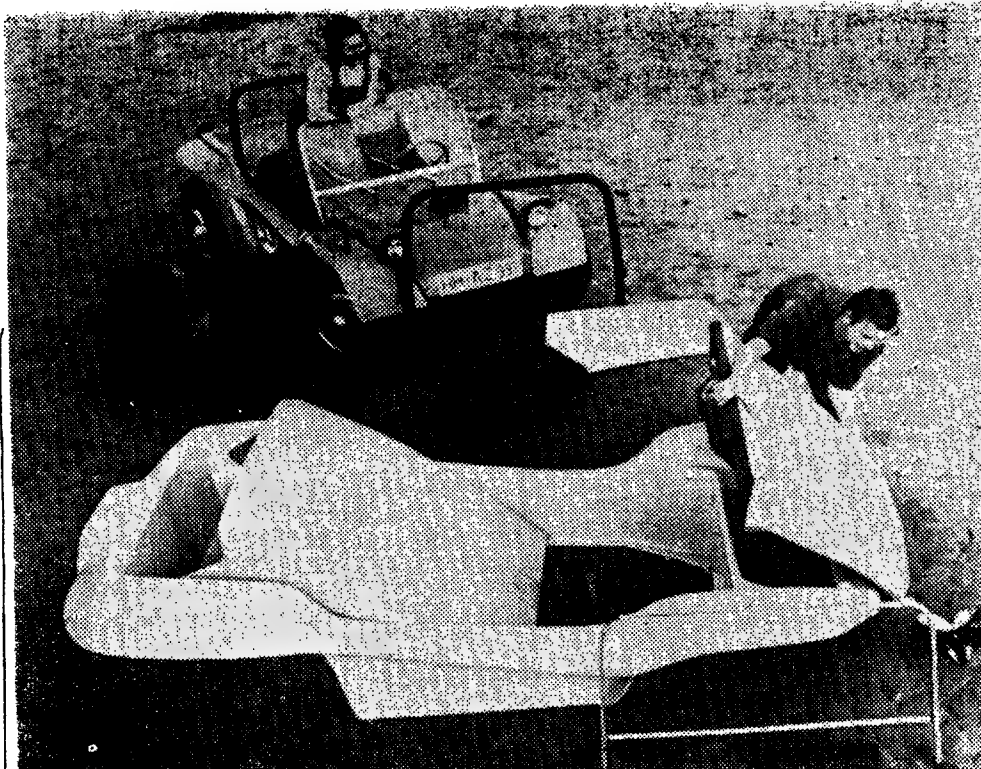
PRELIMINAR. Hoje — 2 e 12 (3,3 m); 14 e 30 (3,6 m).
Dia 29 — 3 (3,5 m) 15 e 10 (3,8 m).
Dia 30 — 4 e 08 (3,7 m); 16 e 20 (4 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 7 e 57 (1,7 m); 22 e 32 (1,5 m).
Dia 29 — 8 e 35 (1,5 m); 21 e 05 (1,3 m).
Dia 30 — 9 e 40 (1,2 m); 22 e 03 (1,1 m).

Acidente com o autocarro da Académica

Há feridos ligeiros

O autocarro em que viajava a equipa de futebol da Associação Académica de Coimbra teve esta manhã um acidente em Espanha, no seu regresso de Valência, onde ontem os estudantes jogaram contra a turma local. As primeiras notícias falam de feridos ligeiros.

Há indicação de que o acidente teria ocorrido relativamente perto daquela cidade espanhola, quando o autocarro saiu do leito da estrada para um declive. Jogadores feridos — vários. Mas nenhum grave.



CONSTRUA O SEU PRÓPRIO CARRO

Uma empresa alemã ocidental põe à venda automóveis em peças soltas, verdadeiros «kits» que permitem aos mais interessados pelo automobilismo montarem eles próprios as suas viaturas.

VIOLENTA TROVOADA CAUSOU PREJUÍZOS NA REGIÃO DO PORTO

PORTO, 28 — Sobre a cidade e concelhos limítrofes pairou, ao princípio da madrugada de hoje, forte trovoadas, seguida de chuva intensa, havendo a registar alguns estragos. Grande parte da «Baixa» da cidade ficou completamente às escuras, pois as faíscas caíram em algumas centrais eléctricas, uma das quais a da Compa-

nhia Portuguesa de Electricidade, em Valongo. Para ali se deslocou o electricista Fernando Barbosa Leão, de 31 anos, casado, do lugar de Castromil Sobreira, Paredes, a fim de reparar uma avaria num poste. Quando pretendia subir ao mesmo, com o auxílio de uma corda. Foi cuspido violentamente contra um muro, devido a ter recebido uma descarga eléctrica. Conduzido ao Hospital Escolar de S. João, ali ficou internado.

Uma outra faísca estilhaçou os vidros da clarabóia do prédio número 26 da Rua dos Caldeiros, danificando a instalação eléctrica. Um inquilino do edifício, sr. António da Cunha Mendes, reclamou a presença dos bombeiros, tendo-se para ali deslocado as três corporações da cidade, que não chegaram a actuar por não haver necessidade.

O incidente, no entanto, causou pânico entre os moradores da populosa artéria.

Em Vila Nova de Gaia, as corporações de bombeiros tiveram tarefa exaustiva, ocorrendo as numerosas inundações, nomeadamente na Avenida Coelho Moreira e Largo Eça de Queirós.

Na casa de lavoura do sr. Manuel Moreira Ascensão, situada na freguesia de Fôlgosa, concelho da Maia, houve um incêndio provocado

por uma faísca. Estiveram a combatê-lo os Bombeiros Voluntários de Ermesinde, que trabalharam durante cerca de três horas.

Os prejuízos devem ascender a algumas dezenas de contos.

Também no lugar de Vinhas, freguesia de S. Martinho do Campo (Valongo), uma faísca caiu na fábrica de ardósia do industrial sr. António Ribeiro Pombo, provocando um incêndio que devorou o travejamento e danificou uma máquina. Os Bombeiros Voluntários de Valongo extinguíram as chamas.

NÃO PODAM A ÁRVORE DO «PONTO»

COIMBRA, 28 — Na Rua Dr. José Falcão, mais propriamente no Largo de São Sebastião da Pedreira, junto à Casa da Infância «Dr. Elísio de Moura», existe há muitos anos uma árvore, que, em tempo próprio, dá a chamada «flor-do-ponto».

Todos os anos aparecem no local os jardineiros da Câmara, que a podavam, não a deixando crescer muito — e tudo estava bem. A partir de certa altura, porém, deixaram a árvore crescer à vontade, e de simples ornamento começou a tirar a vista a quem do Pátio da Universidade desfruta o panorama do rio, acompanhando as duas margens até Vila Franca na margem direita e Lapa dos Esteios na outra margem.

O corte da árvore não prejudicava ninguém e os turistas beneficiavam de um belo panorama. Haverá, pois, tesouros deste espécime tão ligado à tradição académica?

MAIS AUTONOMIA PARA OS REITORES UNIVERSITÁRIOS

Por despacho exarado ontem, o ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, delegou nos reitores das Universidades competência para atribuição de regência de aulas teóricas aos professores extraordinários, assistentes, leitores e assistentes eventuais nos casos em que a lei prevê a possibilidade dessa atribuição.

Pelo mesmo despacho, o ministro delega ainda nos reitores competência para aprovação dos horários dos trabalhos escolares. Por sua vez, os Conselhos Administrativos das Universidades ficam com competência para aprovar os mapas de distribuição no serviço docente.

Estas medidas integram-se no espírito de autonomia pedagógica das Universidades, simplificando o funcionamento dos serviços e evitando os atrasos no pagamento de regências teóricas e práticas aos respectivos professores.

Gás lacrimogéneo num espectáculo soviético em Chicago

WASHINGTON, 28 — (A. N. I.) — A secretaria norte-americana de Estado comunicou à Embaixada da U. R. S. S. que lamenta o incidente registado ontem, à noite, com o lançamento de gás lacrimogéneo num teatro de Chicago em que actuava a companhia soviética de «ballet» Moiseyev.

O conselheiro cultural da embaixada russa, Vlantim Kamenev, esteve na Secretaria de Estado, a protestar e a pedir garantias de que o incidente não se repetirá. Foi-lhe respondido que o Governo lamentava o caso e procuraria evitar a sua repetição.

MILITAR FALECIDO EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 28 — (A. N. I.) — Por doença, faleceu, em Moçambique, o primeiro-cabo do recrutamento provincial Armando Issak.

REJEIÇÃO ISRAELITA DA IDEIA DE UMA FORÇA RUSSO-AMERICANA

(Continuação da 1.ª página)

com a missão de velar pelo respeito do acordo que venha a ser concluído entre os árabes e Israel.

«A introdução deste novo facto no Médio Oriente só serviria para nos afastar de uma paz real», acentuou Allon. «O que os americanos deveriam fazer seria propor que eles próprios e os soviéticos abandonassem o Médio Oriente. Mas, no caso dos soviéticos se recusarem a fazê-lo, será, sem dúvida, útil que os americanos se encontrem na região».

OPINIÃO ARABE

BEIRUTE, 28 — (R.) — O jornal pró-egípcio «Al Shaab» rejeitou, hoje, a sugestão de uma força russo-americana de manutenção da paz no Médio Oriente, dizendo que «isso significaria simplesmente a ocupação do Médio Oriente, de uma forma adaptada à época actual, com a divisão do território entre as duas grandes potências». «Isso significaria darem-nos a paz e o sossego, mas

roubaram-nos a liberdade e a independência, tal como acontecia nos tempos do antigo e tradicional imperialismo», prossegue o jornal.

«Israel poderia gostar de ver tropas americanas no seu território a protegê-lo, pois Israel e os americanos são uma e a mesma coisa».

«No entanto, nós, os povos que suportamos o imperialismo, temos um complexo de medo em relação a qualquer ocupação por forças de uma grande potência».

«Os soviéticos são, sem dúvida, nossos amigos, mas a amizade é uma coisa, e a ocupação é outra».

FESTAS EM PAÇO DE ARCOS

Com a inauguração do arrabal, começa amanhã, à noite, em Paço de Arcos, as festas em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, que se prolongam até ao dia 6 de Setembro.

O programa de domingo inclui uma romagem dos bombeiros voluntários ao monu-

mento dedicado ao Patrão Joaquim Lopes, regatas (classes P. B. C., Sharpies 12 m., Vougas, Finn, Snipes, Flying Junior, Cadetes e Mothe), missa solene, procissão do Senhor Jesus dos Navegantes e concerto público pela banda de música da Casa dos Pescadores da Costa da Caparica.

AS BALANÇAS COMERCIAIS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

(Continuação da 1.ª página)

Com efeito, o comércio externo de Angola teve um saldo positivo de 4 280 315 toneladas e 543 058 mil contos, já que as exportações atingiram 4 692 462 toneladas, no valor de 5 366 648 contos e as importações elevaram-se a 412 147 toneladas, no montante de 4 823 590 contos.

Em relação a idêntico período do ano anterior, exportaram-se em 1970 mais 1 290 986 toneladas, no valor de 1 131 758 contos. A importação sofreu também um aumento (em relação a igual período de 1969) de 11 270 toneladas e 606 649 contos.

O C. I. T. A. distribuiu ainda um quadro dos produtos que, no comércio especial, mais contribuíram para o aumento nas exportações, entre os quais se destacam:

Café em grão — 92 849 toneladas, no valor de 1 853 252 contos; diamantes em bruto (quilates) — 1 186 655, no valor de 1 091 360 contos; minérios de ferro — 2 563 205 toneladas no valor de 582 173 contos; petróleo em bruto — 1 497 013 toneladas, no valor de 487 537 contos; algodão em rama — 9789 toneladas, no valor de 169 690 contos; sisal (fibra) — 40 084 toneladas, no valor de 152 331 contos; banana fresca — 17 349 toneladas, no valor de 59 057 contos; fuel-oil — 107 834 toneladas no valor de 44 630 contos; pastas para fabrico de papel — 14 893 toneladas, no valor de 44 625 contos; óleo de palma — 5740 toneladas, no valor de 30 992 contos; sementes de algodão — 16 995 toneladas, no valor de 24 909 contos; e peixe fresco, vivo ou morto, refrigerado ou congelado — 3130 toneladas no valor de

19 218 contos.

Quanto à balança de pagamentos de Moçambique, que registou, nos cinco primeiros meses do ano, um saldo negativo de 790 278 contos, deve salientar-se o seu carácter deficitário nos últimos anos. Recordar-se que, no ano passado, o saldo negativo se elevou a um milhão e duzentos mil contos, mais do total dos saldos negativos registados de 1966 a 1968.

Nos meses de Janeiro a Maio deste ano, os principais saldos negativos dizem respeito às rubricas: mercadorias (-1 622 640 contos); seguros e resseguros (-12 599 contos); rendimentos de capitais (-85 804 contos); transferências privadas (-85 804 contos); capitais privados (-172 596 contos). Em relação a idêntico período do ano anterior, verifica-se, nas principais rubricas, um aumento de 51 763 contos.

MESA REDONDA

Universalidade do jornal

JOÃO PERESTRELO

A «estrutura» da sociedade, por muito que pese a contradição, é uma anti-estrutura. Com efeito, ainda que contraditoriamente, trata-se de uma «estrutura» essencialmente dinâmica!

O que, em última análise, mantém de pé a «estrutura» social não são as rígidas convenções, as leis imutáveis (?) da vida, alguma superestrutura coisificada que obrigue os homens a manterem-se relacionados. Se aceitarmos o ser humano como pessoa, independente e autónoma, é no livre exercício da sua capacidade de relacionamento que subsiste a vida social. Necessário à sua expressão e vivência como pessoa, o relacionamento com o semelhante processa-se no campo do espírito e não num hipotético campo material mecanicista e determinante. Necessária, a relação como tal, torna-se livre na opção das pessoas e formas de relacionamento, que não estão pre-determinadas para cada pessoa. Necessitante ou natural o modo de existir da pessoa, não é necessário na sua forma de realização concreta, «hic et nunc».

Pois que a escolha ou aceitação do «módulo» de relacionamento social é livre, ao nível da mónada social (a pessoa humana), é de tipo espiritual, fenómeno de consciência (bem ou mal esclarecida, não interessa agora) o elemento determinante à sustentação da sociedade. Será também, na troca de conteúdos conscientes que se processará, ainda no campo lógico, o surgimento e manutenção da estrutura social.

Tudo isto para concluirmos da radical necessidade do «diálogo social» para que de sociedade se possa falar. A sociedade contrapõe-se a um eventual somatório de indivíduos, exterior ou interiormente coagidos, que poderão constituir a famigerada «Massa» ou um disciplinado exército. São aqui dois tipos de aglomeração de pessoas a que por autonomasia chamamos de social, mas que quando sociedade formarem será por outros motivos do que a imposição, por hipótese cega, dos «instintos» ou de uma disciplina extrínseca ao indivíduo.

A sociedade, portanto, precisa de diálogo não como simples troca de palavras, mas enquanto fenómeno de interacção que efectivamente mantém interessadamente dependentes os indivíduos que dialogam.

Mesmo nas sociedades habitualmente consideradas como mais autoritárias e rigidamente disciplinadas (e podemos citar por exemplo, a Igreja Católica) aceita-se esta função primordial do diálogo, bem como se defendem os seus órgãos, instrumentos ou meios de comunicação do diálogo social.

Desde os velhos púlpitos, em que publicamente se exteriorizam ideias e comportamentos interessantes aos ouvintes (se o não fossem desertaria o auditório), até às modernas técnicas de rádio e televisão, aceita e fomenta a Igreja o uso dos meios ou instrumentos de comunicação social. De meia idade e por isso gozando de energia de relativa juventude e da experiência da idade madura, avulta hoje entre os instru-

mentos de comunicação social, o periódico impresso ou, mais corriqueiramente, o jornal.

O periódico impresso é um dos instrumentos mais discutidos e mais temidos na vida pública moderna. Impresso, preto no branco, goza do prestígio e aparente durabilidade do documento escrito, do livro em que se registam para os séculos os acontecimentos, funestos ou gloriosos, de história do homem. Escrito para a actualidade; e á custa dos acontecimentos efémeros do dia-a-dia, sofre do desprestígio inerente à indeterminação essencial ao acontecimento presente, cujo valor e consequências ainda se não impuseram.

Mas, quere-nos parecer, não serão estes os dois aspectos determinantes do prestígio ou desprestígio reais do jornal. Dedicado à actualidade, é por isso mesmo estruturalmente efémero; impresso e capaz de durar, mais do que um som pronunciado e ouvido ou de uma imagem animada e captada, partilha naturalmente do prestígio e responsabilidade de toda a coisa escrita. Muito embora, não é função do jornal estabelecer um documentário para arquivo, mas sim servir de órgão típico do diálogo social. Podem existir, existiram e existem, «civilizações orais». Mas a nossa civilização (qualquer que seja o juízo de valor a fazer sobre ela) é uma «civilização escrita». E é por isso que nela desempenha tão relevante

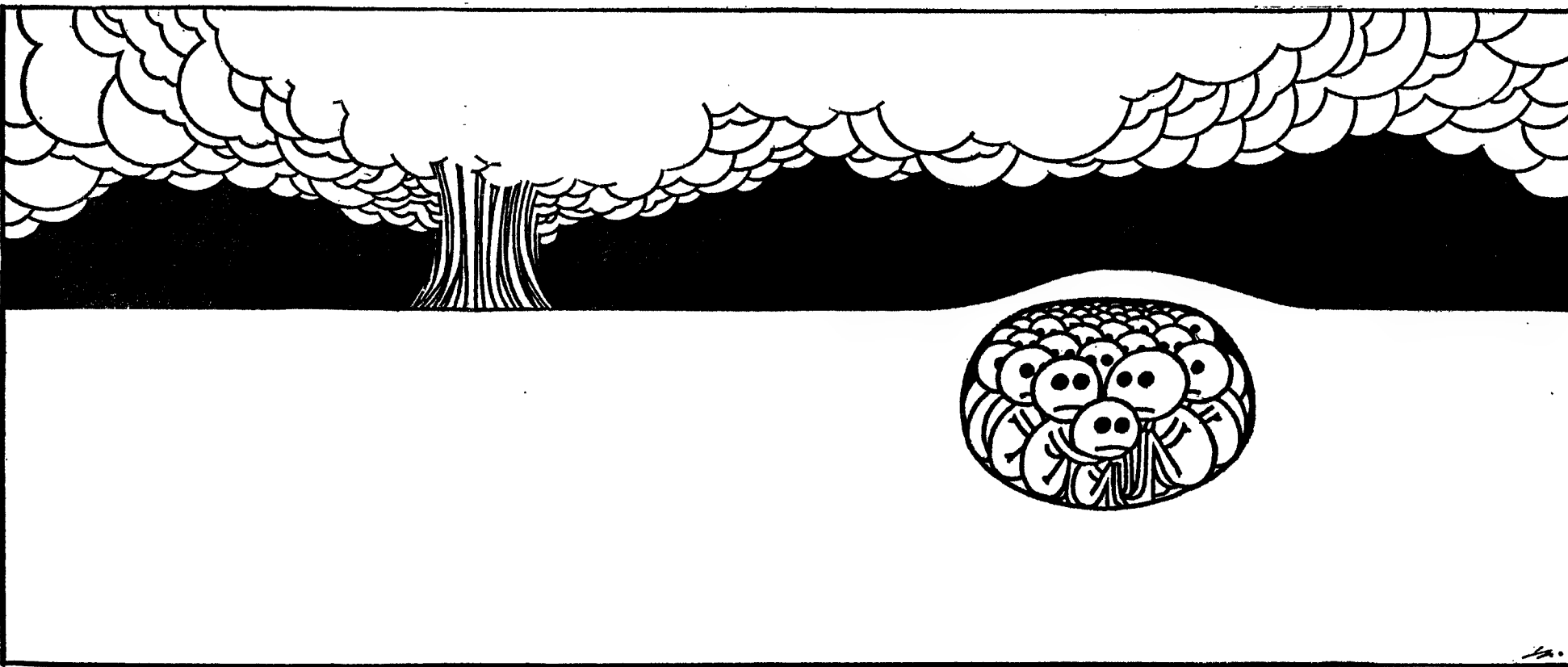
Cont. na pág 10



Um decreto-lei recente prevê facilidades no sentido da concentração das empresas que se dedicam à industrialização do tomate. O facto sugere dificuldades — aliás, reais — que não existem sómente para a indústria. Também os produtores ameaçam — ou serão obrigados — a desistir. Da ascensão rápida passamos para a queda vertiginosa? (Reportagem e comentários nas páginas centrais)

Outros temas em debate

- Milhares de padeiros desejam o regime de trabalho diurno. Alguns dizem porquê, na pág. 3.
- Para que serve a música? Em «A música que consumimos», Leonor Martinho Simões apresenta-nos amplo inquérito sobre tema tão actual! (Págs. 4 e 5).



ASSIM VAI MUNDO

Um relatório do «Population Reference Bureau» sobre os «programas internacionais de população» alerta o mundo para o crescimento sem precedentes da população mundial. «Num período de cinco anos, compreendido entre Julho de 1965 e Julho de 1970, a população do mundo terá aumentado em 343 milhões de pessoas, o mais rápido crescimento na história da humanidade. No ritmo de crescimento actual, a grande família humana aumenta à média de 1,4 milhão de pessoas por semana; 199 014 por dia; 8292 por hora; 138 por minuto.»

Com a presente taxa anual de crescimento, da ordem de 2 por cento, o mundo terá 72,6 milhões mais de pessoas em 1970 — mais do que em qualquer outro ano da história e mais do que a população actual conjunta do México e da América Central. Este acréscimo representará a diferença entre o número estimado de 123,4 milhões de nascimentos e 50,8 milhões de falecimentos.



te excepcional em França, dos salários nominais, a um ritmo à volta dos 10 por cento por ano. É o preço que o patronato e o Estado pagam pela manutenção de uma relativa «paz social». E este preço não é elevado: na Grã-Bretanha e na Alemanha Ocidental, a subida dos salários, desde há um ano, é da ordem dos 15 por cento, e ultrapassa os 20 por cento na Itália e no Japão.

A aposta sueca

Não obstante estes êxitos (diz o citado jornalista) a política do Governo francês «não satisfaz ninguém». E explica porque:

«A aposta sueca» (do governo Chaban-Delmas) «com efeito, não pode ser tornado crível se não por um governo apoiado numa larga base popular e que utilize as suas funções sociais para se tornar o mediador das diferentes classes e dos seus respectivos interesses. O poder político, numa sociedade burguesa, não é outra coisa se não esta capacidade de mediação. Os dirigentes social-democratas suecos puderam durante muito tempo desempenhar esse papel porque eram a emanção duma classe operária jovem, sem tradição nem ideologia, perante uma burguesia, igualmente jovem, muito concentrada e incapaz de exercer sozinho o poder político».

Previsões

Em 19 de Julho os guerrilheiros bolivianos reapareceram raptando dois técnicos alemães cuja libertação trocaram pela de dez prisioneiros políticos.

Este acontecimento desencadeou uma reacção dos grupos da extrema direita. O general Ovando, Presidente da República, proclamou o estado de emergência e demitiu o Governo. Há



quem espere que o novo gabinete exprima uma inclinação política para a direita e a docilidade relativamente aos Estados Unidos. Outros pensam pelo contrário que Ovando tenta desembaraçar-se dos ultras, a fim de poder continuar a sua política nasserista. K. S. Karol, que dá conta destas previsões num artigo de meados de Agosto, acredita mais na primeira do que na segunda.

Inabitável

Pouco mais ou menos na mesma altura em que o Exército americano se apresentava a afundar 418 recipientes de gás letal no Atlântico, o Presidente Nixon pedia ao Congresso a aprovação do programa de luta contra a poluição falando com dramatismo da «necessidade de se evitar um desastre ecológico».

Poderíamos comentar com a réplica do Santo: «Olha para o que eu digo, não olhas para o que eu faço», mas seria uma maneira de passarmos adiante quando estão a tornar o mundo materialmente inabitável.

Não foi arredada a hipótese de os recipientes de gás letal afundados no Atlântico virem a explodir...



Que alusões?

Palavras de um dirigente da Associação Académica de Coimbra a propósito da morte do estudante e futebolista Nene publicadas na Bola de 20 do corrente:

«Pelo que respecta ao aspecto da vida militar de Nene, foi-lhe criado um tremendo clima emocional, com alusões perturbadoras ao seu futuro, clima esse que, ao fim e ao cabo, esteve na base de todos os desequilíbrios psicológicos que o afligiram ultimamente e, de modo especial, naquela fatídica noite da sua morte. As confidências por ele feitas, então, ao seu colega Feliz, dizem bem do estado de espírito em que se encontrava».

Poder-se-á saber mais concretamente de que «alusões» se trata?

Inconvenientes

Os Grémios de Camisaria, de Malhas, de Tecidos e Modas para Senhora e das Sapatárias pediram à Câmara Municipal do Porto o regime de semana-inglesa todo o ano (semana das 44 horas). A resposta da Câmara Municipal do Porto foi negativa. Foi aprovada por unanimidade uma declaração feita pelo dr. Rolando Vanzeller justificando o estudo do futuro «regime» de semana-inglesa e a reprovção do regime de semana-americana:

«Se juntarmos a este pedido aqueles estabelecimentos que conseguiram já a semana-inglesa, veremos, com tristeza, a nossa cidade tomar neste dia um aspecto mortício, inútil, do ponto de vista comercial, prejudicando até ao domingo, sem qualquer vantagem para a população, pois a maior parte das vezes a inclemência do tempo



Automóveis

Com 116 automóveis por cada 1000 habitantes, a Espanha acusa um progresso notável, neste campo, em relação a 10 anos atrás. Por outro lado, a produção industrial de veículos automóveis, para consumo interno e para exportação, indica-nos números muito interessantes em relação ao primeiro semestre deste ano: 223 562 carros de turismo e 50 011 veículos industriais, se-

gundo informação do Sindicato Nacional del Metal, «Seat» (do grupo «Fiat») está à frente, largamente, pois no mesmo período produziu, só à sua conta, 137 864 veículos. Seguem-se a Renault, a Chrysler e a Citroën.

Quanto ao número de veículos por 1000 habitantes (116,50 em 1969), é curioso verificar que em 1967 tinha sido 94,55 por cada mil; em 1964, 61,56, e em 1960, 33,02.

ASSIM VAMOS NÓS

não permite que ela se ausente da cidade, com o fim de se recrear e, por outro lado, como não lhe é permitido fazer as suas compras na cidade, vê-se obrigada a recorrer aos estabelecimentos que se encontram abertos fora do perímetro do Porto. Srs. vereadores, é inegável que, do ponto de vista individual, é justa a concessão de um fim-de-semana; mas, então, recorra-se a uma solução intermédia, de forma que todos, na medida do possível, vejam satisfeitas as suas aspirações.»

Aumento

O aumento dos índices de preços no consumidor em Luanda, preocupa o Banco de Angola. De 1968 (média dos índices mensais) a Junho de 1970, os índices de alimentos e bebidas aumentaram 17 por cento (Base: Dezembro de 1965 = 100), a habitação 22 por cento, os produtos de higiene, 22%; os transportes, 17%, o vestuário, 25%, e a «cultura e distrações», 17 por cento. Este aumento, num curto espaço de tempo, representa uma queda no valor dos salários em Luanda.

Impossível

Da Página de Economia e Finanças do Diário de Notícias (18-8) transcrevemos uma passagem do artigo Comparações Económicas Internacionais — Porquê? que é a expressão de um pensamento que tem por impossível um isolamento português à face dos movimentos de integração internacionais (subentende-se, certamente, em concreto, o Mercado Comum).

«Numa economia internacional cada vez mais integrada e competitiva, não é possível considerar isoladamente o desenvolvimento económico português; ainda (o que não é o caso) que o nosso país se tivesse absteído de participar, a nível oficial, em esquemas de integração económica internacional, bastaria o visível e crescente envolvimento da actividade industrial portuguesa na órbita de grupos estrangeiros e multinacionais para tornar utópicas, entre nós, quaisquer veleidades de isolamento ou autarcia».

Austria

Denotando seguro progresso na sua economia, a Austria utiliza já uma forte percentagem de mão-de-obra estrangeira: 37 887 operários emigrados em 1969, para um total de 615 850 trabalhadores que se empregam na indústria austriaca, no mesmo ano. Este último número representa um acréscimo de 3,5 por cento em relação ao ano anterior. A indústria que se dedica ao fabrico de artigos metálicos, a metalomecânica e a indústria têxtil acusam a subida maior.

Retailistas

Apesar de terem sido retirados da produção cerca de 300 000 hectares de terra arável e de o número de lavradores ter sido reduzido em 50 por cento nos últimos dez anos, a produção agrícola da Suécia aumentou durante o mesmo período, em consequência do constante aperfeiçoamento de métodos cuja eficiência é cada vez mais elevada — afirmou recentemente o ministro sueco da Agricultura, sr. Ingemar Bengtsson.

É de interesse referir que este tipo de concentração e organização reflecte-se em toda a estrutura económica daquele país nórdico: três organizações de supermercados vendem, em conjunto, 44 por cento do consumo sueco a retalho, enquanto uma cadeia de cooperativas facturaram 42,2 por cento. Restam 13,9 por cento para os retalhistas independentes, quase a desaparecerem.

Paz social

De Michel Bosquet (o pseudónimo com que André Gorz assina os seus artigos no «Nouvel Observateur»): «Os lucros do sector privado bateram todos os «records»: aumentaram 42 por cento no curso dos dois anos que passaram e continuarão sem dúvida a aumentar a um ritmo semelhante até ao fim deste ano.

Este aumento dos lucros não impediu um aumento, bastan-

POR QUE NÃO?

Trabalho diurno para os padeiros

Trabalham de noite, quase esquecidos, para garantir uma «regalia» quase romântica, das poucas que restam neste tempo de progresso obrigatório: o pão fresco (aliás, de má qualidade), distribuído com o nascer do sol — ou antes. Trata-se, pois, dos profissionais assalariados da panificação, classe bastante numerosa (apesar da sangria da emigração, que também os atingiu), com problemas graves, profissionais e humanos, cada vez mais desprotegidos na exacta medida em que o patronato ligado àquela indústria se protege a si mesmo: pioneiros modernos da concentração empresarial, os industriais padeiros gozam, ainda, de certas prerrogativas que disfarçam bem a congelação de preços imposta ao pão, produto que, entre nós, continua a ser considerado como base de alimentação.



ARMANDO DA SILVA

cusam a assinar, diz-se, enquanto não for publicado o novo regime ce-realifero — até quando? mas não o submeteu ao conhecimento e aprovação da classe, através da via legal que é a assembleia geral. Soubemos de algumas cláusulas do mesmo, mormente os salários pedidos, através de outras vias. Diga-se de passagem que esses salários ficam muito aquém das necessidades reais dos trabalhadores na panificação.

mos impostos pelo contrato colectivo — média de 36 escudos diários! De modo que, em caso de doença, a percentagem que recebemos da Caixa relaciona-se com aquele salário. Como pode ser isto? Depois, sabe, o patronato foge — há poucas excepções — à sindicalização e obrigatoria inscrição na Caixa de Previdência. Ninguém fiscaliza isto, como pode haver cumprimento da lei? Cada qual defende

os seus interesses, e vence o mais forte. Veja que até já estão a reorganizar os dormitórios nas padarias que deixaram de coser e são, agora, somente depósitos de venda. Esses dormitórios, que albergam rapazes da província que ingressam na profissão, já tinham sido proibidos no tempo do Mouzinho de Albuquerque, de tal modo são anti-higiênicos.

Isto é o que podemos apurar através de uma série de contactos. Sabemos que o problema é muito mais extenso, e vamos procurar levanta-lo ouvindo outros sectores ligados à Lavoura, à moagem, à própria indústria.

Hoje, porém, preocupamo-nos a situação dos operários da mesma, os profissionais de panificação, os amassadores e fornecedores, os ajudantes, os expedidores, os calxeiros. Estes homens têm um sindicato e um contrato colectivo de trabalho assinado em 1955, alterado em 1963 para

um aumento de salários da ordem dos 10 por cento. Ouvimos alguns deles sobre problemas que lhes dizem respeito.

SITUAÇÃO DE ABANDONO

— Somos uma classe abandonada, até pela própria direcção do Sindicato — disse-nos o sr. Armando Coelho da Silva, ajudante de padaria. — O Sindicato não exerce qualquer acção. Divorciou-se de nós. Não fiscaliza, nem ao menos o número considerável

de menores indocumentados que trabalham na indústria de padaria. Nem a falta de higiene e de condições humanas em que muitas vezes temos de exercer a profissão. Repare só nisto: o contrato colectivo de trabalho em vigor desde 1955, foi denunciado pela actual direcção no princípio deste ano. A mesma direcção teve, portanto, de apresentar um projecto de contrato (que os patrões se re-

ESTRATAGEMAS

Do mesmo mal se queixa o sr. Manuel da Silva Pinho, expedidor:

— As nossas condições de vida são quase desumanas — disse-nos. — Não bastara já o tipo de horário que nos é imposto; temos ainda de viver com um salário de miséria, em casas subalugadas, em condições difíceis de classificar. E a Previdência? Muitas empresas não fazem descontos sobre o salário real, mas sobre os mín-



MANUEL SILVA PINHO

É POSSÍVEL O TRABALHO DIURNO

O trabalho (nocturno) dos padeiros constitui uma das excepções previstas na lei. Por isso não é indemnizado especialmente. O horário em vigor deve, em princípio, ir das duas às 10 horas de cada dia, incluindo uma hora para a refeição. Parece, contudo, que as coisas nem sempre (ou quase nunca) se passam assim. Vejamos o que nos disse, a propo-

Cont. na pág. 10

Mnemonika

J. MARTINS GARCIA

O filho do célebre senhor de La Palice respondeu um dia a certo cavaleiro que lhe explorava a hereditariedade com intuitos cómicos: «Saiba, caro senhor, que eu ainda não pisei o solo da Lua pelo simples facto de não viver no século XXI!».

Poder-se-á exclamar: Tal pai tal filho, poder-se-á sorrir, rir ou gargalhar. Mas não se poderá negar facilmente a evidência os direitos de representação e de encarnação. La Palice filho tem lugar no Pantheon da Evidência. La Palice filho poderá entrar nessa ambiguidade que dá pelo nome de História. E, como diria o neto de Monsieur de La Palice, «a História nunca se repete... mas gagueja!».

Dizia Monsieur de la Palice, o Velho, que Mnemonika era a arte de fazer digerir a um burro um molho de cardos, fazendo-o crer que de pão-de-ló se tratava. A definição, que o incauto julgava apreender à primeira vista nas dimensões parvo-zombeteiras, traz a marca das evidências e implicitamente um ror de armadilhas. Uma análise, mesmo superficial, da referida definição não poderá esquecer o carácter da vítima escolhida — o burro — nem um provérbio que diz: Burro com fome cardos come; nem a pitoresca frase: Antes sustentar um burro a pão-de-ló.

A primeira vista Mnemonika, de raiz nobre, parente próximo das divindades ociosas que habitavam gratuitamente a carcaça dos poetas antigos, parece bem afastada da condição do burro, pobre animal que, depois de montado por Sancho, se manchou de tanta baixeza que comporta todos os dotes e todas as calunias que o humano engenho lhe atira para o lombo. Monsieur de La Palice, porém, com a sagacidade dos generais que das conhecem, querendo definir Mnemonika, não se lembrou de outro animal. Vejamos o início da frase: arte de fazer digerir a um burro...; se associar Mnemonika a tão desprezado animal já nos parece heresia, o vocábulo que representa o elemento activo da operação mnemónica é nada mais nada menos que arte, essa ambiguidade a que normalmente se associa a beleza. Mas o senhor de La Palice devia possuir da arte uma concepção assez degradada, porque a arte de fazer digerir algo a alguém escapa inteiramente à dignifica-

ção estética. Arte, na definição do velho La Palice, lembra-nos logo a cadeia artificial, artificiosa, artificial, isto é, uma série de mistificações que, tendo embora raiz na arte, não seguem o rumo artístico. Como fogo de artifício, cavaleiro artificial, discurso artificial... formas artificiais, testemunho de engenho aplicado com astúcia, mais do que com arte, forma de artimanha, talvez de malas artes. Ora, não sendo o burro susceptível de sensibilidade artística, o elemento activo — arte — aplicado à vítima — burro — só deverá ser entendido como artimanha (ou malas artes) capaz de mistificar o real. Neste caso, entenda-se por real um molho de cardos e por realidade mistificada o pão-de-ló. É visível o parentesco entre o significado nobre de arte e o seu significado degradado em artimanha. Semanticamente o laço que se estabelece entre ambos consiste na capacidade de transformação inerente à arte, o poder alquímico da arte, divergindo ou para o êxtase ou para a alienação; de qualquer modo atirando ao real uma carga sugestiva que o transforma em algo qualitativa e funcionalmente diferente.

Mnemonika é arte... mas arte com artimanha. Mnemonika é artimanha destinada a fazer digerir a um burro... Falemos agora do vocábulo digerir. Monsieur de La Palice poderia ter dito comer, engolir... Mas não. Digerir não é comer nem é engolir. Digerir é assimilar, incorporar no organismo. O burro que assimila cardos, julgando tratar-se de pão-de-ló, torna-se vítima irremediável da artimanha, na medida em que, joguete do ludíbrio, acha saboroso o manjar, digere-o por precioso. Mnemonika é arte, mas arte poderosa, alquimia capaz de proporcionar a melhor das digestões. Mnemonika, a divina, aplica-se ao burro, o animal desprezível. Tamanho desconcerto só é possível graças à arte, artimanha, um dos atributos de Mnemonika. E o burro, cujo atributo é o de ser burro, digere. Mas digere porque?

Aqui começa a justificação do burro, aqui entra em jogo o provérbio, a laia de atenuante. É que burro com fome cardos come. Tal constatação faz-nos crer numa subalimentação tradicional do burro. Nos tempos do feudalismo não era um animal nobre; a burguesia her-

deu-o já conspurcado por Sancho Pança; a Revolução Francesa ignorou-o talvez por causa do tamanho das orelhas; e hoje parece não interessar aos novos Estados. O burro tem ficado sempre à margem dos grandes embates históricos; é um animal incapaz dum mínimo de consciência cívica. Sendo assim, é natural que nenhum regime se tenha preocupado com melhorar-lhe a raça. Por isso, quando a fome aperta, o burro até come cardos, a planta imprestável que nem o Diabo seria capaz de rirhar. Digere-os.

Digere-os, como se de pão-de-ló se tratasse. E aqui entra em cena o outro provérbio: Antes sustentar um burro a pão-de-ló. Pão-de-ló — eis o manjar que o burro nunca verá à sua frente. O provérbio traduz o receio duma despesa exorbitante ou o absurdo duma situação. O que se rejeita com todas as forças, o que não entra nos quadros do entendimento, o que não se aceita de modo algum, o que nunca poderá vir a ser realizado — tudo se concentra na frase Ah não! Antes sustentar um burro a pão-de-ló. Porque o pobre do burro nunca lhe porá a vista em cima.

Nunca?! Ah sim, comerá pão-de-ló em espírito quando, suficientemente debilitado pela subalimentação, propenso a miragens e a visões, encontrar alguém que, pelo poder mágico de Mnemonika, converter os cardos em saboroso manjar — para digerir, para digerir...

★

Mnemonika alimenta. Mnemonika conforta. Dotada de poderoso ilusionismo, reinou por séculos e séculos. Mnemonika facilitou, Mnemonika ensinou. Ensinou Lógica, Gramática, Retórica, etc. Silogismos, figuras de todos os tamanhos, regras do bom uso, flores de estilo. Mnemonika ditou para as oclusas surdas PATACA e para as sonoras BODEGA. Sábão sem Mnemonika sempre pareceu navegador sem bússola. Mnemonika era a transmissão de bens, de sabedoria, de beleza, de moral, de direito, de tudo quanto era belo e bom. Mnemonika era um monumento sem brecha. Mnemonika tornava o duro mole e o difícil fácil, Mnemonika balejava de bênçãos os seus eleitos, o número dos iniciados nas suas concavidades

balsâmicas. A todos os seus fiéis Mnemonika garantia a perenidade, a deles e a do seu mundo. Mnemonika conquistou o mundo culto: era uma comodidade altamente culta transmitida de eleitos para eleitos e de geração em geração. Mnemonika tudo sabia e tudo ensinava. E o Homem, esse bicho orgulhoso e preguiçoso, sorvendo os legados de Mnemonika, chegou a escrever nos frontões dos monumentos: HOMO EST MNEMONIKA.

Mas um dia chegou o triste momento de contestar o despotismo de Mnemonika. Vieram os blasfemos da Ciência, curiosos e famintos. Destronaram Mnemonika e proclamaram o direito de penetrar, de analisar, de medir e de pensar. Esse movimento, felizmente, não passou de uma pequena nuvem sobre a divina fronte de Mnemonika. Reorganizadas as coisas conforme os novos interesses, os novos deuses depositaram aos pés de Mnemonika os frutos da inteligência, da penetração, da análise, da relação, da medição, do pensamento e da síntese. Mnemonika saiu da luta mais imponente que nunca, recheada de ciência e de experiência. Mnemonika, evolutiva, ditou novos estrilhões.

Um Dicionário do século XX dá de Mnemonika a seguinte definição: «arte de facilitar as operações de memória por meios artificiais, ligando ideias e factos difíceis de reter a factos e ideias mais familiares e mais simples — o que nos mostra quão atractivos são os reinos de Mnemonika».

Já não é a Mnemonika escolástica, aquela vetusta divindade. Como manda o bom senso, actualizou os seus métodos. Já aceita nos chamados «meios artificiais» um sem-número de aparelhos que outrora teriam sido queimados na fogueira pública. Nada de alarmes: Mnemonika é poderosa e sabe aproveitar, até publicitariamente, os frutos da ciência contemporânea.

Interrogada sobre essa abertura às coisas modernas, Mnemonika respondeu: «Mas, caro senhor, eu já dizia, em plena Idade Média, que não usava então os meios audio-imaginativos porque ainda não tinha surgido o vosso brilhante século!».

Por onde se vê claramente a afinidade que existe entre os raciocínios de Mnemonika e os da família La Palice.

A música «ligeira» que se ouve. Que sai, agressiva ou molemente, das telefonias, dos transistores de domingo ou de fim de dia. A música que as discotecas querem que a rua ouça; a música dos discos mais vendidos. A música dos discos emprestados, gravados ou só ouvidos, a música a que são dadas honras de televisão, que chega cada dia a quantas pessoas pelo País e espera do que a televisão dará. A música das reuniões não musicais mas musicadas, a música que se dança, ou que se ouve, ou que «faz ambiente». A música dos altifalantes das praias, das feiras, a música das «boites», dos «dancings», a música das «joke-boxes». Música «ligeira» — música popular urbana.

Música que se consome, música que se prefere, música que se vende e que se compra. Qual é e o que é essa música? Quais as razões de uma preferência? Qual o seu papel na formação (ou deformação) das pessoas que a consomem (justificando-a)? No encontro e nas palavras de pessoas sem preparação musical, quisemos esboçar

A falta de educação musical em Portugal

Todas as pessoas com quem falámos afirmam a «gostar», «gostar muito», até «adorar» música, ao mesmo tempo que nos confessaram a sua mínima cul-

que conservo é a de que o professor passava as aulas a dar-nos com uma vergasta na cabeça.

Lembramo-nos das nossas aulas de canto num liceu de Lisboa, em que enquanto as alunas «com voz», na parte da frente da sala, bi-

clássica, porque acho mais alegre, mais bonita. Há pessoas que acham a música clássica triste, mas se calhar sou eu que sou triste, gosto de coisas tristes. Também gosto de ouvir fados, mas dão-me menos alegria.

respostas ou caminhos para elas. Importou-nos ir «meio» procurar nas pessoas, e em relação à música de que gostam, os motivos, as razões de ser, a exigência, e até averiguar a importância que dão ao problema.

O velho que encontramos num jardim de Lisboa pode ser um símbolo de grande parte da massa de gente que passa nas ruas, meio adormida, meio apressada, sem vontade de parar sobre o que quer que seja. Quando quisemos iniciar uma conversa com ele, e sem termos dito de que se tratava, ou sobre que fariamos, semiabriu os olhos para dizer:

— «Eu desconheço essas coisas, menina. Eu estou a dormir». (Com o que, se calhar, queria dizer que desconhecia tudo, e que dormir pode ser um modo da vida que espera pela morte).

casos pode ser interpretada por um conjunto musical sério é a que exige uma orquestra, senão não ficaria completa. — Carlos Baptista do Carmo.

Para Maria Cristina: — Música séria é música com pianos, violinos, e assim, é

que ouvimos na nossa formação? Para que serve uma canção?

— Uma canção serve para divertir as pessoas — diz Ana Cristina Faria Pinto, de 9 anos, que passou para o ciclo preparatório.

João Manuel Madureira

Também clima para a criação, também meio (ou esperança) de promoção económico-social (um bom emprego por uma boa garganta), também apelo sentimental. Mas a música «ligeira» pode ser muito mais. Pode ser uma «companhia»,

A música

tura musical, e, em grande parte dos casos, uma vontade viva ou já submersa de a aumentar.

Uma empregada de escritório de 46 anos, Maria Alexandra Soares, disse:

— Por acaso gostava de saber música. Gostava de tocar piano. Gostava muito de cantar, acho que a pessoa pode exprimir uma quantidade de coisas, atirar-se cá para fora. Tenho pena de não estar a ser proporcionada a criança essa possibilidade de expressão, que lhe pode dar prazer como o saltar à corda, que a pode enriquecer, desenvolver-lhe as perspectivas.

Esta resposta, típica entre as que obtivemos, levanta a considerar um facto que está na consciência de todos ainda que (demasiadas vezes) de uma forma latente: a falta de educação musical em Portugal.

A criança portuguesa (e falamos em termos da grande maioria) não é incentivada a um gosto pela música, não é levada a uma intimidade com ela. As aulas de canto coral e o orfeão do liceu são (para os que chegam ao liceu) uma obrigação sem sentido, não aproximam nem levam o adolescente a nada, e ficam só como recordações predominantemente desagradáveis.

Vitor Oliveira Jorge, estudante universitário, 22 anos: — canções de escola, sempre odiel. Odiava porque estava de bata branca e tinha de cantar o mesmo dos outros, ainda por cima orquestrado por professores com boas intenções.

João Calheiro, empregado de escritório, 56 anos: — Do grupo coral da escola a única recordação

savam as mesmas gastas canções, a professora recomendava às «outras» que fizessem os seus trabalhos das aulas de Lavoros. Assim, quando não havia voz, nada a fazer nas aulas de canto, senão coser.

A falta de educação musical, determinando na generalidade das pessoas um gosto fácil, não exigente, é um dos factores da tolerância, da aceitação, da (actual) eternização do êxito de subprodutos musicais.

De que música gostam as pessoas?

Maria Cristina, empregada doméstica, 17 anos: — Gosto das cartas românticas. Gosto de todas as que sejam boas. Boas, quer dizer, as de que eu gosto, canções levezinhas, que não sejam aborrecidas, que não falem de tristezas.

Carlos Manuel Baptista do Carmo, funcionário público a cumprir serviço militar, 22 anos: — Gosto essencialmente de dois géneros: daquela música que chamam antiga, romântica, género de valsas; depois, gosto de música ligeira ritmada.

Argentina Ferreira Marques tem 52 anos e trabalha a dias: — Música portuguesa, espanhola, italiana, canções românticas, sentimentais. A Amália, a Herminia Silva, a Simone, o Tony.

Maria da Conceição Faria Pinto, 16 anos, 1.º ano do curso do comércio: — Gosto de música pop, desta música moderna, de conjuntos. Gosto imenso do Tom Jones.

João Paulo de Oliveira, de 60 anos, criado particular: — Gosto de música

Nesta amostragem de gostos, surge repetida, aplicada à música que se prefere, a ideia de «romântico». — (Eu acho que tinha já uma tendência sentimentalista, e o género de música que ouço desenvolveu em mim essa tendência — Carlos Baptista do Carmo) Esse é um papel que a música dita ligeira tem desempenhado conscientemente — jogar com aspectos emocionais, sentimentais, fornecer às pessoas um certo «romantismo», um sonho de telenovela. Falar-lhes da vida de uma forma alienatória, «à antiga» ou «à moderna», falar-lhes de amor azul ou cor-de-rosa, misturado com rosas vermelhas, férias à beira mar, e uma enorme vacuidade de tudo o que seja alguma coisa para pensar.

(A resposta de João Paulo de Oliveira encaminha-nos para a possibilidade, mesmo entre as pessoas mais simples, de alegria pela verdade da música, de alegria perante a criação.)

Música «ligeira» e música «séria»

Que ideia fazem as pessoas de música «ligeira» e de música «séria»? Em que assenta o simplismo desta distinção?

— É bastante difícil distinguir a música «ligeira» e a «séria» dentro do meu conceito de música. — diz Fernando Dacosta, jornalista, de 28 anos — sou contra essa separação convencional. «Ligeira», seria a música que acompanha poemas, e a «séria» seria uma música para concerto.

— A música ligeira talvez seja aquele género de música que na maior parte dos

música sem ritmo, muito triste, muito chata, não gosto.

— Uma dicotomia que tende a ser bem esbater-se. Considero esses termos impróprios — diz Vitor Oliveira Jorge — Uma distinção autêntica parece-me que deveria assentar numa maior ou menor intelectualização da música, intelectualização essa relacionada com momentos do quotidiano em que a sua audição é integrada, e até, infelizmente, numa maior ou menor massa de público que a entende. É uma distinção mais herdada do que actual. Parece-me que não há que justapor a essa hierarquização uma hierarquização de valores.

A música «ligeira» pode afastar as pessoas da música «séria»? Parece-nos que a música «ligeira» boa só pode aproximar de todas as manifestações da música, incluindo a chamada «séria». O afastamento das pessoas da música séria dá-se pela música ligeira que não é nada, que não é música, que é um produto promovido por toda uma máquina que não está interessada na cultura das pessoas. Quando a música ligeira é má, como é quase toda a nossa, evidentemente que vicia as pessoas.

O papel da música que se ouve

Quando a música está presente em tantos momentos da nossa vida, do trabalho aos tempos livres, do assobio na rua ao automóvel, da solidão libertada ao cantar em grupo, o que representa ela para nós? Que papel atribuímos à música

tem 57 anos e é funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique, para onde partiu há 20 anos, de Trás-os-Montes: — Uma canção pode servir para matar saudades. Para lembrar a terra e o tempo em que se foi jovem.

— Uma canção pode servir para instruir a pessoa, para a pessoa se elevar, — pensa João Paulo de Oliveira: — Uma canção pode servir para muita coisa.

Fernando Dacosta: — Para imensas coisas.

— Uma canção, se as pessoas gostarem dela, pode servir para se arranjar um bom emprego — diz Conceição Faria Pinto.

— Criação por parte de quem a cria, recriação por parte de quem a ouve, é só para que serve uma canção. Boa parte da música popular anglo-americana que tenho ouvido tem-me ajudado a criar o clima em que escrevo. Mas, de uma forma mais geral, a música ajuda-me à procura de uma generalidade, de uma harmonia superior, de uma fidelidade, ajuda-me na procura ambigua de dizer o indizível, de atingir o inatingível. — Vitor Oliveira Jorge.

João Calheiro: — Não atribuo papel especial à música na minha formação mental. Apenas me proporciono momentos de descompressão, de descanso, de distração.

Para muita gente a música continua a ser o tão pouco que é «distração». Distração que se confessa pouco exigente. São as mesmas pessoas que vão ao cinema para se divertir, porque «para séria já basta a vida, não tinha mais que fazer senão pagar para ainda ter de pensar».

e um apolo, e uma evasão. A música que se canta é um extraordinário veículo de homem para homem.

Contou-nos Carlos Baptista do Carmo: — Ouvi a canção «Those were the days» quando vinha há dois anos num comboio, de Vila Real, passar a casa o primeiro fim-de-semana desde que estava na tropa. Pelo menos nesses primeiros tempos tudo me desagradava na tropa. Ia a caminho de casa e gostei da canção. Era uma coisa agradável; a primeira coisa uma companhia.

— «Sargent Pepper's lonely hearts club band» sustentou-me durante um Verão em que estive empregado (diz Vitor Oliveira Jorge) quando estive sózinho na Dinamarca numa quinta em que ninguém me entendia, senti que era amigo de Bob Dylan ao ouvir cantar numa planície cheia de sol onde não havia uma única casa além daquela onde eu estava.

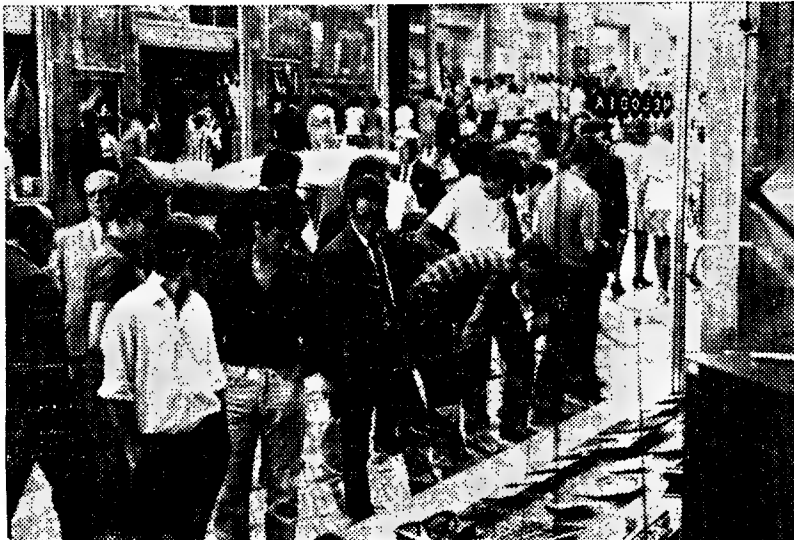
Música também é expressão colectiva, que realiza o homem como elemento integrante de um corpo social, que o aproxima do homem que canta com ele.

— Canto de noite às vezes, para distrair, coisas à moda do meu sítio, Viana do Castelo — é Alberto Gonçalves Ruas, de 38 anos, ajudante de padaria — já há canas verdes, viras, chulas. Gosto de cantar mas é na minha terra, mano-amano, um dia uma coisa, eu respondo-lhe outra e assim. Aqui tenho de cantar sózinho, não vale nada, é só para me distrair, para passar o tempo mais depressa.

Tem sentido a expressão «música portuguesa?»

Que sentido tem para as pessoas a expressão «música portuguesa»? Será a música que os portugueses aceitam como sua? Será a música que os portugueses fazem? Será a música que fala dos portugueses? Refina a confusão na nossa música ligeira, logo a partir da sua definição.

E, nas respostas que nos dão, ainda vem o fado, o «sentimento», o intérprete conhecido, o folclore mistificado de Pavilhão, as manifestações bairristas oficializadas. São gostos, escolhas, que as pessoas não fizeram por si, porque os herdaram do que já era opinião feita, porque não têm preparação para contrariar a insistência da publicidade



Montras de discos e caixas de música: tentação para uma juventude imundada de música «fácil»



que consumimos

de, a pressão de uma tendência maioritária.

O fado é um ponto assente. O fado acata-se.

— *Música portuguesa é o fado. Gosto do fado porque quando nasci já se ouvia, toda a gente acha bonito, não é? Não sou eu que sei, eu não percebo nada* — diz João Manuel Madureira.

Mas o «ramo do fado», como disse, de boa consciência, uma das pessoas com quem falámos, tem muito que se lhe diga. Ele oferece às pessoas o tal «romantismo» para juntar aos dias tão pouco românticos, e não se trata de um romantismo vão. É a «tradição», a conservação ao nível de política de restauro, de um sistema desigual de relações homem-mulher, é o repisar de todo um formulário que corresponde a uma mundividência. É o persuadir (quantas pessoas!) de um «modo de ser português» (nostálgico, temperamental, «fadístico»), e adormecê-las nessas pseudoconcepções.

— É habitualmente tocado o amor, a traição, a saudade, o ciúme, situações por que as pessoas passam, coisas da vida, a que o português, pelo seu temperamento, está sujeito — Maria Alexandra Soares.

— *Música portuguesa entende-se: o fado, o fandango, o vira, marchas (militares e populares). No fado gosto da doçura que caracteriza o nosso modo de sentir* — João Caixeiro.

A defesa comercial do fado está a ser feita ao nível turístico. O turista é presentemente o maior consumidor do luso fadário. A sua procura justifica o aparecimento de edições de discos. Estão «Uma noite no Machado», «Uma noite na Severa», etc., que o turista transporta como «souvenir» de uma refeição bem comida e regada.

Uma passagem pelas discotecas da Baixa de Lisboa à procura dos discos de música portuguesa mais vendidos, obteve os seguintes dados: Amália sempre a mais procurada, sobretudo por estrangeiros. Também sobretudo por eles, Carlos do Carmo, Fernanda Maria e os tais discos-reportório de restaurantes típicos. Ainda Hermínia Silva e António Mourão.

Mas não só. As formas largamente estereotipadas já não são únicas no nosso horizonte.

Ana Elisa Monteiro, 21 anos, estudante universitária:

— *Música portuguesa é*

a que tem raízes aqui, a que está vincada da nossa gente, da nossa história, da nossa maneira de pensar e de agir, das nossas condições de vida e da atitude que assumimos perante elas. Música portuguesa será a que não podia ter sido feita em França, no Japão, no México. Neste sentido a expressão tem hoje pouco conteúdo concreto, mas continua a ter todo o sentido que descola da sua necessidade, da nossa exigência. Música portuguesa é o resultado das recolhas de Giacometti e Lopes Graça. Temos tentativas, procuras, que significam essa necessidade, a urgência de mais verdade e mais qualidade na música ligeira.

Os programas de rádio, como as editoras de discos começam a aperceber-se de que o público não é já a mesma criança, de que a exigência de qualidade e de elaboração é maior, de que as estafadas vedetas da cançoneta já não agradam senão a um público que escasseia de dia para dia, porque se apercebe cada dia mais do pouco que elas têm para lhe dizer. Assistimos ao desmoronar, ao esquecimento de vedetas da canção, cuja mercadoria já não é comercialmente rentável.

A pressa publicitária

Até que ponto o público é pressionado nas suas preferências musicais? Terão as pessoas consciência de lhes ser «impingido» pela publicidade determinado tipo de música? em todas as pessoas com quem falámos encontramos esta consciência, mais ou menos elaborada.

Carlos Baptista do Carmo: — Há grandes interesses económicos em jogo. As pessoas são obrigadas a suportar o estilo de música que as «estrelas» cantam, por trás do qual estão esses interesses, e de que se faz uma grande publicidade na rádio.

Fernando Dacosta: — «O público é pressionado até um ponto de tal modo grave que ainda nos escapa em muitos dos seus aspectos. Sujeito a uma publicidade, a uma vidência intensiva, exercida sobretudo pela rádio, o público não tem capacidade para tomar uma posição crítica, nem alternativas de escolha de outros tipos de música».

Ana Elisa Monteiro: — Fala-se em dar ao povo aquilo que ele quer, aquilo que ele pede. E todo o esforço é feito no sentido de o levar a querer aquilo, a não conhecer nem perceber outra coisa. Ao povo, riquíssimo de verdades cantáveis, pretende atribuir-se uma cançoneta desenfreada, oca de conteúdo, sem qualquer significado social ou cultural.

Vitor Oliveira Jorge: — O gosto é dependente dos meios de informação que eu tenho ao meu dispor e que me canalizam a música. A maior parte da música ligeira que se ouve em Portugal é de má qualidade. É claro que há numerosíssimos interesses por trás da música que se produz. É claro que existem muitos valores desconhecidos e que até não há interesse em divulgar. Há tendência, numa sociedade de consumo, para cada vez mais todos gostarmos do mesmo, apesar de ludibriados pela «personalização»

da publicidade. É claro que o esforço de qualquer indivíduo atento é o de, adentro de um tal sistema de objectos, em que a música não é mais do que um objecto, procurar uma satisfação mais duradora; ou seja, no fundo, procurar a criação autêntica, porque só a criação, numa sociedade que nos encaminha para a mediania pode ainda constituir uma aventura e uma razão de vida.

Para grande parte da população portuguesa a telefonia continua a ser o maior veículo de conhecimento musical. A difusão do transistor, que poderia ter um papel na expansão de uma música portuguesa autêntica, só viciou e desviou o gosto das pessoas para a cançoneta.

O problema da música é puramente musical?

— Não é possível resolver o problema musical sem factores que o impulsionem — diz João Caixeiro —, da mesma maneira que não é possível instruir um povo sem a existência de escolas.

— «O problema da música, como o de qualquer forma de arte, é essencialmente um problema político», diz-nos Fernando Dacosta.

Perguntámos sobre música. As respostas vieram-nos das pessoas de classes socioeconómicas menos elevadas, mescladas dos seus problemas mais graves — a luta pela sobrevivência, a subsistência na velhice, até o analfabetismo.

— Já tive mais de quantos empregos, — diz Alberto Ruas — Eu queria

era ganhar a vida sem trabalhar. Mas trabalho que me farto, e a minha vida não me permite nada. Tomara eu saber cantar o fado. Então é que me governava.

— Ouvir música distrai-me mas não me pode pôr bem disposta — diz-nos Marcelina da Silva Santos, de 70 anos, viúva. — Ando muito aborrecida. Vão deitar o prédio abaixo e eu estou num quarto, não tenho para onde ir. Ouço música na telefonia da dona da casa, já lá vivo há muitos anos, é como seja família. Gosto de música mas não sei ler.

— Gosto muito de música — diz Umbelina de Jesus, de 72 anos — cantam muito bem, gosto muito de ouvir. Não sei ler, não sei explicar. Olhe, mais não lhe sei dizer. Andei sempre a trabalhar no campo, lá na Beira Baixa, ao pé de Cernache do Bonjardim. No campo cantávamos a ceifar, nas debulhas, essa coisa toda. Mas não me lembro de nada. Naquela tempo gostava de cantar. Agora já não tenho voz para isso. Tenho tristeza, não tenho vontade de cantar.

É possível neste momento em Portugal uma música de qualidade susceptível de agradar simultaneamente, a um médico, um estudante, um operário, um empregado de escritório, um industrial?

— Acho que, por exemplo, das que foram divulgadas. «O meu menino é d'ouro, a «Pedra filosofal», agradaram a toda a gente» — Maria Alexandra Soares.

— Seria necessário — diz Ana Elisa Monteiro — construir uma música que

fosse buscar a sua verdade, a sua força, aquilo que há de mais enraizado e mais puro no nosso povo. Seria necessário devolver-lhe essas formas enriquecidas, actualizadas, trabalhadas. Música que o povo entendesse sua, música que não lhe desmentisse as preocupações, que não fosse uma mentira canhestra para crianças.

Na opinião de Fernando Dacosta: — É possível o seu aparecimento, e ele parece até estar a esboçar-se, mas muito problemática a sua divulgação.

O que fica destas palavras ganhas no encontro de caras da solidão na cidade? Falaram-nos das canções que se lembram da infância, antigas canções ingénuas e jocosas que se ouviram e também se cantaram, até com as letras ao contrário, «para as sentirmos mais nossas». Falaram-nos e lembraram-nos os discos caros que não se podem comprar, as emissões más, os meios de informação canalizados para uma música fútil, piegas, narcotizante, a falta de educação musical, a música a que as pessoas não têm acesso.

A música que as pessoas têm, ouvem, cantam no quotidiano, é tão importante que gerações inteiras se têm exprimido através dela. Uma mulher a dias, Argentina Ferreira Marques, disse-nos: — «Quando estou cheia de neura, uma canção pode dar-me vontade de viver». Fica-nos a importância da música ou a necessidade de dar a todos a música que interessaria conhecer.

LEONOR
MARTINHO SIMÕES



A música ligeira é tema fundamental para a prática publicitária — e dela se aproveitam os seus «fornecedores».

Indústria do tomate: ascensão e queda

REPORTAGEM DE JOSÉ JOÃO LOURO

A cultura do tomate em Portugal passou rapidamente de uma agricultura de auto consumo (produção para as necessidades alimentares locais) para uma agricultura capaz de alimentar trinta fábricas com uma capacidade diária superior a 20 000 toneladas de tomate fresco (números de 1968).

Os problemas levantados pela passagem de agricultura de auto-consumo para uma agricultura tendo em vista a indústria de concentrados de tomate, assumem, de uma zona produtiva para outra, aspectos que a seguir procuramos desvendar aos nossos leitores.

«PODIA SER UM BENFEITOR»

O «primeiro» tomate que chega ao mercado provém tradicionalmente do Algarve, mercê de um amadurecimento prematuro em relação a outras regiões. Compramos (nós os consumidores) esse tomate a preço elevado. Ficamos com a ideia de que o produtor algarvio ganha muito nestas primeiras transacções. Algumas dúvidas vieram esfregar o nosso primeiro entusiasmo. Quanto custa o transporte do Algarve até Lisboa? Quais os preços pagos pelos intermediários no Algarve? Como se pode chegar ao mercado lisboeta sem passar pelo intermediário?

Estas três questões estão ligadas, dados os baixos preços pagos pelo intermediário, a única opção para o produtor é pagar o transporte das poucas dezenas de caixas de tomate (poucas, porque o amadurecimento se faz lentamente e mesmo em grandes áreas de produção o tomate maduro recolhido é sempre em pequenas quantidades) e utilizar um mandatário num mercado lisboeta.

Esta opção de comercialização tem os seus riscos. Os mandatários não perdoam ao produtor que tomou a iniciativa. Chegamos aqui ao mundo fantástico em que só acreditamos de factura na mão. Será possível um produtor enviar trinta caixas de tomate para o «Mercado de 24 de Julho» e as despesas de armazenagem e de descarga das trinta caixas serem superiores ao preço de venda? É possível. E quem nos garante é uma fotocópia de factura amavelmente enviada pelo engenheiro Fausto Alves de Sousa. O mandatário José Moraes Canas, do «Mercado de 24 de Julho» enviou a sua «conta de venda»

n.º 1900 ao sr. Joaquim Mascarenhas relativa a uma remessa de 39 caixas de tomate. As caixas, segundo o mandatário foram vendidas a 20 escudos: é 780 escudos no seu total. As despesas do mandatário são de 468\$00 de descarga, e 351 escudos de transporte ou armazenagem (não se compreende muito bem a origem da despesa) e 19\$80 para a Junta Nacional de Frutas, num total de 838 escudos. O sr. José Moraes Canas não pediu os cinquenta escudos que o produtor ainda lhe ficou a dever. Esta situação seria ridícula se não tivesse como causa, mais ainda do que a ansia de lucro dos intermediários, a total desorganização da comercialização dos produtos hortícolas frescos, a qual permitiu alguns desabafos do produtor que o eng.º Fausto Alves de Sousa nos transmitiu:

— Se o tomate fosse distribuído de graça pelas pessoas da região,

ainda podiam passar a «benfeitorias». Assim, mandam o tomate para o mercado perdem uma boa



O transporte para a fábrica é da conta do produtor

oportunidade de fazer adubo e ainda pagam aos mandatários!

Este é o destino do primeiro tomate que afluente ao mercado: beneficiar os intermediários. O tomate da primeira época apesar de vendido a alto preço não compensa (dada a margem de lucro) o produtor.

E o outro, o que por contrato é vendido às fábricas? Ou aquele que podia ser lançado no mer-

cado livre (e que) por causa do contrato não pode ser vendido?

«TENHO DE IR ENTREGAR TOMATE AOS RIACHOS!»

«Depois da Estalagem do Gado Bravo são uns dez quilómetros!». Era a informação que tínhamos. Mas foram alguns mais. Andámos entre le-

zírias e meloais até atingirmos as grandes áreas de tomatal. No caminho camiões e tractores carregados, mostravam-nos que a direcção estava certa. Quatro produtores, Manuel Dionísio, José Gomes Lopes, Diamantino Amorim e José Amorim levantaram-nos francamente os seus problemas.

— A seara de tomate está no fim. Ninguém a quer fazer. Há quinze anos que os preços são os mesmos. Cinquenta e cinco centavos para primeira, quarenta para o de segunda, nada para o refugo. Pelo refugo não se recebe nada. E ainda temos os transportes à nossa conta (mais de 10 centavos por quilo). O ano passado tive 5 por cento de refugo, 15 por cento de segunda e oitenta por cento de primeira. As classificações roubaram-me 5 centavos por quilo e os transportes 10 centavos. Ficou-me o tomate a quarenta centavos — contou-nos Manuel Dionísio, produtor a pensar seriamente em abandonar as searas.

Diamantino Amorim reafirmou-nos:

— Se eu não tivesse comprado o tractor, se calhar, nunca mais fazia tomate. Em anos de excesso, eles põem-se a aguentar, empatam e o tomate estraga-se. Em

Nova cultura, velha realidade?

Para determinar, com a possível exactidão que tal cálculo envolve, os benefícios que para o país resultam da adequada cultura do tomate industrial parece ser demasiado simplista a sua contabilização em termos de acréscimo do produto agrícola ou aumento das exportações.

E dizemos demasiado simplista, não porque as cifras que se têm apontado em abono da expansão da cultura não sejam importantes mas porque só traduzem uma certa parte da realidade que a cultura intensiva do tomate veio modelar sobre o tradicional panorama da agricultura portuguesa e muito particularmente da bacia do Tejo.

E no sentido de corrigir essa simplificação dos curtos-benefícios da nova cultura que nos parece urgente apontar duas perspectivas que não têm merecido, os favores da divulgação.

Por um lado deve considerar-se que a actividade económica de uma qualquer região é um todo particular e integrado. Particular porque deve corresponder ao máximo aproveitamento das vocações económicas específicas da região; integrado porque esse máximo aproveitamento deve explorar as conexões possíveis entre os diversos sectores da actividade económica da zona.

Quando, por qualquer motivo — descoberta de mercados, descoberta de novos recursos, reunião da massa crítica do investimento necessário, etc., etc., — se introduz ou se reforma completamente uma actividade económica deverá então procurar maximizar-se os efeitos dessa nova actividade em relação aos seus resultados específicos e ao agregado regional em que se insere.

Para o caso da cultura em questão importa certamente aumentar o res-

pectivo volume e valor da produção. Mas, e isso é que nos parece andar longe da realidade, importar também que a alta tecnicidade da cultura se espraiasse para outros domínios, que a introdução desta nova cultura originasse um novo sistema equilibrado de produção (relações apropriadas de culturas, aproveitamento regular da mão-de-obra, complementaridade dos investimentos, etc.).

Ora o que parece passar-se na região é que a nova cultura invadiu os terrenos ocupados por outros sistemas de produção e aí se mantém. Todos os benefícios que a cultura pode trazer devem assim equacionar-se com o regime de monocultura a que uma parte do território agrícola foi sujeito. E monocultura significa ocupação estacional, significa esgotamento dos solos significa a longo prazo exaurimento dos recursos naturais, significando, como alguém escreveu, actividade mineira.

Uma segunda perspectiva que se deve introduzir nesta análise, e cujas relações com a primeira agora enunciada são relativamente claras, têm a ver com o destino final da produção e o seu «controlo».

É facto conhecido e apregoado que a maior parte da procura final da produção é constituída pelos mercados estrangeiros, sendo este até um dos argumentos utilizados para realçar a sua importância no actual contexto nacional. Menos apregoadas e também menos conhecidas são as ruínas de pânico que à mínima perturbação dos mercados se adensam sobre as cabeças dos empresários, e cultivadores directamente ligados aos resultados da cultura. Se os grandes grupos internacionais dispõem de uma enorme margem de manobra (dispensam dos mercados abastecido-

res, leque de preços e qualidades, etc.) o mesmo se não passa ao nível da região que assenta boa parte do seu desenvolvimento numa só actividade. Um preço ligeiramente inferior significa muitas vezes a ruína dos esforços de um ano de trabalho.

Por outro lado se se pensar que o desenvolvimento deverá ser reproduzido ao nível da região uma outra interrogação se levanta.

A complexidade do sistema de relações de produção é tal que a atribuição do excedente económico gerado pela cultura e sua industrialização confere uma grande parte desse excedente ao grupo estrangeiro detentor das fábricas, da técnica, do acesso ao mercado.

A parte que fica, numa primeira aproximação, na região é ainda dividida pelo proprietário fundiário e pelo empresário na hipótese mais simples das relações de trabalho. E desta fracção qual é que é reinvestida na região? Qual a parte que, embora detida por nacionais, emigra para os pólos de atracção do capital (Lisboa, na melhor das hipóteses)? E como se poderá pensar em atingir um novo equilíbrio na exploração dos recursos regionais e um estágio social mais elevado quando a região se pensa como uma mina de exploração rápida e de futuro aleatório?

Esta é, parece-nos, a interrogação fundamental que poderá resultar de um completo exame dos custos e benefícios da cultura.

As contas privadas não fornecem neste domínio sendo uma imagem parcial, e portanto deturpada, de uma contabilidade social regional para a qual sómente quisemos apontar os títulos de alguns capítulos.

ARMANDO DE ABREU



MANUEL DIONÍSIO

vertiginosas

1964 foi um problema. E quanto à J. N. F. nunca intervém. Refugaram-me uma tonelada de tomate. Fiz um telefonema à J. N. F. e quando eles quiseram resolver o problema já o tomate estava moído.

No meio da conversa surgiu o problema do arrendamento. A fábrica, neste caso a dos Riachos subarrendava-lhes a terra por sete contos e quinhentos. Antes, tinha arrendado muitos hectares ao grande latifundiário a um preço inferior. José Gomes Lopes um dos produtores, pensa que a fábrica ganha dinheiro com estas transacções:

— Pagamos sete contos e quinhentos por época de tomate. Andamos a trabalhar do nascer ao pôr do Sol. Mas não é só no arrendamento que as fábricas ganham dinheiro, também nos pesticidas e adubos. Vendem-nos pelo preço normal mais os fretes. Aqui ganham uma grande margem porque fazem a compra de adubos e pesticidas de descontos. E depois há sempre aborrecimentos. Em relação ao ano passado a «Ecril» ainda não pagou aos produtores.

O problema dos arrendamentos é importante. O arrendamento é uma defesa da fábrica de maneira a ter o tomate necessário à sua capacidade de laboração. A fábrica dos Riachos tem terras arrendadas nos campos de Samora e Benavente.

Nos contratos vem a exigência de entrega a estas fábricas longínquas. Neste caso, os produtores, ao invés de entregar o tomate, como seria natural, na fábrica mais próxima entregam - no a vários

quilómetros de distância. Isto influi na qualidade do produto, obriga o produtor a maior despesas de transporte e o tomate chega com uma grande percentagem de refugo, descendo, naturalmente de preço.

As fábricas «contratam», segundo as suas conveniências, grandes áreas (20 000 hectares segundo cálculos aproximados) com a exigência de entrega. O critério assumido por cada grupo é a entrega na fábrica mais próxima. Mas, muitas vezes, porque as fábricas na ânsia de encontrar mão-de-obra barata se distanciam dos locais de produção, o arrendamento de terras é uma política seguida para assegurar a produção.

Assim as principais empresas, em 1969 (numa informação fornecida pelo Grémio respectivo) tinham assegurado 19 175 hectares contratados para 21 295 estabelecidos como objectivo.

As empresas com maiores áreas contratadas eram a Compal (1200 hectares), Sorrala (620), E.C.A. (1000), F.I.T. (760), Hortil (700), Idal (1300), Idiago (700), Serrano (600), S.I.C. (1050), Spallil (900), Sugai (950), Sulei (900), Unitac (850).

Estes contratos prévios permitiam às empresas terem assegurado o tomate suficiente a preço baixo, para a sua capacidade de laboração.

A produção destas empresas em 1967 e 1968 não foi muito elevada. Tomando como exemplo as empresas que asseguraram mais de 900 hectares de contrato teremos como produção em 1968:

Empresas	Áreas contratadas (ha)	Produção (ton.) em 1968	«Stocks» (ton.)
Campal	1200	7 321	920
E. C. A.	1000	9 500	350
Idal	1300	15 718	480
S. I. C.	1050	9 000	—
Spallil	900	8 500	282
Sugai	950	10 575	—
Sulei	900	—	—



A produção total em 1968 foi de 128 348 toneladas e os stocks atingiram, segundo as mesmas informações, 11 986 toneladas.

Em relação às empresas há ainda uma indicação com interesse. O Decreto-Lei n.º 401/70 vem facilitar as condições das empresas que exploram a indústria de concentrado de tomate e se reúnem em agrupamentos de exportadores sob a forma de sociedade comercial, as quais «beneficiam de diversas regalias desde que representem uma capacidade mínima diária de 5000 toneladas de tomate fresco».

Tem interesse conhecer a capacidade de laboração das diversas fábricas em 1968. A maioria laborava menos de 1000 toneladas diárias de tomate fresco: Ortil 500 (1), Inalza (150), Tudalga (520), Roga (615), Salpol (550) (1), Henrique Serrano (720), Set (520), Socidan (470), Spogal (680), Spallil (880), Sulei (150) (1), Sumal (560), Tocan (880), Vasco da Gama (870). Só as empresas Idal (1575), Sic (1835), Sugai (1250), Unital (1500), Compal (1240) (1) e a

ECA (1050) tinham uma capacidade mínima diária de evaporação superior a 1000 toneladas de tomate fresco. O benefício do decreto sigere-nos que qualquer das pequenas empresas terá de associar-se a um ou outro dos grandes agrupamentos possíveis. Como algumas empresas já estão associadas os grandes grupos estarão sempre em condições de obrigar as pequenas empresas a con-



JOSÉ GOMES LOPES

cessões, dadas as suas dificuldades em beneficiarem do decreto.

É nítido que muitas fábricas, aproveitando o baixo preço do tomate, o elevado preço do concentrado no estrangeiro e os salários baixíssimos da mão-de-obra sazonal feminina (tal como o reconhece o texto do decreto-lei), se fundaram em várias regiões utilizando como critérios:

a) proximidade de zona com desemprego feminino na época.

Enquanto a vindima não começa as mulheres não têm trabalho no Rábatejo e mesmo no Alentejo, onde se deslocam para as vindimas.

b) proximidade relativa de zona produtiva.

Este critério não foi muito seguido. Como os produtores pagam o transporte do produto até à fábrica, as empresas que ficam longe das zonas de produção su-

barrendam as terras ao seareiro com a obrigação de entrega na fábrica.

c) viabilidade de transportes.

Até onde este critério foi seguido? A resposta só a poderá dar o recém-

formado conselho técnico da produção, transformação e comércio de tomate.

Os salários actualmente pagos às operárias (cerca de 36\$00 diários)

Cont. na pág. 10

CONHECER O NOSSO TEMPO



O NOSSO TEMPO EM DEBATE

cadernos d. quixote

Publicados:

N.º 22 — A RODÉSIA E A INDEPENDÊNCIA

N.º 23 — JAPÃO, OUTRO GIANTE

N.º 25 — ITÁLIA ENTRE DIREITA E ESQUERDA

N.º 26 — O BRASIL NA ENCRUZILHADA

N.º 27 — DROGA — INFERNO OU PARAÍSO?

FAÇA UMA ASSINATURA NAS SEGUINTES CONDIÇÕES:

- Não fará qualquer pagamento adiantado.
- Pagará cada número contra reembolso sem nenhum aumento de preço (o custo de cada caderno oscila entre 20\$ e 30\$).
- Terá a garantia de receber todos os títulos no próprio dia de saída.

Basta enviar o cupão abaixo a: PUBL. D. QUIXOTE, Rua Luciano Cordelro, 119, Lisboa.

Desejo tornar-me assinante dos CADERNOS D. QUIXOTE. Entretanto queiram enviar-me _____ exs. dos n.ºs _____, já publicados.

NOME _____

MORADA _____

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO 119



Há fábricas instaladas onde a mão-de-obra feminina é mais abundante — e mais barata



OS PRIMEIROS AMERICANOS

G. H. S. Bushnell, edição da «Verbo»

O propósito deste livro nas palavras do seu autor: «Quando Colombo chegou às águas americanas em 1492» (...) «as culturas das terras altas tinham muitas características que os espanhóis podiam entender. Eram estados hierárquicos, cujos governantes viviam com esplendor considerável, tinham belos edifícios, artefactos especializados e uma religião que desempenhava um papel dominante nas vidas das pessoas, embora as suas práticas estivessem muito longe de ser as que eles aprovavam. Por outro lado, as civilizações que os espanhóis encontraram não possuíam o

ferro, a roda, o arado e o alfabeto, e devem ter achado muito estranho encontrar um povo civilizado sem estas coisas — que eles estavam habituados a considerar como essenciais na sua própria vida — e que, além disso, não dispunha de cavalos, bois, carneiros e porcos e comia plantas exóticas. Este estado de coisas levava muito tempo a estabelecer-se, e o propósito deste livro é o de delinear o seu processo de evolução».

Boa documentação iconográfica a valorizar o texto.

A propósito destes «Primeiros Americanos»: há necessidade de sairmos do nosso *ocidentalcentrismo*, se queremos a fraternidade de todos os povos do mundo.

RODÉSIA

Da América à África, à «supremacia branca», ao «ferrolho de segurança», a Rodésia, com o Caderno 22 da D. Quixote, «A Rodésia e a Independência», textos de Judith Todd, Marion Kaplan, Guy Bosschère e David Smock que ajudam a compreender o acontecimento, trazendo para tanto a explicação certos factos do passado e assinalando as consequências previsíveis do acto de 11 de Novembro de 1965

O volume inclui o documento da proclamação da independência que dado o seu interesse, a vários títulos, transcrevemos para os nossos leitores.

«Atendendo a que, na evolução dos problemas humanos a história tem demonstrado que se pode tornar imperioso para um povo romper as ligações políticas que o uniam a outro povo e assumir, no conjunto das outras nações e numa base de igualdade, o estatuto diferenciado que se atribuem;

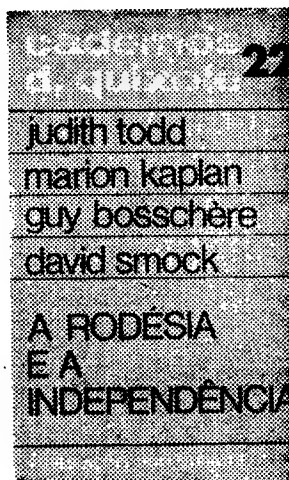
E atendendo a que em tais circunstâncias o respeito pelas opiniões humanas o obriga a declarar às outras nações quais as causas que o levam a assumir a plena responsabilidade dos seus assuntos;

O Governo da Rodésia, por consequência, declara:

Que é um facto histórico, incontestável e aceite que o Governo da Rodésia tem exercido desde 1923 os poderes de governo autónomo, sendo responsável pelo progresso, desenvolvimento e bem estar do seu povo;

Que tendo o povo da Rodésia demonstrado a sua lealdade à Coroa e às nações irmãs tanto no Reino Unido como em qualquer outro lugar ao longo de duas guerras mundiais e tendo-se mostrado pronto a derramar o seu sangue e dar dos seus bens sempre que considerou estarem em jogo os interesses mútuos dos povos amantes da paz;

Que o povo da Rodésia tem sido testemunha de um processo destruidor dos próprios preceitos



em que assentou a edificação, num país primitivo, da civilização; tem assistido ao ruir, por toda a parte, dos princípios da democracia ocidental, do governo responsável e dos padrões morais; e não obstante, tem permanecido inabalável;

Que o povo da Rodésia apoia plenamente os pedidos, por parte do seu Governo, de independência soberana, mas tem-se-lhe deparado a recusa sistemática do Governo do Reino Unido em aceder a tais esforços;

Que o Governo do Reino Unido demonstrou assim não estar disposto a conceder a independência soberana à Rodésia em termos aceitáveis pelos rodésianos, persistindo em conservar uma jurisdição incontestável sobre a Rodésia, fazendo obstrução às leis, aos tratados com outros Estados e às negociações com outros países, e recusando a promulgação de leis necessárias ao bem público — tudo isto em detrimento da paz, prosperidade e boa gestão futuras da Rodésia;

Que o Governo da Rodésia negociou pacientemente e de boa fé, durante longo tempo, com o Governo do Reino Unido, com vista à extinção das limitações que ainda atingiam os rodésianos e ao reconhecimento da sua soberania

Que, na convicção de que qualquer adiamento atinge gravemente a própria vida da nação, o Governo da Rodésia considera essencial que a Rodésia atinja sem demora a independência soberana, facto cuja justiça se encontra fora da questão;

Deste modo, o Governo da Rodésia — em humilde submissão a Deus Todo Poderoso que controla o destino das nações, e consciente da lealdade e dedicação constantes que o povo da Rodésia tem dedicado a sua Magestade a Rainha, e orando por que nós e o povo da Rodésia não sejamos impedidos na nossa determinação de continuar a exercer o nosso incontestável direito de mostrar a mesma lealdade e dedicação e procurando promover o bem comum de maneira a assegurar a dignidade e a liberdade de todos os homens — adoptamos promulgamos e entregamos através desta proclamação, ao povo da Rodésia a Constituição anexa.

DEUS SALVE A RAINHA.

Assinam esta declaração Ian Douglas Smith, primeiro ministro, e os restantes ministros à data de 11-11-1965.

Barco pesqueiro de investigação

O estaleiro naval «Lenina» de Gdansk construiu para o Governo polaco um barco de investigação ultra-moderna que será utilizado para um projecto de desenvolvimento da pesca, executado pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura). Trata-se de um arrastão para investigação, de 3000 toneladas que, além dos instrumentos electrónicos mais recentes para a navegação e detecção do peixe, estará equipado com um computador.

O navio representa a contribuição do Governo polaco ao projecto da FAO. A organização internacional, por seu lado, fornecerá o computador assim como equipamento electrónico desta unidade de investigação, que será utilizada especialmente para a exploração e conservação do peixe nas zonas tropicais do Atlântico, e para a aprendizagem dos pescadores de alguns países em vias de desenvolvimento.

O arrastão, com duzentos e noventa e quatro pés de comprimento, é impulsionado por um motor Diesel de 2400 cavalos, e poderá albergar 45 homens de tripulação, 29 instrutores e 11 alunos. Poderá utilizar 5 tipos diferentes de rede, incluindo o tipo clássico para o bacalhau, a rede com uma grande abertura vertical, engenho de trabalho para grande profundidade, e uma rede pelágica. Será também equipado com dois barcos anexos de 13 metros para a pesca do camarão e para outras operações de pesca.

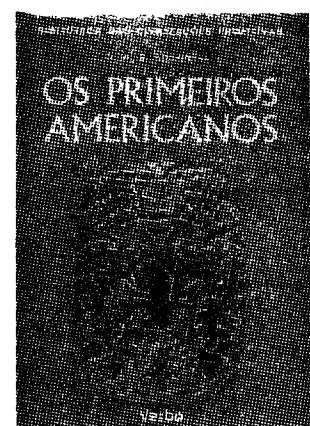
O material de detecção do peixe será constituído por um sonar, um sonar de investigação, três sondadores para trabalhos científicos, um registador de profundidade e integradores de eco.

O computador, que funcionará conjuntamente com aparelhos ultramodernos de ajuda à navegação, será utilizado para a investigação sobre a pesca e a elaboração de cartas de pesca, assim como para a investigação nos arrastões.

Dará respostas rápidas aos problemas de detecção do peixe e a sua intercepção pelo arrastão.

Poderá também ser utilizado para a compilação rápida das informações respeitantes às capturas e à detecção por uma frota de pesca comercial, de modo a permitir as táticas a pôr em acção quando vários barcos de pesca operam em conjunto numa determinada zona.

As instalações laboratoriais no arrastão compreenderão uma cabina hidroacústica, que fará parte do equipamento da ponte de comando. O arrastão será também dotado de equipamento para o estudo da hidrografia, do fundo e dos platonos. Será além disso equipado para a análise dos diferentes utensílios de pesca e para o estudo profundo das técnicas da pesca, e conservação do peixe. Será dotado de uma verdadeira fábrica para a fabricação de farinha de peixe, que poderá tratar até 35 toneladas de peixe fresco por dia.



adapt. CANAL 1

Pelikan
para o
Estudante

desenhar, pintar, safar, escrever e colar

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

KONI



Representante:
SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC - Lisboa
Telef. 560156

ASPECTOS DO TERCEIRO MUNDO

Andes, o paraíso infernal

Para termos uma ideia do que é o drama do chamado Terceiro Mundo, é por vezes mais chocante tomarmos conhecimento do relato ingenuo de dois ou três casos isolados do que lermos longos, documentados e frios estudos. A título de exemplo, oferecemos aos nossos leitores o pequeno relatório de um perito da FAU, elaborado a partir de elementos obtidos nesse «paraíso infernal» que os Andes constituem:

«A estrada transformada em barranco escarpado pelas primeiras chuvas para bruscamente contra uma barreira. Pedro Chavuit, 30 anos, espera-nos. Não tem boa aparência, de pequena estatura, olhar modestamente baixo. No coração dos Andes colombianos, o Cauca toma o aspecto de paraíso terrestre, pequenos vales dum verde pouco acentuado, grandes manchas brancas do café em flor. E todavia um inferno de lágrimas, de suor e de extrema miséria. Forças e recursos são unicamente destinados a sobreviver.

Até agora a luta do camponês do Cauca era desesperada. Quaisquer que fossem os seus esforços, encontrava-se limitado pela superfície das suas terras, montanha dividida em pequenas propriedades de 2 ou 3 hectares. No quadro mais geral dum esforço maciço de desenvolvimento da região e ao qual as autoridades consagram milhões de dólares, o governo fomenta a pequena criação de gado intensiva e concede facilidades de formação e de crédito graças à ajuda do Programa Alimentar mundial ONU/FAO.

Estes pequenos proprietários hesitam em recorrer ao crédito. Poder-se-á tirar juro e capital? Venderá a pena passar de uma economia de subsistência para entrar no circuito monetário? Pedro lançou-se na aventura. Está pronto a correr qualquer risco para que a sua família prospere. Po-

de avaliar-se a sua coragem ao debruçarmo-nos na boca dos três poços que abriu, sozinho, enfiando-se nas entranhas da montanha até dez metros de profundidade, sem qualquer escoramento. Para

tranquilo, são gigantes, dignos dos seus antepassados, fundadores de inúmeros nestes vales milenários. Estão prontos a transformar uma vez mais os Andes num aprazível jardim.

OS ANIMAIS MELHOR TRATADOS QUE OS HOMENS

Pedro tem orgulho na casa que construiu para a

— Disseram-me que poderia ter um benefício de 25 dólares criando frangos durante um ano. Com este dinheiro, comprei um tecto de chapa ondulada. O pior foi que, depois que a chafazeira do Comité dos cafeteiros se escangalhou não se encontram pintos na região. E com a estação das chuvas, nenhum carro poderá em breve vir até aqui. Será necessário transportar tudo às costas numa distância de quinze quilómetros.

tirar uns trinta dólares, se a qualidade for bastante boa para exportação. Se não, será necessário deixá-la para o consumo local. Tenho um outro hectare no qual poderia ter uma vaca se me for concedido um outro empréstimo. Isto dar-me-ia leite para as crianças

— Mãe enquanto esperam, que coméis?

— Bananas, laranjas, yuca (espécie de batata), um pouco de leite para as crianças e algumas vezes

para comprar uma vaca.

— Tenho cinco filhos e cinco filhos. Com uma vaca poder-lhes-ia dar leite. No rádio, o professor diz que as crianças se desenvolvem melhor quando se lhes dá leite porque é rico em proteínas. Poderia pagar a vaca com a venda do meu café. É uma pequena plantação mas, com adubos produtos antiparasitários vale perto de 150 dólares. Este ano não pude pedir um empréstimo para comprar os produtos e tirei apenas 40 dólares.

Isto é o Cauca. Um camponês semianalfabeto fala-nos dos seus erros ortográficos, um outro de proteínas — magia da rádio — enquanto que sua mulher por falta de meios para se tratar, está em risco de perder a mão direita.

— A sua mão foi esmagada na prensa da cana-de-açúcar, num momento de distração. Nada podemos fazer. No Centro de Saúde, a 20 quilómetros daqui, não puderam verificar o acidente. Não tínhamos dinheiro para pagar radiografias.

O fundo de crédito que tira os seus recursos da venda de forragens confeccionadas com rênegas do PAM deve permitir a estes proprietários proletários coraisos de vencer o imolável limite da sua profunda miséria.

Em Santander de Quilichao, vimos outros agricultores — como Laurelia, a mulher de Luciano Elen — que põe todas as suas esperanças em uma ou duas vacas, e uma caboeira. Os Elen possuem um vasto campo que arrendavam por um bocado de pão e um grande criador de gado. Agora uma das suas duas vacas já teve um vitelo. Isto não se faz sem sacrifícios. Para pagar os transportes, Luciano tem que ir trabalhar em casa dos vizinhos. Toda a quinta depende do trabalho de Laurelia e apesar de tudo, num certo prazo tem que se vender a porca.



realizar o seu trabalho de toupeira, foi armado dum chupo de ferro e dum cesto no qual o seu irmão, que ficava à superfície removendo a terra.

Fala com muita simplicidade. Ao escutá-lo, aos seus irmãos e aos seus vizinhos, descobrimos que estes pequenos homens

sua criação de frangos. Os animais dormirão numa casa com chão em laje de betão, enquanto que a família Chavuit se contenta com um chão de terra batida, paredes feitas de barro amassado com palha cortada e um tecto de coímo, que se tem que substituir de dez em dez anos.

A mulher e os dois filhos de Pedro, Albina e Nester, vieram ter connosco. Albina com toda a graça dos seus quatro anos, come uma banana.

— Tenho um hectare plantado de café. Quando as árvores estiverem bastante grandes, espero dar

carne. Somos todos pobres nesta região e há muita ignorância. Eu consigo ler o que é impresso mas faço erros ortográficos. A nossa família é privilegiada: somos três irmãos e graças ao nosso trabalho meu pai agora deve possuir, pelo menos, 3000 árvores de café.

A MERCE DO MENOR ACIDENTE

No «ranchito» vizinho, Juan Gregorio Sanchez foi conquistado pelo exemplo de Pedro e quer crédito

Congo: Problemas do ensino

O arranque dos países africanos para a educação, esbarra em graves dificuldades económicas baseadas na inexistência de anteriores coberturas educativas. Um exemplo é a República Democrática do Congo. De 1968 para 1969 as verbas concedidas para a educação aumentaram de 20 milhões de zaires (num orçamento total de 113,7 milhões de zaires) para 37 milhões (num orçamento total de 145 milhões de zaires) ou seja cerca de 25 por cento.

Este aumento tinha em vista, ir ao encontro da verdadeira explosão escolar, dado o aumento da população escolar desde 1959:

Ensino	1958-59	1967-68	1968-69
Primário	1 644 044	2 341 057	2 444 320
Post Primeiro	22 505	9 051	11 490
Secundário	37 386	162 237	199 401
Superior	763	5 827	8 401

Estes números são a expressão numérica de um acentuado progresso sobretudo no ensino primário (65 a 70 por cento). Mais de metade das crianças em idade escolar neste país africano, não vão além do segundo ano em quatro anos de ensino primário. A escolarização das raparigas é apenas de cerca de 35 por cento.

A dificuldade em professores primários é uma das barreiras ao desen-

volvimento do ensino no Congo. Os 60 825 professores congolezes são auxiliados por 439 estrangeiros, necessitando-se actualmente de cem mil. Só estão previstos 7000 professores primários formados por ano o que não permite o salto necessário.

A escolaridade secundária aumentou mas ainda muito relativamente.

A percentagem de raparigas no ensino secundário

congolês é reduzida (cerca de 20 por cento).

São necessários 9000 professores de ensino secundário para 1971 (7000 em 1967-68). Ora as escolas normais superiores em 1968-69 não tinham senão uma frequência de 1024 alunos.

ENSINO SUPERIOR

O ensino superior do Congo está muito dependente dos professores estrangeiros.

Em 1968-69 para 219 professores e assistentes congolezes havia 460 estrangeiros. As escolas tinham 388 professores estrangeiros para apenas 118 congolezes.

O Congo (Kinshasa) tem três universidades (Oficial de Lubumbashi, a de Kinshasa e a Universidade Livre de Kisangani). As três universidades tiveram apenas a frequência de 183, 160, 199 raparigas nos anos lectivos de 1966-67, 1967-68, 1968-69, num total respectivo de 2925, 3476 e 5483 alunos. A frequência das três universida-

des aumentou em dois anos em cerca de 90 por cento.

O ENSINO TÉCNICO

As Escolas Superiores são também de frequência limitada.

Existem ao todo quinze (Normais, Médias, Instituto Pedagógico Nacional, Escola Nacional de Administração, Obras Públicas, Instituto Superior de Arquitectura, Escola Superior de Comércio, Ensino, Peritos Geómetros, Centro de Formação M.e.t. e orológica, Nacional de Minas, Escola Superior de Desenvolvimento, Escola Superior de Formação Comercial e Instituto Nacional de Aviação Civil).

Existem ainda escolas de ensino universitário e ao nível de adultos para aperfeiçoamento. A formação técnica privada é feita a nível de empresas (Gecosin, Otrac Co.) e vai desde a escola de quadros para a exploração de caminho de ferro até cursos de ensino geral e especializado nas empresas.

CONHEÇA O MELHOR CONJUNTO TURÍSTICO DA FIGUEIRA DA FOZ QUINTA DE SANTA CATARINA

- RESTAURANTE
- BAR
- PISCINA
- COURT DE TÊNIS

TELEFONE: 2 21 78

ENTRADA PELA

RUA JOAQUIM SOTTO MAYOR

Trabalho diurno para os padeiros



ADRIANO VASO

Cont. da pág. 3

to, o sr. António Valinhas de Barros, ajudante de padaria:

— A lei estabelece que não pode fazer-se um período de trabalho superior a quatro horas, antes de uma refeição. Pois, vá por essas padarias e pergunte onde é que a lei é cumprida. Trabalhamos as sete horas seguidas e pagamos a oitava, a tal do descanso. Isto é o que acontece quase sempre. Por outro lado, pensa que fazemos só as sete horas? Trabalhamos, é caso para dizer, até acabar. Seja qual for a hora. E raros são os patrões que pagam horas suplementares. E os que pagam não o fazem

legalmente, pois evitam os 50 por cento a mais que a lei estipula. Ao fim e ao cabo — conclui — reina aqui uma enorme confusão. E a nós não interessa trabalhar nela — porque somos sempre as vítimas. De-sejam ver tudo isto bem regularizado, bem regulamentado, bem fiscalizado. Eu próprio já fui despedido por ter exigido o cumprimento dos direitos que a lei me confere.

O sr. Adriano da Costa Vaso, forneiro, acha perfeitamente possível, pelo menos, o regime de semana inglesa.

— Então, quando nos calha um feriado ao sábado, a gente não fabrica todo o pão necessário até

à uma da tarde? Por que não acontece isso sempre? Já agora, gostava de chamar a atenção para um facto que toda a gente desconhece ou esquece: nós somos das poucas classes, senão a única, que trabalha sete dias na semana, já que ao sábado temos de fazer dois turnos, veja bem. Em qualquer país os trabalhadores nestas circunstâncias ganham o oitavo dia — que seria, afinal, o cumprimento da lei geral, pagando em dobro o segundo período de trabalho — extraordinário, portanto — dos sábados.

Mais longe vai a última pessoa com quem falámos, o sr. José Maria da Silva Pinho, amassador, que aspira desde sempre a conquista (ou reconquista) do direito de trabalho diurno para a sua classe.

— É perfeitamente possível o trabalho diurno para os profissionais de panificação, mesmo sem alterar os costumes adquiridos pela população. Com a maquinaria moderna, os fornos eléctricos, uma organização eficaz, é perfeitamente viável começar a trabalhar às cinco da manhã, por exemplo. Afinal, para que são as câmaras frigoríficas? É hoje possível apresentar pão fresco a qualquer hora. De resto, isso já acontece, quando convém às empresas. Apresentam-se rodões de ordem social para defender este anacronismo, quase o último. Mas essas razões de saporecerem quando, como aconteceu há dias com o feriado de 15 de Agosto, convém às em-

presas cozer para dois ou três dias. Nesse dia, um sábado, os patrões teriam de nos pagar os salários em dobro. Vai daí resolveram com o sindicato — e sem conhecimento da classe — da maneira que mais lhes convinha: cosíamos à sexta-feira pão para três dias.

Meu amigo, se isto é possível, também o é, e por mais válidas razões o trabalho diurno para os padeiros. E a população para quem a gente trabalha, a maioria trabalhadora, compreende os trabalhadores — e bem sacrificados — que somos. As mercearias, o comércio em geral não fecha hoje às sete horas da tarde? E tempo houve em que as lojas estavam abertas até muito mais tarde.

Uma última questão quisemos pôr a todos os profissionais de panificação com quem nos avistámos: a qualidade do pão que comemos. Em princípio, com certa lógica, responderam que é problema que não lhes diz respeito. Contudo, todos observaram que se impõem a existência de um único tipo de farinha. Enquanto houver dois, a tentação da «mistura» é mais do que certa. Acaba por surgir como a outra compensação para a congelação dos preços, a tolerância de 10 por cento a menos no peso legal do pão. E eles, profissionais de padaria, que desejam condições higiénicas melhoradas, mudança diária de roupa (o que não acontece), que têm consciência da importância do seu tra-

balho, acabam por ser vítimas indirectas deste estado de coisas, as primeiras a quem os dedos são apontados. Clareza e regulamentação: condições básicas que pedem para o exercício do seu mister.



JOSÉ MARIA PINHO



ANTÓNIO VALINHAS

Universalidade do jornal

Cont. da pág. 1

papel o jornal. Precisamente, por se dedicar à actualidade em curso e não tanto pela doutrina ou cultura que procure inculcar, supletivamente em relação ao livro).

O que caracteriza a interacção, que mantém de pé as estruturas da nossa sociedade actual, é a discussão e dependências resultantes dos acontecimentos dia-a-dia. (Aliás não é por acaso que o homem de hoje sente, de forma aguda, a instabilidade).

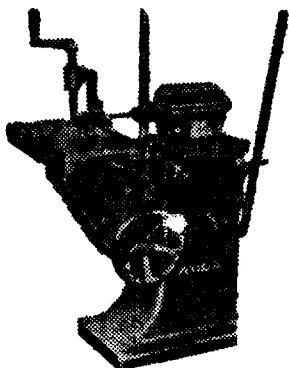
Ora, em todo o diálogo, e também no diálogo social, é elemento essencial para o seu normal decurso a ampla, livre e sincera troca de impressões. E o jornal é um dos instrumentos desse diálogo a nível social. Instrumento, pois, e não fábrica de diálogo, o jornal — que seja autenticamente jornal — nem opera o diálogo (simplesmente o veículo), menos ainda fabrica a famigerada opinião pública (antes é dela joguete porque, também dela é veículo).

Parece pois, que o mais importante para

um funcionamento são e equilibrado deste instrumento de diálogo que é o jornal é a sua isenção e independência. Quando um qualquer «grupo de pressão» — económico, político, ideológico que seja — quer manobrar ou estrangular o jornal para defesa ou propaganda de um qualquer ponto de vista, rouba-lhe uma das suas essenciais características: a universalidade. Universalidade que diz respeito aos assuntos, às ideologias, aos campos de interesse nele versados, bem como ao público que pretende atingir e, com isso, servir.

Sem universalidade, o papel impresso periodicamente, por mais actual e sensacionalista que seja, não passa de mero boletim de informação e ou defesa de interesses de um ou mais grupos (pequenos ou grandes), nunca será um órgão ou instrumento do diálogo social, em serviço da sociedade, da sua opinião e também por reflexo, dos seus valores e conceitos duradouros.

«MIDA»

FURADOR POR BROCA
MODELO FU

UMA FABRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MAQUINAS
PARA AS
INDUSTRIAS
DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF 44147)

Indústria do tomate

Cont. da pág. 7

trabalhem elas de dia ou de noite (oito horas de trabalho diário) são manifestamente insuficientes. Estas operárias não beneficiam de qualquer protecção tendo praticamente o estatuto das camponesas (os salários variam de acordo com a evolução dos salários no campo).

**CRIEMOS
UMA ASSOCIAÇÃO
DE PRODUTORES
DE TOMATE**

O contrato não se faz em pé de igualdade en-

tre industriais, reunidos num grémio, e produtores de 2, 3, ... 12 hectares.

A maioria destes produtores vai deixar de fazer tomate. De facto, o contrato é feito entre uma entidade que o estudou tecnicamente com a ajuda de advogados e economistas e outra (o produtor) a maioria das vezes semianalfabeto sem capacidade de defesa.

Parece-nos que esta situação só se pode solucionar através da criação de uma Associação Nacional de Produtores de Tomate, associação criada a partir dos produtores, seareiros ou pequenos proprietários, que possam discutir em pé de igualdade as condições do contrato com o Grémio dos Industriais de Tomate. Não se entende como o contrato possa ser estabelecido a partir dos industriais, agora reunidos em agrupamentos para a exportação (os agrupamentos, se funcionassem interiormente, criariam problemas. O produtor entregaria à fábrica do agrupamento mais próximo e deixaria a fábrica distante do local de produção sem tomate), para os produtores, sem estes serem ouvidos juridicamente no seu conjunto. A solução só pode provir de uma Associação de Produtores que contrate com o Grémio numa base geral. Cada filiado da Associação com base no contrato ge-

ral fará o seu próprio contrato. Outro processo é necessariamente injusto.

Esta afirmação está generalizada entre os produtores. Manuel Dionísio, a propósito do rendimento do tomate por hectare, disse-nos:

— O ano passado chegou a dar 48 toneladas por hectare. Mas o contrato não me dá qualquer liberdade na venda.



JOSÉ AMORIM

Este número tem importância. Calculando um rendimento médio por hectare de 30 toneladas, podemos deduzir que algumas empresas asseguram mais tomate, através das áreas contratadas, do que a sua capacidade de laboração. Isto permite prever que essas empresas, exigindo ao produtor a entrega total

do tomate, jogam num excesso de produção que lhes permitirá recusar algum tomate em piores condições ou mesmo deixar apodrecer algum na lizéria.

«UMA TONELADA!»

Arcangela pertence a um rancho de Borba com várias mulheres. Tem 18 anos. Trabalha de empreitada na colheita do tomate, comandada por um velhote eficiente. Apanha uma caixa de tomate escolhido em pouco mais de dez minutos.

Arcangela tem o 5.º ano da Escola Comercial e vem com o rancho para ganhar algum dinheiro. São raparigas (muitas) e alguns rapazes jovens:

— Ganhamos 40\$00 por dia. Mas se apanharmos 45 caixas ganhamos sessenta.

Quarenta e cinco caixas de tomate escolhido por dia de trabalho. É possível? Arcangela e outras companheiras mostram que sim. Vieram de Borba do Alentejo. São a outra face da exploração. A exploração dos produtores (porque as fábricas pagam pouco!) face aos ranchos da colheita. Estas moças apanham diariamente mais de uma tonelada de tomate escolhido (45 x 30 quilogramas). São jovens. Algumas têm 13, 14 e 15 anos. Vieram do Alentejo.

(1) Números de 1967.

A marca mais vendida
na Europa

Miele
máquina de lavar louça

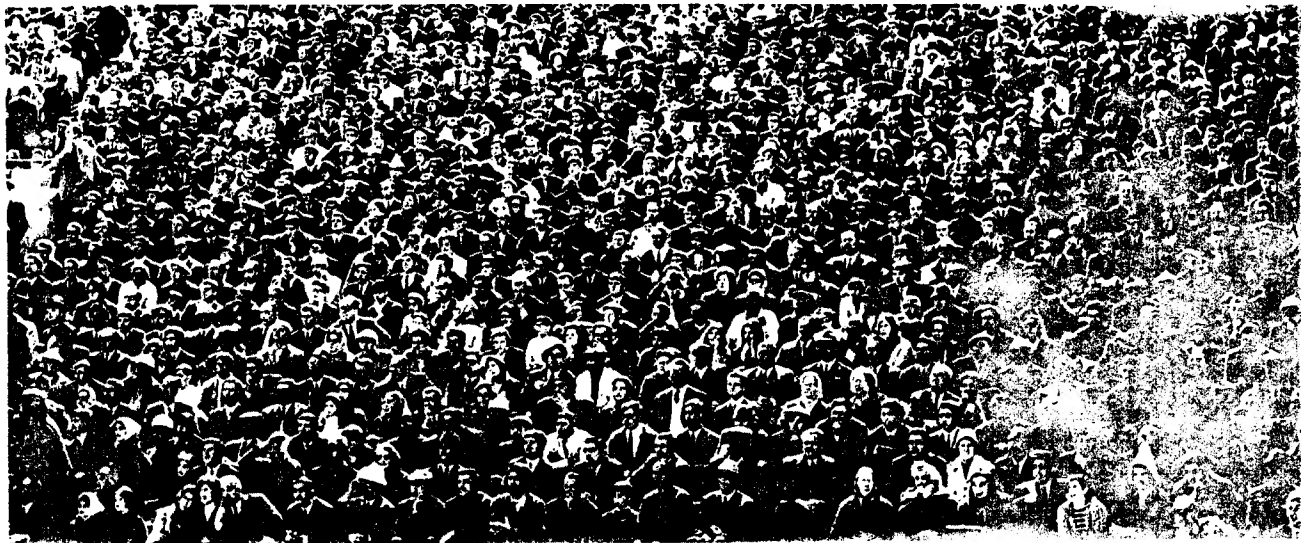
AGENTE OFICIAL

FOLIVEIRA

Electrodomésticos
Av. Almirante Reis, 91-A



O que é o povo?



Com frequência aparece, em textos políticos e outros, a palavra povo. Ora trata-se de uma noção que não é das mais claras. Por esse motivo abrimos um inquérito, interrogando pessoas que, por um motivo ou outro, entendemos qualificadas para nos darem uma resposta.

ANTÓNIO BORGES COELHO

«Não estava nada à espera que me desfechassem uma pergunta dessas, no entanto não me esquivarei a responder.

A ideologia das diferentes grupos sociais faz largo consumo do vocábulo «povo» e — que outras razões não houvesse — tanto bastaria para se não ignorar este conceito na investigação sociológica e histórica. Mas, evidentemente, há que definir com rigor ao menos os seus conteúdos principais e indicar o conteúdo eleito.

Creio que a palavra «povo» mantém hoje duas significações capitais: a primeira designa aqueles que alguns persistem em chamar os humildes e que outros preferem designar como os humilhados e ofendidos na expressão de Dostoiévski.

Esta corrente de significações está na linha da divisão tradicional, que se atribui à Idade Média — Claro Nobreza e Povo —, embora tal nomenclatura não apareça na boca dos nossos medievais. Uma segunda corrente de significações ligados à palavra «povo» designa o conjunto da população que habita um determinado território, com uma história e uma língua comum (mas nem sempre) e com um governo autónomo (mas nem sempre).

A primeira ordem de significados não pode ser utilizada com proveito como ferramenta mental em estudos sociológicos porque os tais humilhados e ofendidos constituem não um grupo social, mas uma amálgama de grupos sociais. O povo ou terceiro estado incluía, no final do Antigo Regime, como se sabe, a burguesia comercial, industrial e da terra, artesãos, operários, diferentes grupos de camponeses, mendigos etc. Ora, ao menos nestes últimos dez mil anos de história, o conceito de classe social, caracterizada pelo papel que cada grupo desempenha na produção da riqueza colectiva, revela-se insubstituível para ver ou ler os movimentos sociais.

Já a segunda ordem de significados encontra a sua utilização na investigação histórica e sociológica porquanto, ao falarmos em povo português, espanhol ou brasileiro, designamos uma realidade irrecusável, carregada de emocionalidades explosivas. Mas mesmo

aqui, usando uma linguagem das ciências da natureza, estamos ao nível molecular e creio que temos que explorar o campo atómico. E neste domínio, o conceito de classe social é o que melhor nos permite apreender o desenrolar da marcha colectiva desses mesmos povos. Se afirmarmos, por exemplo: em 1383-85, o povo português rechaçou a ameaça de absorção por parte de Castela —, não dizemos propriamente uma falsidade, mas estamos ainda na superfície de terreno ideológico.

Talvez não sejam descabidos dois ou três apontamentos sobre a evolução histórica do vocábulo «povo». Como se sabe, «povo» vem do latim «populus». Mas «populus» não abarcava toda a população romana e muito menos os habitantes das províncias conquistadas. Mesmo depois do édito de Caracala que atribuía a cidadania romana a todos os homens livres do Império, ficava ainda de fora a grande massa dos escravos nos quais começava a grassar o cristianismo.

Fernão Lopes que viveu num período de exacerbado anticastelhanismo quando pretende designar a realidade povo português fala no «bom Portugal». Por outro lado, o vocábulo «povo» aparece nos seus escritos ligado a dois objectivos bastante significativos: «comum povo» quando pretende designar aqueles a quem chama mais precisamente «arraia meúda», ventres ao sol» e «comuns»; e «bom povo» quando se refere à união revolucionária de grupos desarmados.

A palavra «povo» ganhou toda a sua carga na Europa com o Liberalismo e o Movimento Romântico, segundo o julgamos, precisamente quando a expansão da burguesia europeia atinge grande intensidade. Heróico, por exemplo, é entre nós um bom consumidor de vocábulo.

A individualidade dos povos é uma riqueza de que a humanidade se não pode dispensar sob pena de empobrecer, ao menos ao nível da nossa contemporaneidade, e constitui uma força política poderosíssima. No entanto, é visível que assistimos no nosso tempo, nesta era final da idade arábia, à erosão rápida das individualidades nacionais e à evolução do seu conceito. Com índices e factores dessa erosão encontramos, a uma análise

de superfície, a construção moderna dos grandes espaços económicos, a revolução dos transportes aéreos e terrestres, a construção das grandes metrópoles urbanas, as migrações, o turismo que desenraizam o homem do século XX no seu rincão de origem. E se por certo a névoa das cidades do Norte se distingue bem das cidades do Meio Dia, a paisagem humanizada é comum. Já se pensou, por outro lado, no papel que a televisão desempenha nos tais países desenvolvidos. E contudo, uma verdade irrecusável parece-me ser a de que a humanidade vai tomando progressivamente consciência de si própria.

CARLOS DE OLIVEIRA

1) Comentador (episódico, aliás) dos contos tradicionais portugueses mais ligados à realidade social, verifiquei que nessas narrativas o povo se identifica predominantemente com a massa camponesa na sua multiplicidade de faixas agrícolas e pequenos artesanatos. Claro, isto não surpreenderá ninguém. Os contos foram recolhidos quase todos nos meios rurais durante os fins do século XIX e começo do século XX, graças a Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Tomás Pires, Ataíde de Oliveira e outros. Além disso, vieram de longe, quando as diferenças entre «a cidade» e «as serras» eram bem maiores do que hoje. Trata-se, portanto, de um povo reduzido ao universo rudimentar e tradicionalista da enxada, do arado de madeira; das oficinas elementares em que se esculpam o bate-sola, o ferreiro, o alfaiate, o marceneiro; das sacristias, dos almocreves conduzindo pela arreata as bestas carregadas, da sopa de pedra, etc. Mas este povo contraria com os outros mundos sociais (o clero, a nobreza, os magistrados, os ricos, os conselheiros reais, o próprio rei) e então a sua atitude crítica irrompe, atinge por vezes as proporções dum verdadeiro panfleto

contra as classes que estão por cima. O povo ridiculariza-as ou intruja-as, servindo-se dum arsenal espartoso de manhas, patranhas e artimanhas, para sobreviver. Entim, um povo astucioso, malhadinho (no sentido aquilino do termo), fazendo das fraquezas forças, transformando a dependência, a coacção e outras servidões, numa espécie de guerrilha lúdica e involuntária que dá a esta literatura picaresca o seu tom mais original.

2). Na literatura neo-realista, o povo é um pouco diferente. A área sociológica em que se move aumentou. Aparecem-nos já a metamorfose do camponês e do artífice em operário; o próprio operário industrial; e certas camadas pequeno-burguesas que recebem a proletarianização acima de tudo, acima do dia-

bo. Mas o trabalhador rural, por força das circunstâncias, locais, ocupa ainda um lugar de primeiro plano. Também o picaresco tradicional é substituído por uma visão dramatizada dos choques sociais, embora persista (e alcance até novas dimensões) algumas narrativas de Fernando Namora e Manuel da Fonseca.

A poesia dos escritores do mesmo movimento ocupou-se igualmente do povo. Não tanto como o romance. Em todo o caso é uma das suas teclas importantes. O que tem irritado nos últimos trinta anos um número considerável de estetas citadinos ou cosmopolitas. Mas porquê? Não foram os neo-realistas, evidentemente, que descobriram esta pólvora. Cesário, por exemplo («Cesário Verde, ó mestre», como dizia Fernando Pessoa), cantou muito antes deles:

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores pousam as enxadas,
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo

Povo! No pano-cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sores, bebes, agonizas;
Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

Cá estão os «homens de carga» (e de descarga), a «vida tão custosa, que diabo». Os cavadores, as enxadas, as «calosas mãos gretadas», «o pano-cru rasgado das camisas» (o pano-cru que é, com a chita, o tecido mais barato do mercado). Cá estão o sofrimento, o vinho, a agonia. Não falta sequer a esperança «bandeira que transluz». Quer-me parecer que os melhores poetas neo-realistas se mostraram talvez mais comedidos. O povo de Cesário, poeta do campo e da cidade (uma Lisboa, de resto, invadida francamente pelas nortas) inclui ainda as varinas (sim, as das «ancas opulentas»), os calceteiros, a arraia-meúda dos «arceais» e das «oficinas», «os mestres carpinteiros, etc. É já o povo dum sociedade pré-industrial, parecido com o do neo-realismo. Cesário foi o exemplo que me ocorreu. Mas há outros antecessores ilustres.

3) Duas notas à margem. A primeira, para garantir o seguinte ao Leitor Distraindo, de que fala Alexandre Pinheiro Torres: o povo não é, pelos vistos, um tema exclusivo dos neo-realistas, nem é também o único tema deles. Quando lhe disserem o contrário, e estão fartos de lho dizer e insinuar (como se fosse um pecado), esteja de pé atrás. Há mesmo obras neo-realistas onde o povo não aparece ou aparece pouco. Já leu Augusto Abelaira? A segunda nota é ainda uma simples verificação: o povo, os rurais, a sua linguagem, os caciques a denúncia da exploração económica e política, os temas sociais, o colonialismo financeiro, regressam pouco a pouco à superfície da literatura moderna, sobretudo através dum ou outro grande romancista sul-americano. Regressam sob formas literárias diferentes

já se vê. E algumas da raiz popular.

4) E pronto. Para um bom entendimento do significado complexo e fluente, da evolução histórico-social, que a palavra «povo» foi tendo na vida portuguesa desde a Idade Média à época contemporânea, permito-me remeter agora o Leitor Atento para o «Dicionário de História de Portugal», dirigido por Joel Serrão. Ali encontrar três elucidativos estudos assinados por especialistas (entre eles o próprio Joel Serrão) e ainda uma bibliografia complementar que lhe permitirá o aprofundamento de vários aspectos do problema.

FERNANDO LOPES GRAÇA

Ao harmonizador de centenas de canções populares portuguesas perguntamos: — O que é para si o povo?

— Harmonizador ou não dessas centenas de canções populares portuguesas o povo é para mim a primeira realidade, a realidade fundamental de uma nação, a que lhe define o próprio ser, a ponto de podermos dizer que a história de uma nação é a história do seu povo, nos seus esforços e nas suas lutas, nas suas vitórias como nas suas derrotas, para se perfilar no tempo e no espaço e para se prolongar, como unidade social. Nesse sentido, todos nós trabalhadores do braco e trabalhadores do esmrito, que, pelos tempos fora, contribuímos para a formação e consolidação dessa unidade, debruçados em que lado do lado vivemos e agimos, somos povo.

Aquilo a que se chama — embora com uma propriedade que não precisa a totalidade do escopo — as minhas «harmonizações» de canções populares portuguesas, constitui da minha parte, e como artista, uma como que homenagem à porção mais humana, mais obscura, e talvez mais desprotegida — mas não menos essencial — deste nosso povo, homenagem que, num «tempo de desprezo», intenta marcar, significá-lo através de uma manifestação artística própria sua, que mais fielmente o retrata e o exprime.

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREZA, 5, 8C e 8D
(AO AREIRO) TEL. 727854-727865-713057



Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas

A Grã-Bretanha expulsa da Commonwealth?

JIM HOAGLAND

NAIROBI — A intenção do Governo britânico de retomar as vendas limitadas de armas à África do Sul dominará, decerto, todas as outras questões, durante as duas reuniões políticas mais importantes do ano em África: a conferência da Organização da Unidade Africana, em Adis Abeba (no próximo dia 1 de Setembro) e a cimeira dos países não alinhados, na Zâmbia (daí a uma semana).

A África Negra não sabe ainda se irá além dos protestos verbais, no caso de a Grã-Bretanha persistir em melhorar as suas relações com a África do Sul levantando o embargo sobre as entregas de armas. A maior parte das medidas possíveis de represália — como o corte das relações diplomáticas — prejudicariam mais os países africanos que a Grã-Bretanha.

Mas o azedume e a violência das reacções dos países africanos surpreendeu claramente o governo Heath. Uma série de reuniões que se desenvolveram este mês, na África do Leste, com a participação da Tanzânia, Zâmbia, Uganda e Quênia indica que as represálias podiam ir até à adopção de medidas restritivas sobre as trocas comerciais e ao desmantelamento dos últimos vestígios do Império britânico — a Commonwealth.

A surpresa britânica deve-se talvez ao facto de o governo de Heath ter contado de mais com a França, que nunca foi censurada em África, apesar de ter vendido material militar à África do Sul depois do embargo britânico de 1964.

Esta diferença de reacções levou alguns a acusar de hipocrisias os países que tão veementemente se atiram à Grã-Bretanha. Mas esta acusação esquece as relações especiais que as duas antigas potências coloniais mantêm com as suas ex-colónias africanas.

Por um lado, as antigas colónias francesas não têm sobre a França os meios de pressão que as antigas colónias inglesas podem exercer sobre a Inglaterra. Por outro lado, grande parte dos países da África francófona estão a intensificar discretamente as suas trocas comerciais com a África do Sul.

Além disso, os franceses continuam a deter os portos-chave nas infra-estruturas da maioria desses países: controlam o exército do Chade, a economia da Costa do Marfim e o sistema de adução de águas do Senegal.

Para que um protesto seja eficaz, é preciso que lhe dêem ouvidos — dizia-me recentemente um jovem funcionário senegalês. É preciso que haja diálogo. Essa possibilidade existe para os paí-

ses africanos de língua inglesa, que a Grã-Bretanha considera como membros da sua família diplomática. Mas, se nos atacássemos os franceses, estes limitar-se-iam a sorrir com indulgência...

DIFERENTES COMPORTAMENTOS

Notam-se estranhas divergências no comportamento pós-colonial das duas grandes potências europeias. Se os francófonos foram muito mais prontos em aceitar social e culturalmente as instituições francesas, o certo é que a França, como nação, não parece ter aceiteado psicologicamente a soberania das suas antigas colónias africanas. E enquanto continuar a cobrir grande parte das despesas dos países africanos de línguas francesas, é pouco provável que modifique a sua atitude.

Sem quererem entrar em pormenores, os diplomatas sul-africanos mostram-se francamente esperançados em estreitar os laços económicos da África do Sul com os países africanos francófonos de economia relativamente forte, como o Gabão, a Costa do Marfim e Madagáscar. Este interesse é bem acolhido pelos africanos, em privado, embora receba desmentidos públicos.

Finalmente há uma certa razão crucial que explica a diferença de comportamento entre os países africanos francófonos e os anglofonos. Basta o simples exame de um mapa para o demonstrar: a maioria dos países francófonos situam-se no Centro e Ocidente africanos (à excepção de Madagáscar, que cultiva a sua amizade com a África do Sul), a Zâmbia está a poucos minutos de um ataque da África do Sul e na Rodésia.

O presidente Kenneth Kaunda tem um medo bem real de um ataque do género. A Tanzânia, cuja costa é vulnerável aos ataques da esquadra sul-africana, nutre os mesmos receios.

Por mais destituídas de realismo que estes temores possam parecer ao outsider, o certo é que os dirigentes dos países africanos de língua francesa são os que têm mais a recear de novas entregas de armas à África do Sul. E, como não têm nenhu-

ma influência sobre a França, vêem-se obrigados a afirmar a sua posição contra os ingleses.

Regra geral, as reacções dos países africanos francófonos da África Ocidental são mais moderadas e será interessante ver com que intensidade a Nigéria irá protestar contra o levantamento do embargo, depois de ter beneficiado das entregas de armas britânicas, durante a guerra do Biafra, apesar dos protestos da oposição interna britânica.

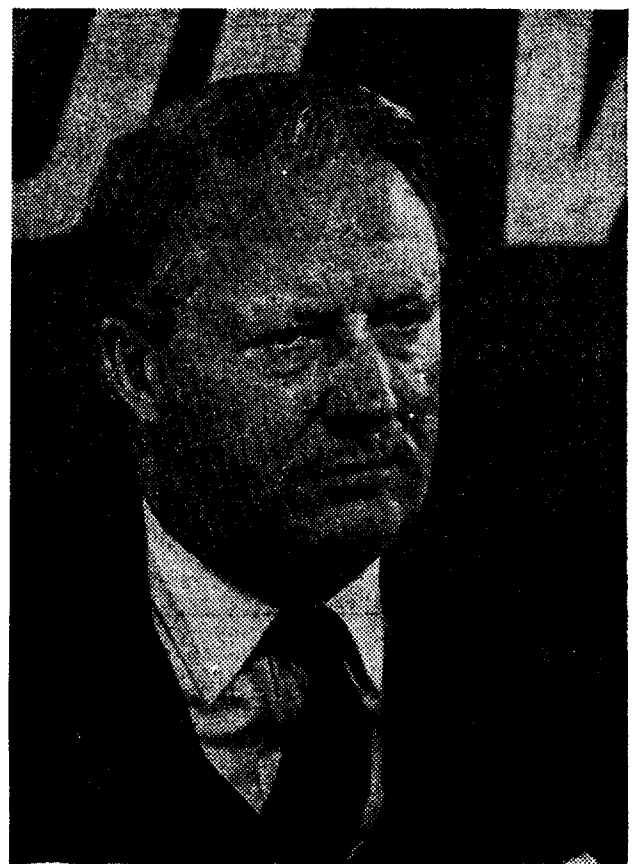
Mas a reacção crucial será a do Quênia, que é o país anglofónico da África Oriental que tem melhores relações com a Grã-Bretanha (e cuja balança de trocas comerciais é positiva).

O Quênia tomou a iniciativa de reunir os ministros dos Negócios Estrangeiros da África Oriental no princípio do mês. E, segundo informações de fontes seguras, mas não confirmadas, te-

ria recomendado que se entrasse calma e decididamente em contacto com o Governo britânico.

Há poucas semanas, os chefes de Estado da Tanzânia, Uganda e Zâmbia reuniram-se em Dar-es-Salaam e anunciaram o seu acordo quanto ao programa de acção comum — que não revelaram — se a Grã-Bretanha reiniciasse as entregas de armas. O presidente Kenyatta não assistiu a esta cimeira, o que possivelmente não tem qualquer significado dada a sua reconhecida hostilidade às viagens. Mas o Quênia parece menos disposto que os três outros países a tomar medidas mais duras.

A ruptura das relações diplomáticas provocaria a suspensão do auxílio económico da Grã-Bretanha, medida radical. O que parece mais provável é que estes países se retirem simultaneamente do Commonwealth, que já enfrenta sérias dificuldades



No ar apreensivo do primeiro-ministro conservador Heath, a imagem dos graves problemas que afligem a Comunidade Britânica

Outra possibilidade seria a expulsão da Grã-Bretanha da Organização que ela própria fundou e alimenta com os seus fundos.

Todas estas possibilidades vão ser passadas em revista durante a próxima conferência da Organização da Unidade Africana e a cimeira dos países não alinhados. A

este propósito a iniciativa do Governo britânico de adiar a sua decisão final seria útil ao governo de Heath, que poderá fazer uma ideia, ao longo das próximas semanas, da maneira como a África reagiria a um levantamento do embargo.

Exclusivo «Washington Post» - «D. L.»

A situação em Atenas

Oitenta comunistas, ou como tal supostos, que tinham sido deportados para a ilha de Leros, foram recentemente libertados e conduzidos ao Pireu. Esta medida segue-se ao anúncio feito pelo secretário de Estado grego para a Informação, Gheorgalas, da libertação próxima de quinhentos presos políticos. O mesmo anunciou ainda a aplicação integral, até ao fim do ano, da Constituição de 1968 e a próxima passagem de passaportes aos políticos do «antigo regime».

Os militares no poder em Atenas fizeram muitas promessas não cumpridas, pelo que se levantam dúvidas sobre o alcance real desta nova ofensiva de «liberalização». Se acreditarmos no senhor Gheorgalas, ao parêntese constituído pela revolução saída do golpe de Estado, há três anos e três meses, está agora quase fechado. É, sem dúvida, dizer muito. Numa entrevista recente ao «Sunday Telegraph», o primeiro-ministro Papadopoulos afirmava, é certo, que a lei marcial — sob o regime da qual os gregos vivem desde o golpe de força de 21 de Abril de 1967 — já não passava de uma «sombra»; mas acrescentava que tal «sombra» era muito útil para contrapor a um «espírito de anarquia muito intenso». É muitas vezes sob a inculpação de infracção à lei marcial que os opositores ao regime são julgados e severamente condenados. Ainda na semana passada vinte e uma pessoas compareceram perante a jurisdição militar de Atenas.

Devem tomar-se mais a sério as recentes declarações de Gheorgalas do que as que se precederam. Parece não se poder separá-las da luta envolvendo as diversas facções do governo grego.

Se, na verdade, a junta propriamente dita, que constitui a tendência «dura» do regime, demonstra uma hostilidade sem limites ao mundo político tradicional, a posição de Papadopoulos é completamente diferente. Este último, que concentrou nas suas mãos as funções de chefe do

Governo, de ministro da Defesa e, há pouco tempo, de ministro dos Negócios Estrangeiros, rodeou-se pouco a pouco de um pessoal constituído por gestores, preocupados antes de tudo com a eficácia. A reforma ministerial de 29 de Junho último esclarece a evicção progressiva dos militares pelos «tecnocratas». Estes, a instâncias do primeiro-ministro, desejam tirar o regime do isolamento e procuram persuadir um certo número de homens políticos que ocuparam funções importantes antes do golpe de Estado de 1967 a que lhes dêem publicamente a sua adesão.

As pressões exercidas, nomeadamente durante os três últimos meses, pelos Estados Unidos sobre o regime de Atenas não são estranhas à vontade de abertura manifestada por Gheorgalas. A Casa Branca, preocupada com a crescente presença soviética no Mediterrâneo oriental, está muito tentada a reconsiderar as restrições decretadas, após a chegada dos coronéis ao poder, à venda de armamentos pesados a Atenas. Dispõe, sem dúvida, junto da opinião mundial, de um argumento de peso com o desenvolvimento recente das relações entre a Grécia e os países comunistas vizinhos. Os Estados Unidos não podem, contudo, permitir-se um choque frontal com aqueles dos seus aliados que continuam resolutamente hostis ao regime grego.

É por esta razão que a diplomacia americana não parou um momento na sua tarefa de convencer os dirigentes de Atenas para empreenderem processos de «liberalização».

Acontece que estas medidas surgem num momento em que a oposição ao regime demonstra as suas divisões. Farto de esperar, o povo grego acabará por contentar-se com uma paródia de democracia? É visivelmente a esperança de Papadopoulos e o sentido dos seus actuais esforços.

(Exclusivo «Le Monde» - «D. L.»)



MESA REDONDA